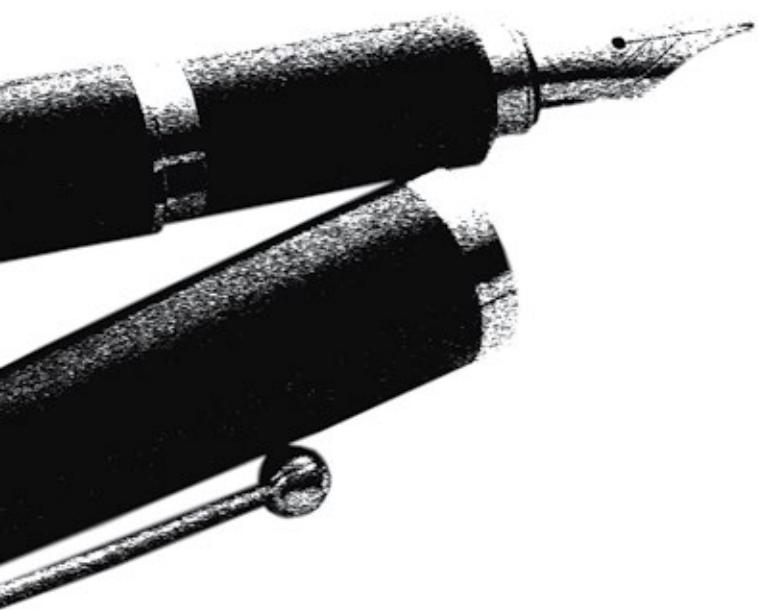


10 Nomes Histórias

10 nomes · 10 histórias
LUSOPRESS

com o Alto Patrocínio

FIDELIDADE
ASSUREUR DEPUIS 1808



10 Nomes Histórias

10 nomes · 10 histórias
LUSOPRESS

com o Alto Patrocínio

FIDELIDADE
ASSUREUR DEPUIS 1808



Lídia Sales

A conversa havida entre o então candidato à Presidência da República e agora Presidente Marcelo Rebelo de Sousa e Gomes de Sá deu o mote para a 1^a edição do livro 10 Nomes 10 Histórias.

Dizia eu, aquando do lançamento da 1^a edição do livro, que não seria difícil projectarmo-nos para a segunda edição, pois são tantas as histórias a contar que matéria não faltaria.

Passou um ano e aqui estamos com mais 10 histórias de vida, uma delas recolhidas do outro lado do oceano; as histórias contadas na primeira pessoa são diferentes com um denominador comum, a vontade de vencer.

Os meus agradecimentos vão para o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, o Presidente da CCIFP Carlos Vinhas Pereira, Joana Moreira, João Cazenave e Wilkerson Alves.

La conversation qu'il y a eu entre le candidat à la Présidence de la République Portugaise à l'époque, l'actuel Président Marcelo Rebelo de Sousa et Gomes de Sá, a donné l'idée pour la première édition du livre " 10 Nomes 10 Histórias".

Je disais au moment du lancement de la première édition du livre que cela ne serait pas difficile d'envisager la deuxième édition parce qu'il y a beaucoup d'histoires à raconter et il ne manquerait pas de matériel.

Une année est passé et voilà, qu'on est ici encore avec dix histoires de vie, l'une d'entre elles provient de l'autre côté de l'Océan. Les histoires racontées à la première personne sont différentes, mais elles ont toutes un point commun, la volonté de vaincre.

Mes remerciements vont directement au Président de La République Portugaise, Marcelo Rebelo de Sousa, au Président de la CCIFP, Carlos Vinhas Pereira, Joana Moreira, João Cazenave et Wilkerson Alves.

The talks held between the then Candidate for President, now President Marcelo Rebelo de Sousa and Gomes de Sá, provided the idea for the 1st edition of the book "10 Nomes 10 Histórias".

As I said at the book launch, it would not be difficult create the second edition because there are so many stories to tell, that we would have plenty of material.

A year has already passed since then and here we are with over 10 life stories, one of them gathered on the other side of the ocean. The stories told in the first person are different with a common denominator, the will to win.

My thanks go to the President Marcelo Rebelo de Sousa, to the President of CCIFP Carlos Vinhas Pereira, Joana Moreira, João Cazenave and Wilkerson Alves.

10 Nomes 10 Histórias 2016



Joana Moreira

Quanta saudade cabe num dia, num ano, num livro? Ontem liguei para Portugal e atendeu-me a saudade. Sinto que me persegue desde o dia que emigrei. Sinto saudades dos lugares, daqueles cheiros intrínsecos, mas sobretudo das pessoas. Ao longe ouvi o sino da aldeia ou terá sido uma alucinação durante a chamada? Certo é que vou ter mais um primo. A Sara tem um namorado novo. A avó está melhor, com a tia também está tudo bem e a pequena Matilde já se veste sozinha, já conversa ao telefone e pergunta-me como é a minha casa em Bruxelas.

Aqui, a minha casa está mais vazia do que a de Portugal. Tem menos histórias, menos recordações, mas todos os dias construo uma memória nova. E quando estou longe desta casa, também sinto falta dela. Sinto falta do frenesim da cidade, do cheiro a gauffre ao virar da esquina, dos desenhos de banda-desenhada nas paredes. Sinto também falta das pessoas que me acompanham deste lado da fronteira. Afinal ser emigrante é assim mesmo. Vivemos numa corda bamba, divididos entre cá e lá, sem saber verdadeiramente onde nos sentir em casa. Trazemos as novas oportunidades numa mão e as memórias na outra. Aprendemos a sentir saudades, a viver com aquele nó na garganta e tornamo-nos mais fortes.

Este é o ponto que eu tenho em comum com as 10 histórias de vida apresentadas neste livro. Eles também correram atrás de um sonho, atrás de uma nova oportunidade e sentiram saudades desmedidas. Alguns viveram também divididos entre duas casas, duas línguas, com dois países no coração, mas nunca se esqueceram de ligar para Portugal.

Pelo segundo ano consecutivo, conheci 10 nomes, escrevi 10 histórias e cresci muito. Agradeço aos Directores da Lusopress, Lídia Sales e José Gomes de Sá, por mais uma vez confiarem no meu trabalho e agradeço também à minha família e amigos por todo o apoio incondicional.

Combien de nostalgie il y a dans une journée, une année, un livre? Hier, j'ai téléphoné au Portugal et ça a été la nostalgie qui a décroché. Je ressens qu'elle me poursuit depuis que j'ai immigré. Certains endroits me manquent, certaines odeurs, mais surtout ce sont les personnes. Au loin j'ai écouté le son de la cloche ou je ne sais plus si ça a été une hallucination durant l'appel. Ce qui est certain c'est que je vais avoir un petit cousin. Je viens de savoir que Sara elle a un nouveau petit ami. Ma grand-mère va bien, ma tante aussi et la petite Matilde elle s'habille déjà toute seule, elle parle déjà au téléphone et me pose des questions sur ma maison à Bruxelles.

Ma maison ici, elle est moins remplis que celle du Portugal. Elle a moins d'histoire, moins de souvenirs, mais tous les jours je construis une nouvelle aventure. Et quand je suis loin de cette maison, je ressens déjà le manque. Je ne retrouve plus l'agitation des gens de Bruxelles, des odeurs des gaufres chaudes, des fresques des bandes-dessinés sur les murs et surtout des personnes qui m'accompagnent. Au final être immigrant c'est ça. On danse sur une corde, on se sent divisé entre les origines et le pays d'accueil, sans savoir réellement où on habite. On porte sur une main des nouvelles opportunités et sur l'autre les mémoires. On apprend à vivre avec cette nostalgie, avec ce noeud dans la gorge qui nous rend plus forts.

ça c'est le point commun que j'ai avec ces dix histoires présentées dans ce livre. Ils ont également courus derrière un rêve, une nouvelle opportunité et ils ont aussi ressentis cette nostalgie. Certains ont vécu divisés entre deux maisons, deux langues, avec deux pays dans le cœur, mais ils n'ont jamais oublié de téléphoner au Portugal.

Pour la deuxième année consécutive, j'ai connu dix noms, j'ai écrit dix histoires et j'ai grandi beaucoup. Je remercie les directeurs de la Lusopress, Lídia Sales et José Gomes de Sá, pour encore une fois m'avoir confié ce travail et je remercie également ma famille, mes amis pour leur soutien inconditionnel.

How nostalgic it's a day, a year, a book? Yesterday I made a call for Portugal and the longing picked up the phone. I feel like she's chasing me since the day I immigrated. I miss the places, those intrinsic smells, but especially the people. From far away, I heard the bell of the village or was it an hallucination during the call? It's certain that I will have another cousin. Sara has a new boyfriend. Grandma is better, with the aunt is also everything okay and the little Matilde already gets dressed alone, talk on the phone and asks me how is my home in Brussels.

Well, here my house is emptier than that of Portugal. It has fewer stories, less memories, but every day I build a new one. And when I'm away from this home, I miss her too. I miss the frenzy of the city, the smell of gauffre just around the corner, the cartoons drawings on the walls, and I miss the people who accompany me on this side of the border. After all, being an emigrant is like this. We live on a tightrope, divided between here and there, without knowing really where we feel at home. We bring new opportunities in one hand and the memories on the other. We learned to live with nostalgic, to live with that lump in the throat and we become stronger.

This is the point that I have in common with the 10 life stories presented in this book. They also chased a dream, looking for a new opportunity and they felt nostalgic. Some of them also lived divided between two houses, two languages, with two countries at heart, but they never forgot to do a phone call for Portugal.

For the second consecutive year, I met 10 names, I wrote 10 stories and grew up a lot. I thank the directors of Lusopress, Lídia Sales and José Gomes de Sá, by once again trust in my work and I'm also grateful to my family and friends for all the unconditional support.



Gostaria de agradecer, antes de mais, a Lusopress pela honra que me foi atribuída ao prefaciar a segunda edição desta saga “10 nomes, 10 histórias”. Este conceito, da autoria ou diria mesmo cuja vontade é do Professor Marcelo Rebelo de Sousa, reflete nesta publicação uma forma de homenagear a comunidade portuguesa, que reside em França, através de 10 personagens, 10 histórias e, na realidade, 10 vidas. Esta visão deste grande professor, que se tornou, entretanto, Presidente da República portuguesa, faz todo o sentido, uma vez que se tornaria Presidente de todos os portugueses espalhados pelo mundo.

A minha intenção, na qualidade de Presidente da Câmara de Comércio e Indústria Franco-Portuguesa, consistirá simplesmente em congratular esta iniciativa que reveste, na minha opinião, uma importância primordial para a sua capacidade em destacar estas personagens através do respetivo percurso de vida, no âmbito da transmissão destas experiências para o futuro das próximas gerações dentro da nossa comunidade.

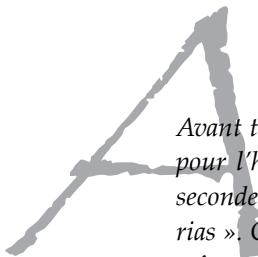
Pela minha parte, atrever-me-ia a comparar estes ciclos de vida com o lançamento de um foguetão praticado por algumas grandes nações, ou seja, as nossas primeiras gerações de portugueses, onde quer que estejam no mundo, que serviram igualmente como propulsores para as segundas gerações,

Carlos Vinhas Pereira

Presidente da Câmara de Comércio e Indústria Franco-Portuguesa

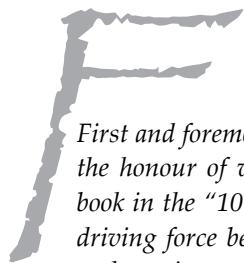
Président de la Chambre de Commerce et d'IndustrieFranco-Portugais

President of the Franco-Portuguese Chamber of Commerce and Industry



Avant toute chose, je tiens à remercier Lusopress pour l'honneur qui m'est attribué de préfacer la seconde édition de cette saga « 10 nomes, 10 historias ». Ce concept qui émane de l'idée ou je dirais même de la volonté du Professeur Marcelo Rebelo de Sousa qui vit dans cette publication, une manière de rendre hommage à la communauté portugaise de France au travers de 10 personnages, 10 histoires à vrai dire 10 vies. Aujourd'hui cette vision de ce grand professeur devenu entre-temps Président de la République portugaise prenait tous son sens puisqu'il devenait le Président de tous les portugais dans le monde.

Mon propos en tant que Président de la Chambre de Commerce et Industrie Franco Portugaise sera en toute simplicité de féliciter cette initiative qui à mon sens revêt une importance primordiale dans sa capacité à mettre en lumière ces personnages dans leur parcours de vie afin de perpétuer l'importance de ces expériences pour l'avenir des



First and foremost, I'd like to thank Lusopress for the honour of writing the preface to the second book in the "10 nomes, 10 historias" series. The driving force behind this concept were the ideas and persistence of Professor Marcelo Rebelo de Sousa, who pays homage to the Portuguese community in France by telling 10 different stories, featuring the lives and fates of 10 different people. This great professor has since become the President of Portugal, and his words carry even more weight as he speaks for every Portuguese person in the world.

As the President of the Franco-Portuguese Chamber of Commerce and Industry, all I can do is applaud this initiative. For me, this is a vitally important project; a project which can shine light on these people, their lives and their experiences. It will carry on their legacies and experiences for the future generations in our community.

colocando em órbita as terceiras gerações que, por sua vez, vão permitir às seguintes atingir o objetivo final.

Em termos aeroespaciais, o objetivo consistiu em aterrissar e hoje seria aterrissar no planeta Marte. No nosso caso, os nossos pais serviram como propulsores, proporcionando toda a sua energia, para que os seus filhos fossem preparados, com maior segurança, para enfrentar outra vida diferente da sua. Desta forma, estes últimos poderiam, por sua vez, transmitir ainda mais conhecimentos e experiências para “aterrizar” na vida e fazerem parte integrante deste novo espaço de vida, participando em igualdade de circunstâncias com aqueles que já se encontravam presentes. Trata-se de uma imagem e ilustração pessoal, mas que caracteriza os 10 nomes presentes nesta segunda edição.

Todos demonstraram este instinto de sobrevivência económica, todos envidaram esforços e talentos atípicos significativos e todos o fizeram pela sua descendência, sem negar, a qualquer momento, as suas origens, salientando, muito pelo contrário, a sua portuguesidade e irradiando esta em redor deles. Os 10 nomes, que homenageou nesta obra, têm como ponto comum serem portugueses

futures générations au sein de notre communauté.

Pour ma part j'oserai comparer ces cycles de vie au tirs de fusées pratiqués par certaines grandes nations, à savoir nos premières générations de Portugais où qu'ils soient dans le monde ont servi ou servent encore de propulseurs pour les secondes générations qui elles-mêmes vont lancer en orbite les troisièmes qui vont à leur tour engendrer celles qui vont atteindre l'objectif final.

En aérospatial le but a été de se poser sur la Lune et aujourd'hui cela serait de se poser sur Mars, dans notre cas nos parents ont servi de propulseur en donnant toute leur énergie pour permettre à leur enfants de se lancer avec une plus grande sécurité dans une autre vie que la leur et à leur tour transmettre encore plus de connaissance et d'expérience pour se poser et faire partie intégrante de ce nouvel espace de vie et faire jeu égal avec les ceux qui étaient déjà présent. C'est une image et une illustration qui m'est propre mais qui caractérise les 10 noms présent dans cette seconde édition.

Tous ont eu cet instinct de survie économique, tous ont déployé des efforts et des talents hors du commun et ils l'ont tous fait au bénéfice de leur descendance sans à aucun moment re-

I'd like to compare these life cycles to the rockets launched into space by other great nations. The first generations of Portuguese people, wherever they are in the world, act as boosters for the next generation. This second generation can then launch the third generation into orbit, who will then pass on to future generations and eventually reach their final objective, wherever that may be.

For the aerospace industry, the objective was to land on the Moon and then make the journey to Mars. For us, our parents provided the energy for their children to go forth in life with greater security and opportunities than they had. They passed on all their knowledge and experience to ensure their children would land safely, make a success of life in their surroundings and have the same opportunities as those who were already there. This is just the image that I have, but I feel that it is perfectly represented by the 10 people at the heart of this second edition.

Every character has this inherent drive to survive and succeed. Each one used their own special talents and effort, doing everything possible to help their children while never turning their back on their origins. They were all proud of their Portuguese heritage, and did what they could to promote their unique cul-

no estrangeiro e a maioria faz parte da Câmara de Comércio e Indústria Franco-Portuguesa, que experimentou o empreendedorismo, a fim de construir outra vida para os seus filhos e para os trabalhadores contratados nessa altura. Falamos regularmente no próprio sucesso destes empreendedores, mas esquecemo-nos frequente e erradamente de falar das vidas que permitiram construir, aquando da criação dos empregos à sua volta, sendo que nada disto teria sido possível sem o seu espírito de iniciativa e os seus próprios sacrifícios.

Permita-me que os agradeça e que estas 10 experiências de vida possam inspirar outras, para transmitir esta iniciativa de criação de valor económico, respeitando simultaneamente os nossos valores humanos.

Não poderia terminar, de outra forma, senão mencionando uma citação do Presidente Professor Marcelo Rebelo de Sousa acerca destes 10 nomes e de todos os portugueses espalhados pelo mundo, que subscrevo totalmente:

“Valemos muito mais do que pensamos ou dizemos”.

nier leur origines et bien au contraire en mettant en avant leur portugalité et en la faisant rayonner autour d'eux. Les 10 noms auxquels il est rendu hommage dans cet ouvrage ont comme point commun d'être des portugais de l'étranger et la plupart sont des membres de la Chambre de Commerce et Industrie Franco Portugaise qui ont tenter l'expérience de l'entrepreneuriat afin de construire une autre vie au bénéfice de leurs enfants et des salariés embauchés à cette occasion. On parle souvent de la propre réussite de ces entrepreneurs mais on oublie bien souvent et à tort de parler des vies qu'ils ont permis de bâtir en créant des emplois autour d'eux et tout ça grâce à leur esprit d'initiative et à leur propres sacrifices.

Qu'ils en soient remerciés et que ces 10 expériences de vie puissent en inspirer d'autres afin de perpétuer cette démarche de création de valeur économique dans le respect de nos valeurs humaines.

Je ne pouvais pas terminer autrement que par une citation du Président de ces 10 noms et de tous les portugais du monde, Professeur Marcelo Rebelo de Sousa à la laquelle j'adhère complètement :

“Valemos muito mais do que pensamos ou dizemos”.

ture and history. The 10 names featured in this work are all Portuguese people in a foreign land, and most are members of the Franco-Portuguese Chamber of Commerce and Industry who created their own businesses in an effort to build another life and provide opportunities to both their children and their employees. We like to talk about the success of these individual entrepreneurs, but all too often we forget the lives that they build by creating jobs for others. This is the fruit of their own resourcefulness and their own sacrifice.

My wish is for these people to receive the credit they deserve, and for these 10 life stories to inspire others to create wealth, jobs and prosperity in a way that respects our true values.

I couldn't leave without quoting the President of these 10 people and every other Portuguese person in the world, Professor Marcelo Rebelo de Sousa. These are words that I hold close to my heart:

“Valemos muito mais do que pensamos ou dizemos”.



Amândio Silva pág. 12

Armindo Freire pág. 30

David Fernandes pág. 48

Idelberto Medina pág. 66

Joaquim Barros pág. 84

José Gonçalves pág. 102

Laurentino Aldeia pág. 120

Luis Neto Ferreira pág. 138

Maria Da Conceição Silva pág. 156

Mário Martins pág. 174

Amândio Silva

“A maior herança que se pode deixar
a um filho é o bom nome”

“Le plus grand héritage que l'on peut laisser
à ses enfants c'est le patronyme prestigieux”





P

Passavam poucos minutos das cinco da tarde e fazia-se sentir um calor abafado naquela encosta de Sintra. Quatro trabalhadores preparavam-se para deixar as instalações da fábrica Gresilva, mas para trás ficava ainda Amândio, aguardando pela nossa chegada. Recebeu-nos com o sorriso que todos conhecem e a boa disposição que o caracteriza. Aos 75 anos ainda é uma presença assídua na empresa e passeia-se pelo edifício com a mesma energia com que o construiu. No *showroom* os equipamentos expostos brilhavam, na fábrica as ferramentas estavam simetricamente arrumadas e nos escritórios o número de dossiers espelhava a dimensão do negócio. Na década de 80, o empresário inventou um Grelhador Eléctrico Vertical, foi galardoado com a Medalha de Ouro na Exposição Internacional de Inventores em Nuremberga, na Alemanha, e colocou este produto no mercado em Portugal. Quando começou, sentiu que remava contra a maré, mas no final conseguiu levar o barco a bom porto. Sentado numa poltrona, com a janela virada para a aldeia que o viu crescer, o empresário contou-nos como percorreu esta rota até ao sucesso.



Dans cette colline de Sintra, peu après 17 heures, il y avait une chaleur étouffante, lorsque quatre employés se préparaient à quitter les installations de l'usine GRESILVA, mais derrière il restait encore Amândio, qui attendait notre visite. Il nous a reçu avec le sourire que tout le monde lui connaît et la bonne humeur qui le caractérise. À 75 ans, il maintient toujours une présence assidue dans l'entreprise et s'y promène avec la même énergie qu'il possédait quand il l'a construite. Dans le showroom, les équipements exposés brillaient, dans l'usine les outils étaient rangés d'une façon symétrique et

dans les bureaux le nombre de dossiers était le reflet de la dimension des affaires. Dans les années 80, l'entrepreneur a inventé un barbecue électrique vertical; il a été récompensé par la médaille d'or au Salon International de l'Invention à Nuremberg, en Allemagne, et il a lancé ce produit sur le marché au Portugal. Quand il a commencé, il a senti qu'il ramait à contre-courant, mais au final il a réussi à mener son bateau à bon port. Assis sur un fauteuil, la fenêtre avec vue sur le village qui l'a vu grandir, l'entrepreneur nous a raconté son parcours jusqu'au succès.

Um pequeno grande empreendedor

Estávamos em Almargem do Bispo, uma pequena aldeia do concelho de Sintra conhecida pela sua pacatez. De facto, o maior movimento passava-se em torno daquela fábrica, de onde entram e saem todos os dias mais de 30 trabalhadores. Olhando para os campos que cercam a metalúrgica e servem de pano de fundo, Amândio diz-nos que passou a infância ali perto, "mais ou menos a uns 500 metros". Quando terminou a quarta classe, não quis estudar mais e foi trabalhar para a mercearia da família. "A minha avó tinha um pequeno estabelecimento e naquela altura apanhou uma pequena gripe, por isso, o meu pai levou-me para ajudar a tomar conta do negócio", recorda. Era uma criança alegre, tinha um bom círculo de amigos, por isso, depressa passou a ser um "bom comerciante". Quando fez 13 anos, recebeu



Casamento com Natália Galrão da Silva a 27 de Outubro de 1962
na Igreja Paroquial de Almargem do Bispo



“ Un petit-grand entrepreneur ”

Nous nous trouvions à “Almargem do Bispo”, un petit village appartenant à la ville de Sintra, connu pour sa tranquilité. En effet, la plus grande “agitation” se concentrat autour de cette usine, par où rentrent et sortent tous les jours une trentaine d’employés. En même temps qu’il regardait les champs qui entouraient l’usine métallurgique, constituant une toile de fond, Amândio nous raconte qu’il a passé son enfance pas loin de cet endroit, “à 500 mètres environ”. Dès qu’il a terminé l’avant dernière année de l’école élémentaire (CM1), il ne voulait plus y continuer et il a commencé à travailler dans l’épicerie de la famille. “Ma grand-mère avait un petit commerce et, à ce moment-là, elle a attrapé la grippe, ce qui a poussé mon père à m’emmener avec lui pour donner un coup de main dans l’épicerie”, rappelle-t-il. Il était un enfant joyeux, avec un bon cercle d’amis, ce qui lui a permis de devenir un “bon commerçant”. Pour ses 13 ans, il a eu son premier vélo et ne s’est plus jamais rendu à pied au travail; à 15 ans, il a été promu et on pouvait l’apercevoir dans le village, se baladant en mobylette; dès qu’il a atteint la majorité, il roulait alors en camionnette pour vendre du pain en porte-à-porte. “J’ai toujours voulu me mettre à mon compte, parce que j’ai toujours aimé travailler et gagner de l’argent. À 18 ans, j’ai acheté une quote-part dans la boulangerie du quartier”.

Il avoue qu’il adorerait profiter de la vie, mais “elle est devenue trop occupée pour pouvoir le faire”. Pendant la nuit, il travaillait dans la fabrication du pain et, le matin, il allait le vendre dans les villages à proximité. L’habileté s’est allié au talent et, déjà, à cette époque, Amândio profitait de son parcours pour négocier, en parallèle, pour “d’autres produits,



Comemoração das Bodas de Ouro em 2012



Natália e Amândio Silva

a primeira bicicleta e deixou de ir a pé para o trabalho, aos 15 anos foi promovido e já se passeava pela terra com uma motorizada, assim que atingiu a maioridade passou a andar de carrinha e começou a vender pão de porta em porta. “Eu sempre tive tendência para me lançar por conta própria porque gostava de trabalhar e ganhar dinheiro. Quando tinha 18 anos comprei uma quota na padaria local”.

Confessa que adorava aproveitar a vida, mas “ela começou a ser demasiado ocupada para o fazer”. Durante a noite trabalhava no fabrico de pão e durante a manhã percorria as aldeias das redondezas para vendê-lo. A habilidade aliou-se ao engenho e já naquela altura Amândio aproveitava o caminho para negociar também “outras coisas como umas máquinas de costura usadas”. Em poucos anos transformou-se num pequeno grande empreendedor e rapidamente passou a ser o encarregado da empresa, mas sonhava com mais. “Dizia aos colegas da padaria que tinha de inventar qualquer coisa diferente e inovadora para conseguir trabalhar com honestidade, seriedade e apostar num nome”, mas eles riam-se, provavelmente porque não entendiam a sua determinação. Em 1969 vendeu a quota que tinha na padaria e, desafiado por um investidor, deu início a um novo negócio e montou uma agência funerária. Foi um grande desafio, mas Amândio foi logo inovador, sendo capaz de desenvolver e modernizar uma actividade que aos olhos de muitos era impossível. O primeiro negócio nada tinha a ver com o que desenvolveu posteriormente, mas foi nessa altura que encontrou



Amândio Silva e os seus dois sócios e irmãos, Álvaro Silva e Agostinho Silva

tels que des machines à coudre d’occasion”. En peu de temps, il est devenu un “petit-grand” entrepreneur et, très rapidement, il devient le dirigeant de l’entreprise, mais il rêvait de plus encore. “Je disais à mes collègues de la boulangerie qu’il fallait que j’invente quelque chose de différent, d’innovateur, pour réussir à travailler sérieusement, en toute honnêteté et miser sur un nom de famille”, mais les collègues rigolaient, parce qu’ils ne comprenaient pas sa détermination. En 1969, il a vendu sa quote-part de la boulangerie et, mis au défi par un investisseur, il a débuté une nouvelle affaire. Il a ouvert une agence funéraire. Cela fut un grand défi, mais Amândio a su prouvé sa capacité d’innover, tout en développant et modernisant une activité qui semblait impossible pour plusieurs personnes. Sa première activité ne ressemblait pas du tout à celle qu’il a développée plus tard; néanmoins, c’est à ce moment-là, qu’il a trouvé sa vocation et qu’il a parié sur un nom de famille, qui est devenu une référence – GRESILVA. “Heureusement, aujourd’hui, nous avons un nom honorable à propos duquel nous pouvons parler dignement et cela représente beaucoup pour moi”, souligne-t-il.



1993 - Amândio Silva com as suas primeiras invenções nas instalações da GRESILVA



O primeiro grelhador horizontal



a sua vocação, apostou num nome, passou a ser uma referência e nasceu a Gresilva. "Hoje felizmente temos um nome digno de se falar nele e para mim isso é muito importante", sublinha.

De “engenhocas” a inventor

Era um jovem com 39 anos que não tinha qualquer formação na área, nem qualquer tipo de experiência no ramo. Aparentava apenas ter a capacidade necessária para começar do zero sem receios. "Eu não era metalúrgico, nem carpinteiro, mas fiz máquinas para trabalhar a madeira na oficina de um amigo e depois fazia mesmo



1981 - Amândio Silva e seu pai Domingos da Silva,
na Feira Internacional de Inventores em Nuremberga

De "petit génie" à inventeur

C'était un jeune homme de 39 ans qui n'avait aucune formation dans ce domaine, ni d'expérience dans cette branche d'activité. Il avait tout simplement l'allure d'une personne dotée de la force nécessaire pour recommencer à zéro sans craintes. "Je n'étais ni expert dans la métallurgie, ni menuisier, mais j'ai fait des machines pour travailler le bois dans l'usine d'un ami et, après, j'étais même capable de faire les urnes tout seul", nous dit-il.

L'entrepreneur a toujours été un véritable "petit génie" dans le bon sens du terme et a toujours insisté, de façon convicte, sur " le désir de découvrir une innovation". Un jour, il a connu un médecin qui lui a parlé sur les dangers des grills au charbon; alors l'entrepreneur a utilisé tous les moyens à sa disposition afin de découvrir une solution plus saine.



Natália Silva, Amândio Silva e a sua mãe Florinda Machado na comemoração dos 25 anos da GRESILVA



as urnas sozinho”, diz-nos. O empresário foi sempre um verdadeiro “engenhocas” no bom sentido do termo e continuava a afirmar com veemência “ aquela ideia de encontrar uma inovação”. Um dia conheceu um médico que lhe deu a conhecer os perigos dos grelhados no carvão e o empresário não descansou até encontrar uma alternativa mais saudável. “Foi isso que me levou a inventar a tal máquina de grelhar frangos eléctrica. Depois do médico me dizer aquilo, eu já não descansei enquanto não a vi à minha frente”. Perdeu muitas horas de sono, ganhou calos, cansaço, mas conseguiu finalmente criar um grelhador vertical eléctrico. “Eu tive a felicidade de inventar um produto que tinha rentabilidade para quem utilizava. Criei a máquina mais económica para assar frangos. A gordura cai directamente na água e não chega a ser queimada pela fonte de energia porque isso é prejudicial. Os nossos grelhadores permitem grelhar sem queimar a gordura, evitando as substâncias cancerígenas”, explica.

“C'est pour cette raison que j'ai eu envie d'inventer la machine électrique à griller les poulets. Après avoir parlé avec le médecin, il me fallait voir cette machine devant moi”. Il a perdu plusieurs nuits de sommeil, il a eu des calosités et beaucoup de fatigue accumulée, mais il a réussi, au final, à créer un grill électrique vertical. “J'ai eu la chance d'inventer un produit qui avait de la rentabilité pour ceux qui l'utilisaient. J'ai créé la machine la plus économique pour griller des poulets. La graisse tombe directement dans l'eau et n'est pas brûlée par la source d'énergie, ne portant pas atteinte à la santé. Nos barbecues électriques permettent de griller la viande sans brûler la graisse, évitant les substances cancérigènes”, explique-t-il.

La première création a mérité, en 1981, la Médaille d' Honneur, en Allemagne. Ce voyage jusqu'en Nuremberg pour le Salon International de l'Invention lui est revenu un peu cher, c'est une réalité. “J'ai fait ce voyage par mes propres moyens, j'ai réglé tous les frais”, réplique-t-il. Néanmoins, il ne peut pas se plaindre, car il est revenu avec le titre d'inventeur



Amândio Silva e os seus filhos, Cristina Silva Rodrigues e Jorge Silva

A primeira criação mereceu logo uma Medalha de Brio na Alemanha em 1981. A viagem até à Exposição Internacional de Inventores em Nuremberga saiu-lhe cara, é certo. "Fui lá à minha conta, com tudo pago por mim", replica, mas também não pode dizer que veio de mãos a abanar. Regressou com o título de inventor na bagagem, uma Medalha de Ouro ao pescoço e grandes elogios dos alemães, surpreendidos por ser um produto português. Durante o primeiro ano fez testes, experiências, enfim, tudo o que era necessário para colocar um equipamento de qualidade no mercado uma vez que ainda não existiam as tecnologias dos dias de hoje. A primeira máquina que fez foi para a mercearia dos pais e serviu para a avaliação do equipamento. Mesmo na pequena aldeia a venda de frango de churrasco resultou muito bem, foi logo um sucesso e deu-lhe ainda mais motivação para levar adiante o fabrico e a comercialização do seu invento. Em 1984 fundou a Gresilva, uma empresa que pretendia especializar-se em grelhares e assim tem feito ao longo dos anos. Mais uma vez a criatividade de Amândio esteve presente e o nome da empresa e da sua marca, "Gre" de grelhador e "Silva" do nome do seu fundador, marcou a diferença. Construiu um pequeno pavilhão onde, com apenas um colaborador, começou a fabricar os primeiros grelhares e lançou-se à estrada para as vendas, mas os primeiros quilómetros não foram nada fáceis. "Andei mais de quatro anos a remar contra a maré. Eu ia para o sul do país e trazia as máquinas para cima, ia para o norte e trazia as máquinas para baixo". Mas a inquietação do jovem empresário não escapava ao olhar atento do pai que procurava sem-

dans son bagage, une médaille d'or au cou et plusieurs éloges de la part des allemands, étonnés par le fait que ce produit soit portugais. Pendant la première année, il a fait des tests, des expériences, enfin, tout ce qu'il fallait faire pour mettre sur le marché un équipement de qualité, car les technologies d'aujourd'hui n'existaient pas. Sa première machine inventée a été installée dans l'épicerie de ses parents et a permis d'évaluer l'efficacité de l'équipement.

À ce moment-là déjà, au sein du village, la vente de poulets grillés fut un succès, ce qui lui a apporté de plus en plus de motivation pour faire avancer la fabrication et la commercialisation de son invention. En 1984, il a fondé, GRESILVA, une entreprise qui avait pour vocation la fabrication de grills, et ce, jusqu'à aujourd'hui. Une fois de plus, la créativité d'Amândio s'est fait ressentir, notamment à travers le nom de l'entreprise et de sa marque - "GRE" de grill en portugais et "SILVA" du nom de son fondateur.

Il a construit un petit pavillon où il a commencé à fabriquer, avec l'aide d'un collaborateur, les premiers grills et il s'est mis sur la route pour débuter ses ventes, mais les premiers kilomètres n'ont pas été faciles. "Pendant plus de 4 ans, j'ai ramé à contre-courant. J'allais vers le sud du pays et je revenais avec les machines vers le nord; quand j'allais vers le nord, je finissais par ramener les machines vers le sud". Mais l'inquiétude du jeune entrepreneur n'a pas échappé au regard attentif de son père qui cherchait toujours à le tranquilliser. "Mon père était le jury de ma vie. Il savait m'examiner, il était super", nous raconte-t-il. "Quand j'ai créé cette affaire, il me disait " Ne t'inquiète pas mon fils, car ces machines vont se vendre toutes seules". Heureusement, cela s'est bien concretisé", conclut-il.



Entrega da Medalha de Ouro a Amândio Silva pela sua primeira invenção na Feira Internacional de Inventores em Nuremberga



pre tranquilizá-lo. "O meu pai era o júri da minha vida. Ele é que me sabia pontuar, era espetacular", conta-nos. "Quando eu criei o negócio, ele dizia-me "oh filho não te preocupes porque estas máquinas começam-se a vender sozinhas". Felizmente hoje isso corresponde à verdade", concluiu.

"Consideraram a nossa máquina um Ferrari"

Amândio "tinha a certeza daquilo que tinha inventado, tinha confiança máxima e o esforço valeu a pena". Quando os grelhadores entraram verdadeiramente no mercado, a Gresilva começou a crescer e a equipa aumentou. Dentro da fábrica, o empresário foi sempre "o mestre e o professor" que ensinava a lição aos elemen-

"Notre machine est considérée comme une Ferrari"

Amândio nous dit " j'étais très confiant de ma création, j'étais sûr de moi et l'effort a valu la peine". Une fois que les grills sont rentrés sur le marché, GRESILVA a commencé à se développer et l'équipe s'est agrandit. Au sein de l'usine, l'entrepreneur a toujours été le professeur qui enseignait la leçon aux plus jeunes. "Les employés, nouveaux venus, qui arrivaient à l'usine, n'avaient pas de formation, alors, on les formait ici. Mon emploi du temps me le permettait à cette époque-là et je pouvais enseigner la formation aux employés." Ils ont toujours misé sur "la qualité des produits, les bonnes finitions et ont investi sur des marques" depuis le début et, petit à petit, avec persévérance, l'entreprise s'est agrandit jusqu'à devenir l'empire existant aujourd'hui. Au tout début,



tos mais novos. “Os funcionários que chegavam não tinham formação e eram formados aqui dentro. Como o movimento era pouco na altura, eu tinha essa possibilidade de os ensinar”. Apostaram “na qualidade dos produtos, em bons acabamentos e investiram em marcas” desde o primeiro momento e passo a passo, com perseverança e resiliência, a empresa cresceu até alcançar o império que tem hoje. Se no primeiro ano Amândio trabalhou apenas com um rapaz num pequeno espaço com 450 m² e tinha apenas um modelo de grelhador, neste momento goza de um edifício com mais de 3000 m², tem mais de 30 funcionários e mais de 20 modelos de grelhadores diferentes, entre outros equipamentos. A marca registada e os inventos patenteados já são conhecidos em vários países e integram muitas feiras espalhadas pelo mundo. O Grelhador Gresilva é considerado hoje por muitos profissionais de cozinha como o “Ferrari” ou o “Rolls Royce” das cozinhas industriais.

“Antigamente, um taxista que estivesse numa praça de táxis tinha que ter um Mercedes. Agora um Chef numa cozinha tem que ter um grelhador Gresilva”, diz-nos sorrindo.

“O bom nome”

Na parede do escritório destacam-se vários diplomas, prémios e notícias emolduradas. Num artigo que remonta à década de 80 está escrito em letras garrafais “já é possível fazer grelhados sem carvão”. Enquanto mostrava este espólio, o empresário foi surpreendido pelo filho que ainda estava na fábrica. “Este é o meu filho mais velho, o Jorge!”, afirma apresentando-o. De sorriso fácil e rosto simpático como o pai, Jorge cumprimentou-nos e foi para casa, mas Amândio deixou a família bem presente na nossa conversa. O empresário não consegue esconder o orgulho quando fala da mulher e dos dois

si Amândio a travaillé seulement avec un employé dans un espace de 450 m² où il y avait juste un modèle de grill, actuellement, il possède une construction qui dépasse les 3000 m², il travaille avec une trentaine d'employés et possède plus de 20 modèles de grills différents, entre autres équipements. La marque déposée et les inventions brevetées sont déjà connues dans plusieurs pays et intègrent plusieurs salons partout dans le monde. Le grill "GRESILVA" est considéré par beaucoup de professionnels de cuisine comme la Ferrari ou la Rolls Royce des cuisines industrielles. "Avant, un chauffeur de taxi placé dans un emplacement "taxis" se devait d'avoir une Mercedes. Actuellement, un chef dans une cuisine doit avoir un grill GRESILVA", nous dit-il en souriant.

"Le patronyme prestigieux"

Sur les murs de son bureau, on remarque plusieurs diplômes, des prix et des articles de journaux encadrés. Dans un article qui remonte aux années 80, on peut lire en grosses lettres "Faire des grillades sans charbon, c'est possible maintenant". Lorsqu'il nous montrait ses réussites, l'entrepreneur a été surpris par son fils qui était encore dans l'usine. " Je vous présente mon fils ainé, Jorge !", nous dit-il. Bien sympathique et souriant comme son père, Jorge nous a salué et il rentré chez lui, mais Amândio, lui, a continué à parler de sa famille tout au long de la conversation. L'entrepreneur ne cache pas sa fierté lorsqu'il parle de sa femme et de ses deux enfants et il nous confirme que le fait d'être bien entouré est très important pour obtenir le succès. " Ils travaillent avec moi", nous dit-il. " Ma fille Cristina a fait des études de Gestion, mon fils n'a pas terminé sa formation en Ingénierie-



*Amândio Silva recebeu
de Manuel Luís Goucha
o Prêmio Português de Valor
na primeira edição em 2011*

filhos e diz que estar bem rodeado é muito importante para se alcançar o sucesso. “Eles trabalham comigo”, conta. “A minha filha Cristina está formada em Gestão, o meu filho embora não tenha feito o curso de Engenharia Electrotécnica, mas para mim é um engenheiro e actualmente é o responsável pelo desenvolvimento de todos os equipamentos”. Depois de ter deixado os estudos, Jorge foi trabalhar para a Gresilva e demonstrou ter herdado do pai aquele jeito de inventor. “Um dia ele disse-me que tínhamos de criar um grelhador para os restaurantes porque não havia nada capaz a não ser o carvão. Eu só lhe disse que precisávamos de criar um poço de calor e ele começou a desenvolver as coisas. Fizemos várias tentativas, demorámos mais ou menos quatro anos, mas lá conseguimos lançar para o mercado um grelhador a gás”, conta.

Em relação ao futuro da empresa, Amândio mostra-se pouco preocupado e garante que “o testemunho já está passado”. “O meu filho foi dos primeiros funcionários da empresa e a minha filha quando terminou o curso de gestão também veio logo para aqui. Eu sou um bocadinho contra as pessoas que dizem que a segunda geração destrói o negócio. Para mim isso é impossível porque o sistema já está montado”. Aos 75 anos, não guarda arrependimentos e garante que cada cliente foi sempre um amigo. Ao longo do tempo o empresário sonhou muito, lutou ainda mais, mas com a sua confiança e resistência conseguiu sempre alcançar o que desejava. Amândio Silva costuma dizer que “a maior herança que se pode deixar a um filho é o bom nome” e já sabe que esse legado está entregue.

rie Electrotechnique, mais, pour moi, c'est un ingénieur et il est, actuellement, le responsable du développement de tous les équipements". Après avoir cessé les études, Jorge a commencé à travailler chez GRESILVA et il a déjà prouvé avoir hérité de son père cette facette de petit génie. "Un jour, il m'a dit que nous aurions besoin de créer un grill pour les restaurants, car il n'existe rien de fiable, à part le charbon. Je lui ai répondu que l'on avait besoin de créer un puit à chaleur et, de suite, il a commencé à développer les choses. On a fait plusieurs tentatives, on a eu besoin de quatre ans environ, mais on a réussi, au final, à lancer sur le marché un barbecue à gaz", raconte-t-il.

Par rapport au futur de l'entreprise, Amândio n'est pas très inquiet et assure que "le relais est déjà passé". " Mon fils a été un des premiers employés de l'entreprise et ma fille, dès qu'elle a terminé ses études en gestion, nous a rejoint. Je ne suis pas d'accord avec les opinions des gens, quand ils disent que la deuxième génération détruit les affaires. Pour moi, cela est impossible, car le système est déjà monté". À 75 ans, il n'a pas de regrets et il assure que chaque client a toujours été un ami. Au fil du temps, l'entrepreneur a beaucoup rêvé , il a lutté encore plus, néanmoins, grâce à sa confiance et résistance, il a toujours obtenu ce qu'il désirait. Amândio Silva a l'habitude de dire que " le plus grand héritage que l'on peut laisser à ses enfants c'est un patronyme prestigieux" et il sait que cet acquis est déjà transmis.



Armíndo Freire

"Eu sempre fui aventureiro.
Tinha apenas 17 anos quando emigrei para França
e fui logo trabalhar para uma empresa de construção".

*"J'ai toujours été aventurier. J'avais à peine 17 ans quand j'ai
émigré en France et j'ai tout de suite commencé à travailler dans
une entreprise de construction".*





A conversa com Armindo e Sandra estava marcada para agosto, um mês simpático por natureza. Aquele mês que traz tempo para tudo, até para contar a história de uma vida. Desta vez fui sozinha até Pombal, por isso, viajei no meu velho amigo comboio desde a cidade mãe. Na estação Porto-Campanhã apanhei mecanicamente uma carruagem, sentei-me, mas não adormeci com a cara esborrachada contra uma janela turbulenta. Oxalá o tivesse feito. Enquanto os carris vibravam, enquanto a mulher da voz sui generis anunciava a próxima paragem, eu ouvia uma música, folheava um livro, procurava manter a mente ocupada, mas acabei por deixá-la exausta. O tempo parecia um caracol a percorrer os trilhos e eu dou por mim a observar o meu retrato no reflexo da janela. Recordo-me que quando tinha 15 anos, achava que quando atingisse a maioridade, ia ter respostas para tudo e uma série de aventuras capazes de entreter a conversa mais enfadonha do café. Tenho 23 anos e, quantas mais histórias ouço, mais percebo que ainda não tenho nada para contar.



Armindo e Sandra comprovam este facto. Eles sim têm uma história digna de um livro, mas eu vou tentar abreviá-la nas próximas páginas. Com apenas 15 anos, Armindo deixou a pacata aldeia de Abiul, situada no concelho de Pombal, e foi trabalhar contra a vontade dos pais e dos irmãos. Esteve em dois continentes diferentes no espaço de um ano, mas foi em Paris que se fixou e criou uma empresa com o apoio de Sandra. Quando se reencontraram na Cidade Luz, a jovem já estava bem calejada. Tinha tra-

DLa conversation avec Armindo et Sandra était prévue en Août, un mois sympathique par sa nature. Ce mois qui nous apporte du temps pour tout, même pour raconter l'histoire d'une vie. Cette fois, je suis allé seule à Pombal, j'ai pris donc mon vieil ami, le train, depuis la ville mère. Dans la station Porto-Campanhã, je suis entrée mécaniquement dans le wagon, je me suis assise, mais je ne me suis pas endormie avec le visage écrasé contre une fenêtre turbulente. Plaise Dieu, que je l'eus fait.



Tandis que les rails vibraient, la voix "sui generis" d'une femme annonçait le prochain arrêt, j'écoutais une musique, je feuilletais un livre, je cherchais à maintenir mon esprit occupé, mais j'ai fini par l'épuiser. Le temps semblait un escargot qui parcourait les rails et je me suis retrouvée, en train d'observer mon portrait dans le reflet de la fenêtre. Je me souviens que lorsque j'avais 15 ans, et que je pensais que quand j'attendrais l'âge de la majorité, j'allais avoir une réponse pour tout et une série d'aventures capables de transformer la conversation la plus fastidieuse du café. J'ai 23 ans et plus d'histoires j'entends, plus je me rends compte que n'ai toujours pas de choses à raconter.

Armindo et Sandra en sont la preuve. Eux, oui, Ils ont une histoire digne d'un livre, mais je vais essayer de raccourcir dans les pages suivantes.

À peine avec 15 ans, Armindo a quitté le paisible village de Abiul, situé dans la municipalité de Pombal, et est parti travailler contre la volonté de ses parents et de ses frères et sœurs. Il a été sur deux continents différents en espace d'un an, mais c'est à Paris qu'il s'est installé et a créé une entreprise avec le soutien de Sandra. Quand ils se sont retrouvés, à nouveau, dans la Ville Lumière, la jeune fille avait déjà eu des expériences de vie assez dures. Elle avait travaillé chez un avocat qui lui a fait des faux papiers et chez un médecin qui ne voulait pas qu'elle aille à l'hôpital quand elle est tombée d'une échelle. Incohérence n'est-ce pas? Mais heureusement à côté d'Armindo, elle n'a plus trébuché.

balhado para um advogado que lhe deu papéis falsos e para uma médica que não queria que fosse ao hospital quando caiu de uma escada. Incoerente não é? Mas ainda bem que ao lado de Armindo não voltou a tropeçar. Em agosto, e perante o meu olhar atento, arejaram as gavetas da casa de férias, abriram os armários e soltaram as memórias. Contaram-me aventuras capazes de inspirar um livro e reduzir a minha pequena história a um simples devaneio num comboio.

A nostalgia da infância

Quando saí na estação de Pombal, dei logo de caras com Sandra. Levou-me até casa num descapotável, de óculos de sol, com os cabelos ao vento. Tudo parecia simples naquele momento, mas nem sempre foi assim. Sandra cresceu perto daquela estrada, mas percorreu um caminho bem mais penoso até encontrar a estabilidade que tem hoje. Quando entrámos na casa onde passam as férias, Armindo já estava à nossa espera. De calcões e chinelos de dedo, tomava conta das filhas enquanto remexia numas fotos antigas. No chão, mesmo junto à porta de entrada, o desenho de uma caravela despertava a minha atenção. Será que simbolizava as viagens que Armindo fez? Bom, o próprio elucidou-me. “Eu sempre gostei de fazer coisas diferentes e tudo o que está nesta casa fui eu que desenhei e mandei fazer com a ajuda de um colega. Quando fiz uma árvore em ferro para o jardim, as pessoas disseram que eu estava maluco. Quando coloquei numa parede azulejos partidos, também não gostaram, mas eu sempre gostei de fazer de uma maneira diferente, nunca quis copiar

En Août, et devant mon regard vigilant, ils ont aéré les tiroirs de la maison de vacances, ouvert les armoires et ils ont laissé sortir les mémoires. Ils m'ont raconté des aventures capables d'inspirer un livre et de réduire ma petite histoire à une simple rêverie dans un train.

La nostalgie d'enfance

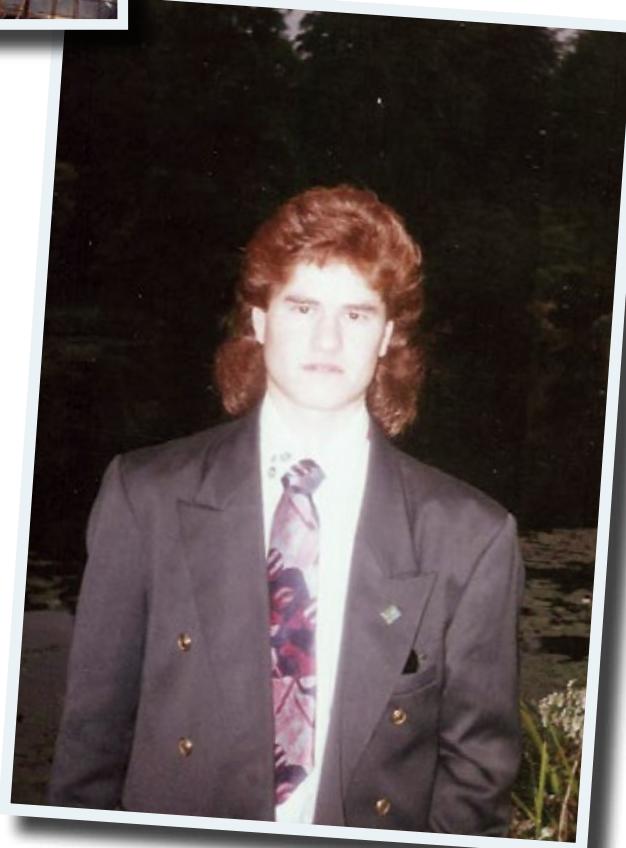
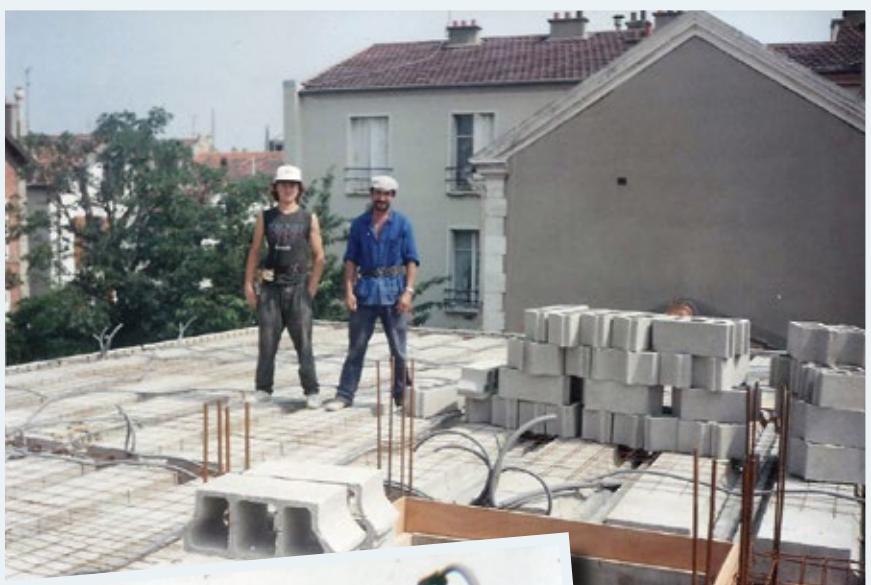
Quand je suis arrivée à la station Pombal, Sandra m'attendait déjà. Elle m'a emmenée chez elle dans une décapotable, elle avait des lunettes de soleil, et avait les cheveux balayés par le vent. Tout semblait simple, à l'époque, mais ce ne fut pas toujours ainsi. Sandra a grandi près de cette route, mais a parcouru le chemin une manière beaucoup plus douloureuse pour trouver la stabilité qu'elle a aujourd'hui. Lorsque nous sommes entrés dans la maison où ils passent leurs vacances, Armindo nous attendait déjà. En shorts et tongs, il prenait soin des filles, pendant qu'il fouillait des vieilles photos. Par terre, juste à côté de la porte d'entrée, la représentation dessinée d'une caravelle a suscité mon attention.

Est-ce qu'elle symbolisait les voyages faits par Armindo? Eh bien, lui-même m'a expliqué.

«J'ai toujours aimé faire des choses différentes et tout ce qui est dans cette maison a été dessiné par moi-même et je l'ai fait faire avec l'aide d'un collègue. Quand j'ai fait l'arbre de fer dans le jardin, les gens ont dit que j'étais fou. Lorsque j'ai fait couvrir un mur avec des débris de carrelage, personne a apprécié, mais j'ai toujours aimé faire d'une manière différente, je n'ai jamais voulu copier les idées des autres », nous dit-il.

En fait, la maison avait plusieurs notes individuelles d'une "marque personnelle" très intéressantes. Le goût pour les "gadgets" a commencé tôt et Armindo a même fait ses pro-





as ideias dos outros”, conta. De facto a casa tinha vários apontamentos singulares, uma “marca própria” muito interessante. O gosto pelas “engenhocas” começou cedo e Armindo até fazia os seus próprios brinquedos quando era mais novo. Ainda ponderou tirar um curso de arquitecto, mas hoje garante que não sente falta e faz muitas obras desde os alicerces até à decoração sem precisar do diploma. “Eu sei que o saber não ocupa o lugar, mas sinceramente não sinto falta desse curso. Para mim, a melhor escola que eu tive foi a da vida e o melhor exemplo que eu segui foi o dos meus pais e dos meus irmãos. Tudo me fez crescer e ter a ambição de chegar mais longe”. Sentado numa cadeira da sala, contou que é o mais novo de quatro irmãos. Em Pombal fazia corridas de bicleta, brincava com os primos, jogava futebol no clube de Abiul e estudava na escola da aldeia. Enquanto recordou num tom nostálgico essa infância, lamentou a evolução dos tempos modernos. “Agora a juventude não tem esse convívio, nem brincam como eu brinquei. Vivem praticamente através do ecrã e os amigos são cada vez mais virtuais do que reais”, acrescenta.

Armindo tinha tudo para ter uma vida perfeitamente normal, não tivesse ele uma enorme vontade de chegar depressa muito longe. Apesar dos pais e dos irmãos insistirem para continuar a estudar, assim que terminou a escolaridade obrigatória, foi à procura de trabalho e saiu de casa. “Os meus irmãos sempre foram uma referência para mim. Eu via que eles ainda eram muito novos e já tinham uma ambição na vida, por isso, queria ser como eles”, conta. Com apenas 15 anos, seguiu as pisadas do irmão Gil e foi para o Algarve com o seu apoio. Começou logo

pres jouets quand il était plus jeune. Il a pensé suivre architecture, mais aujourd’hui, il nous affirme que ces études ne lui manquent pas, et faits des nombreux travaux qui partent des fondations à la décoration, sans avoir besoin du diplôme. «Je sais que le savoir ne prend guère de place, mais honnêtement le diplôme ne me manque pas. Pour moi, la meilleure école que j’ai eu a été la vie et le meilleur exemple que j’ai suivi, a été celui de mes parents et mes frères. L’ensemble de ces faits m’ont fait grandir et avoir l’ambition d’aller plus loin». Assis sur une chaise de la salle, nous dit être le plus jeune de quatre frères. À Pombal il faisait des courses à vélo, jouait avec les cousins, jouait au football dans le club d’Abiul et étudiait à l’école du village. Pendant qu’il nous racontait dans un ton nostalgique cette enfance, il a déploré l’évolution des temps modernes. «Maintenant, les jeunes ne possèdent pas cette interaction, ni jouent comme j’ai joué. Ils vivent “collés” à un écran et les amis sont, de plus en plus virtuels que réels», ajoute-il.

Armindo avait tout pour avoir une vie parfaitement normale, mais il avait un fort désir “d’arriver vite et très loin”. Bien que les parents et les frères aient insisté pour qu'il continue ses études, aussitôt à la fin du collège, il est parti à la recherche de travail et a quitté la maison.

«Mes frères ont toujours été une référence pour moi. Je voyais qu'ils étaient encore très jeunes et avaient une ambition dans la vie, donc je voulais être comme eux », nous dit-il.

À peine avec 15 ans, il a suivi l'exemple de son frère Gil et est parti en Algarve avec son aide. Il n'a pas tardé à «travailler dans des grandes entreprises, telles que Salvador Caetano ou Mota-Engil» et «avait une bonne clientèle de nationalité anglaise et hollandaise qui achetaient des propriétés et fai-



a “trabalhar para grandes empresas portuguesas como a Salvador Caetano ou a Mota-Engil” e “tinha bons clientes ingleses e holandeses que compravam propriedades no Algarve e faziam casas de luxo naquela zona”, mas ainda sonhava com mais. Esteve no sul do país durante dois anos, mas um bicho-carpinteiro não o deixou ficar por lá durante muito mais tempo. Quando fez 17 anos regressou a Pombal, ajudou a construir a casa de um amigo “desde a raiz até à decoração” e, depois de terminar a empreitada, emigrou pela primeira vez para França.

Um ano, dois continentes

“Eu sempre fui um bocado aventureiro”, afirma sorrindo. “Tinha apenas 17 anos quando emigrei para França e fui logo trabalhar para uma empresa de construção”. Como

era um empregado destemido, rapidamente passou a ser o chefe de equipa, “controlava a obra e o pessoal” e ainda “contratava alguns trabalhos”. Em pouco tempo, juntou dinheiro suficiente para comprar um terreno em Pombal e o carro dos seus sonhos. “Eu via aqueles filmes realizados em São Francisco ou Miami e o meu sonho era ter um carro americano. Quando fui para França, o meu irmão mais velho enviou para Portugal um Pontiac e eu disse logo que não podia morrer sem ter um carro daqueles. Quando ele soube, disse que eu podia comprar-lhe o carro”, conta. No álbum ainda encontrou várias fotos com o célebre Pontiac, mas um acidente destruiu o automóvel e Armindo precisou de fazer um novo investimento.

No dia 17 de abril de 1994 seguiu novamente as pisadas dos irmãos e emigrou para o Canadá com a ambição de



saient construire des maisons luxueuses dans cette région d'Algarve» mais il rêvait encore plus.

Il est resté dans le sud du pays pendant deux ans, mais une "désir de plus" ne lui permettait pas d'y rester plus longtemps. Quand il a fait 17 ans, il est revenu à Pombal, a aidé à la construction de la maison d'un ami "des fondations à la décoration» et, après avoir terminé le travail, il a émigré pour la première fois en France.

Un an, deux continents

«J'ai toujours été un peu un aventurier," nous dit-il en souriant. «J'avais à peine 17 ans quand j'ai émigré en France et j'ai tout de suite trouvé du travail dans une entreprise de construction..» Comme il était un employé intrépide, rapidement il est devenu le chef d'équipe, il "contrôlait le travail et

personnel» et «engageait des nouveaux chantiers." En peu de temps, il a réuni assez d'argent pour acheter des terres en Pombal et la voiture de ses rêves.

«Je voyais ces films réalisés à San Francisco ou Miami et mon rêve était d'avoir une voiture américaine. Quand je suis parti en France, mon frère aîné a envoyé au Portugal un "Pontiac" et j'ai tout de suite dit que je ne pouvais pas mourir sans avoir une voiture comme celle-là. Quand il a su mon intention, il m'a proposé la vente de sa voiture », nous dit-il.

Dans l'album, il a également trouvé plusieurs photos avec le célèbre "Pontiac", mais un accident a détruit la voiture et Armindo a eu besoin de faire un nouvel investissement.

Le 17 Avril 1994 à nouveau, il a suivi l'exemple de ses frères et est parti au Canada avec l'ambition de gagner plus d'argent et acheter une nouvelle voiture. «Comme je le savais déjà que

juntar mais dinheiro e comprar um carro novo. "Como eu sabia que os meus irmãos ganhavam muito bem, decidi ir ter com eles, mas fiquei sempre com pena de deixar a França". Ainda hoje defende que "o Canadá é o melhor país do mundo para se viver" e elogia a qualidade de vida, mas Armindo não resistiu à distância imposta por aquele oceano que teimava em separá-lo da família, da aldeia e dos amigos, por isso, regressou a Paris em 1995. No espaço de um ano trabalhou em dois continentes, mas foi na velha Europa que acabou por se estabelecer. Armindo nem desfez a mala. Voltou para Paris e levou o mesmo empenho na bagagem. Seis meses depois, comprou a empresa do patrão juntamente com um sócio, mas como não partilhavam "a mesma ambição", dois anos depois decidiu lançar-se sozinho e criar uma empresa de construção com o apoio de Sandra. É a partir daqui que ela entra na história e começa a fazer parte do elenco.

Eternos namorados

Sandra e Armindo já tinham cruzado uns olhares, trocadas umas palavras na esplanada de um café, mas seguiram caminhos diferentes, pensando que nunca mais se iam reencontrar. Em Paris, o destino voltou a uni-los. Com um sorriso tímido, algo nervoso, Sandra diz que "foi amor à primeira vista", mas só ficaram juntos "à segunda". "Quando eu conheci o Armindo tinha 18 anos. Ainda era muito nova, mas nem pensei duas vezes. Fui mesmo de olhos fechados, atirei-me de cabeça e felizmente não me arrependo do que fiz", afirma. Apesar da tenra idade, a jovem já conhecia o sabor amargo das dificuldades e "estava preparada para o que desse e viesse". Natural de





mes frères y gagnaient beaucoup d'argent, j'ai décidé de les rejoindre, mais j'ai été très désolé de devoir quitter la France.»

Encore aujourd'hui, il affirme que «le Canada est le meilleur pays du monde pour vivre» et fait un éloge à la qualité de vie, mais Armindo n'a pas résisté à la distance imposée par cet océan qui s'obstinait à le séparer de la famille, du village et des amis, donc il revient à Paris en 1995. En deux ans, il a travaillé sur deux continents, mais c'est dans la vieille Europe qu'il a fini par s'établir. Armindo n'a même pas défaits ses bagages. Il revient à Paris et dans les valises, il avait la même volonté d'engagement.

Six mois plus tard, il achète l'entreprise du patron avec un partenaire, mais comme ils ne partageaient pas "la même ambition", au bout de deux ans il a décidé de se lancer seul et de créer une entreprise de construction avec le soutien de Sandra.

C'est à partir d'ici qu'elle entre dans l'histoire et fait partie des acteurs.

Toujours fiancés

Sandra et Armindo s'étaient déjà rencontrés, avaient déjà échangé quelques mots sur la terrasse d'un café, mais chacun a suivi son chemin, en pensant qu'ils ne se retrouveraient plus.

A Paris, le destin les unit à nouveau. Avec un sourire timide, un peu nerveux, Sandra dit "cela a été un "coup de foudre", mais ils ne sont restés ensemble qu'à «la deuxième fois.» «Lorsque j'ai connu Armindo j'avais 18 ans. J'étais encore très jeune, mais n'ai pas pensé deux fois. Je me suis lancée les yeux fermés, "la tête la première" et, heureusement, je ne regrette pas ce que j'ai fait», dit-elle. Malgré le jeune âge, la jeune fille connaissait le goût amer des difficultés et "était préparée pour l'avenir".

Née à Calvarias, Santiago de Litém, avoue que son rêve de voyager à l'étranger a commencé très tôt, mais sa sœur et sa mère ont toujours essayé de la dissuader. «Je voulais avoir des meilleures conditions de

Calvarias, Santiago de Litém, confessa que o sonho de viajar para o estrangeiro começou cedo, mas a irmã e a mãe procuraram sempre dissuadi-la. "Eu queria ter melhores condições de vida e emigrar foi sempre o meu sonho. Quando as minhas primas iam para Portugal de férias, eu comparava a vida que elas tinham com a nossa e ainda ficava com mais vontade de sair do país", conta. Em Portugal, Sandra começou a trabalhar com apenas 12 anos. Esteve a cuidar da casa de um taxista, trabalhou num café, numa padaria e ainda vendeu roupas nas feiras, mas aos 16 anos conseguiu convencer a família e emigrou para Paris.

Os primeiros anos longe do país não foram nada fáceis, mas actualmente encara esses fantasmas do passado sem medos. Conta com um ar descontraído a história do advogado que lhe arranjou papéis falsos para trabalhar e da médica que não queria que fosse ao hospital quando caiu de uma escada. Sandra lutou, nunca baixou os braços e quando a vida lhe deu limões, fez uma limonada. "Eu trabalhei nas limpezas como muitas portuguesas que estão em França, mas não tenho vergonha nenhuma de o dizer. Muito pelo contrário, eu até tenho orgulho". Neste momento, faz aquilo que gosta e é representante comercial de uma empresa de Granitos e Mármores, mas se fosse preciso fazer tudo de novo, garante que força não lhe faltava. Aos 37 anos é uma mulher com os pés bem assentes na terra. Não aparenta ter sonhos cor-de-rosa e nunca precisou de usar um vestido branco até aos pés para se sentir verdadeiramente casada. Sandra e Armindo estão juntos há 20 anos, já têm duas filhas e são dois eternos namorados. Nunca





vie et l'émigration a toujours été mon rêve. Quand mes cousines arrivaient au Portugal en vacances, je comparais la vie qu'elles avaient avec la nôtre et j'avais plus envie de quitter le pays ", nous dit-elle. Au Portugal, Sandra a commencé à travailler avec à peine 12 ans. Elle s'occupait de la maison d'un chauffeur de taxi, elle a travaillé dans un café, une boulangerie et vendu des vêtements dans les foires, mais à 16 ans, a réussi à convaincre la famille et a émigré à Paris.

Les premières années loin du pays n'ont pas, été faciles du tout, mais actuellement elle est capable d'affronter ces fantômes du passé sans crainte. Avec un air détendu, elle nous raconte l'histoire de l'avocat qui lui a trouvé des faux papiers

pour pouvoir travailler et le médecin qui ne voulait pas qu'elle aille à l'hôpital quand elle est tombé d'une échelle. Sandra a continué, sans jamais baisser ses bras et quand la vie lui a donné "des citrons, elle faisait de la limonade".

«J'ai fait du ménage comme tant de Portugaises qui sont en France, mais je n'ai pas honte à le dire. Au contraire, j'en suis fière». Actuellement, elle fait ce qu'elle aime et elle est responsable de ventes d'une entreprise de Granites et Marbres, néanmoins, s'il fallait recommencer à nouveau, elle nous dit avoir de la force de tout recommencer. À 37 ans, elle est une femme avec ses pieds fermement sur le sol. Elle ne semble avoir des rêves roses et elle n'a jamais eu besoin de porter une longue robe blanche pour se sentir vraiment mariée.



fizeram celebrações formais, nem trocas de discursos amorosos perante familiares e amigos, mas também não precisam. Simplesmente, para eles, casar ou viver juntos significa a mesmíssima coisa. “Eu e o Armindo não somos casados, mas eu considero-o como tal e acho que isso não iria alterar a nossa relação. Já estamos juntos há muitos anos, por isso, já somos mais do que casados. Nós só não tratamos dos papéis, mas também é só um papel que não traria nada de novo à nossa relação”, afirma.

O dia de amanhã

No que toca aos negócios, Armindo lembra que começou do zero, seguiu muitas vezes a fórmula mais arriscada, mas hoje o resultado está à vista. Actualmente é gerente de uma empresa de construção com mais de 20 anos de experiência, está associado a outras empresas

de diferentes ramos, tem investimentos em Portugal e apostou recentemente em Cabo Verde. Só a empresa de construção SLCR factura cerca de quatro milhões de euros por ano, dá trabalho a 20 funcionários e preserva uma carteira de clientes importante, capaz de responder às mudanças do mercado. “Eu não quero assistir a uma quebra do mercado, precisar dos clientes e eles já não estarem lá. Eu tento manter sempre uma relação continuada com a minha clientela e eles confiam no nosso trabalho. O que me mantém ainda a trabalhar é a minha qualidade e honestidade. Às vezes os clientes preferem pagar mais caro porque sabem o valor real do trabalho”, afirma. Actualmente, também trabalha na promoção imobiliária e agradece muito ao primeiro sócio que teve neste ramo. Tinha apenas 24 anos quando comprou “o primeiro prédio a sociedade com José Castelão”, mas o empresário confiou em Armindo desde o primeiro momento.

Sandra et Armindo vivent ensemble depuis 20 ans, ont déjà deux filles et sont deux amoureux éternels. Ils n'ont jamais fait de cérémonie formelle pour se marier ou échanger des discours d'amour devant la famille et les amis, mais ils n'en n'ont pas besoin. Tout simplement se marier ou vire ensemble, c'est la même chose pour eux. «Moi et Armindo nous ne sommes pas mariés, mais je considère comme si l'on était, je pense que cela ne changerait pas notre relation. Nous avons été ensemble pendant de nombreuses années, nous sommes déjà plus que mariés. Nous n'avons tout simplement pas fait les papiers, mais cela n'est qu'une feuille qui ne nous apportera pas du nouveau à notre relation », dit-elle.

L'avenir

En ce qui concerne les entreprises, Armindo rappelle qu'il a commencé à partir de zéro, il a souvent suivi la formule la plus risquée, mais maintenant un résultat positif est visible. Actuellement, il est le responsable d'une entreprise de construction avec plus de 20 ans d'expérience, Il est associé à d'autres entreprises des différents secteurs, il a des investissements au Portugal et récemment, il a investi au Cap-Vert. Seule l'entreprise de construction SLCR facture presque quatre millions d'euros par an, donne du travail à 20 fonctionnaires et conserve un portefeuille de clients important, capable de répondre aux changements du marché. «Je ne veux pas assister à une récession des marchés, avoir besoins des clients et ils ne pas les trouver. Je cherche toujours à maintenir une relation continue avec mes clients et ils ont confiance dans notre travail. Ce qui me maintient encore au travail, c'est ma qualité et mon honnêteté. Parfois, les clients préfèrent payer



O empresário segue bem o ditado popular que diz “quem não arrisca não petisca” e, aos 43 anos continua a fazer novas apostas. Recentemente decidiu apostar em Cabo Verde juntamente com um sócio e está a construir um prédio virado para o mar. Em Portugal, não nega a vontade de investir e confessa que não aposta “mais no país porque alguns investimentos não tiveram sucesso por causa da falta de presença”. O empresário ainda sonha criar um centro turístico no Algarve e, apesar de ter parado a construção junto ao Estádio de Faro, ainda espera dar continuidade ao projecto brevemente.

No final da entrevista, Armindo guardou as fotografias do passado e tirou um novo retrato de família. Sentado no jardim, com a filha mais nova ao colo e a mais velha pelo braço, sorriu e afirmou ser um homem realizado. “Nós nunca sabemos onde seríamos mais felizes, mas hoje posso dizer que não me arrependo de ter ficado em França”. Por enquanto, regressar a Portugal não faz parte dos seus planos, só que escolhe com atenção as palavras e é prevenido em relação ao “dia de amanhã”. “É sempre bom ter uma carta na manga, ter um bom plano B ou C e uma porta de saída. Nunca se sabe quando vamos precisar”.

un peu plus parce qu'ils connaissent la valeur réelle du travail fait », nous dit-il. Actuellement il travaille aussi dans le Développement immobilier et il remercie le premier partenaire qui avait dans cette branche. Il avait seulement 24 ans quand il a acheté “le premier bâtiment” avec José Castelão, mais le entrepreneur a fait confiance en Armindo dès le premier instant. Armindo suit bien le proverbe populaire «rien osé, rien gagné» et à 43, il continue de faire de nouveaux investissements. Récemment, il a décidé d'investir au Cap-Vert avec un partenaire et il est en train de construire un bâtiment avec vue sur la mer.

Au Portugal, il ne nie pas la volonté d'investir et avoue qu'il ne le fait pas d'avantage parce que «certains investissements n'ont pas eu du succès à cause du manque de la présence». L'entrepreneur rêve encore créer un centre touristique en Algarve et, malgré avoir été obligé d'arrêter une construction à côté du stade de Faro, il espère poursuivre le projet sous peu.

A la fin de l'entrevue, Armindo a gardé les dernières photographies du passé et a fait une nouvelle photo de famille.

Assis dans le jardin, avec sa plus jeune fille dans les bras et l'ainée par la main, il a souri et a garanti qu'il était un homme accompli. «Nous ne savons jamais où nous serions plus heureux, mais aujourd'hui je peux dire que je ne regrette pas d'avoir choisi la France. »

Pour le moment, le retour au Portugal ne fait pas partie de ses plans, il choisit avec soin les mots et se met en garde pour le «l'avenir». «Il est toujours bon d'avoir une carte à jouer dans sa manche, avoir un bon plan B ou C et une “porte de sortie”. On ne sait jamais quand nous en aurons besoin. »



David Fernandes

“Na empresa tínhamos uma parede que separava o escritório do meu pai do meu. Quando ele foi de férias, eu parti a parede e fiz um escritório só para nós”.

“Dans l'entreprise, il y avait un mur entre le bureau de mon père et le mien. Quand il est parti en vacances, j'ai cassé ce mur et j'ai fait un seul bureau pour nous deux”.



F

É jovem, nascido em França, filho de pais emigrantes. David Fernandes é, aliás, o único entrevistado que nasceu em terras gaulesas, mas considera-se português e francês em doses iguais. Ainda hoje recorda com um sorriso rasgado as férias passadas na casa dos avós, mas quando foi mesmo viver para Portugal, o encanto foi passageiro, ou melhor, fugaz. David sentiu-se como um imigrante dentro do seu próprio país e parecia que não se encaixava na nova casa. Sentia falta do “stress” da cidade frenética, daquele ritmo acelerado, de coisas simples do quotidiano e pediu para regressar a Paris. Hoje percebe que o coração dos filhos dos emigrantes é assim mesmo. Um coração dividido entre a saudade do calor lusitano e a sedução do charme parisiense. Agora só atravessa Espanha nos verões, em agosto. Passa uma semana na aldeia da família, em Vieira do Minho, está durante uns dias em Aguiar da Beira e segue para o Algarve, onde gosta de aproveitar o sol. Este verão encontrei-o no norte de Portugal, já com as malas prontas para rumar até ao sul do país. Aos 31 anos é gerente da empresa de construção criada pelo pai, foi nomeado Português de Valor em 2016 e apoia todos os anos uma associação. Antes de voltar à estrada, David contou-me as coordenadas que já percorreu e as metas que ainda quer alcançar.



Il est jeune, est né en France, fils de parents migrants. David Fernandes est d'ailleurs la seule personne interviewée née dans les terres gauloises, mais il se considère portugais et français en doses égales. Il se souvient encore aujourd'hui, avec un grand sourire les vacances passées chez ses grands-parents, mais quand il est vraiment parti vivre au Portugal, le charme a été passager, plutôt fugace. David s'est senti comme un immigré dans son propre pays et ne réussissait pas à s'habituer à sa nouvelle maison. Le "stress" de la ville frénétique, le rythme accéléré et les choses simples du quotidien lui manquaient à tel point, qu'il a demandé de revenir à Paris.

Actuellement, il comprend que le cœur des enfants des migrants est ainsi. Un cœur déchiré entre le désir de la chaleur Lusitaine et la séduction du charme parisien.

Maintenant, il ne traverse l'Espagne qu'en août. Passe une semaine dans le village de la famille, à Vieira do Minho, quelques jours à Aguiar da Beira et ensuite, part en Algarve, où il aime profiter du soleil.

Cet été je l'ai trouvé dans le nord du Portugal, déjà avec les bagages prêts pour prendre le cap jusqu'au sud du pays. Il a 31 ans et est gérant d'une entreprise de construction créée par son père, il a été nommé "portugais de valeur" en 2016 et aide chaque année une association. Avant de reprendre la route, David m'a raconté toutes les coordonnées déjà parcourues et les objectifs qu'il veut encore atteindre.

Um estranho em Lisboa

David Fernandes nasceu em 1985, em Aubervilliers, nos arredores de Paris. Os seus pais trocaram a miséria e a ditadura de Salazar pela esperança de uma vida melhor em França e constituíram uma família em Paris, já depois da emigração. Em Portugal, o pai, António Fernandes, dedicava-se à arte de trabalhar o ferro, mas quando saiu do país, seguiu as pisadas dos portugueses e também foi trabalhar para a construção civil. Em 1988 decidiu criar uma empresa e fundou a Sociedade GECOP em Alfortville, no departamento Val-de-Marne. Como trabalhava muitas horas, rapidamente passou de maçom a empresário bem sucedido e conquistou uma boa posição no mercado francês. Quando os negócios começaram a correr de vento em popa, a família decidiu planear um regresso a Portugal e apostou numa boa mudança de ares. Fizeram as malas e escolheram Lisboa como destino. Uma cidade bem menos frenética do que Paris, mais movimentada do que o Minho, capaz de formar o equilíbrio perfeito, não estivesse já a balança inclinada.

António Fernandes foi mantendo os negócios em França, mas comprou um restaurante para a esposa na capital e criou uma empresa de construção em Portugal juntamente com as irmãs. David tinha apenas 14 anos quando chegou à cidade menina e moça, acompanhado pela mãe e pelos irmãos. Era um estranho em Lisboa e sentia que não pertencia àquele lugar. Ainda tentou dar uma oportunidade à capital portuguesa, mas não resis-

Un étranger à Lisbonne

David Fernandes est né en 1985 à Aubervilliers, dans la banlieue de Paris. Ses parents ont échangé la misère et de la dictature de Salazar par l'espoir d'une meilleure vie en France et ont formé une famille à Paris, juste après l'émigration. Au Portugal, le père, António Fernandes, était forgeron, mais quand il a quitté le pays, a suivi les traces des portugais et a également travaillé dans la construction civile. En 1988, il a décidé de créer une entreprise et a fondé la Société GECOP à Alfortville, dans le département du Val-de-Marne. Comme il travaillait beaucoup d'heures, vite, il est passé de maçon à entrepreneur de succès et a atteint une bonne position dans le marché français. Quand les affaires ont commencé à courir "le vent en poupe", la famille a planifié un retour au Portugal et a misé sur un changement d'air. Ils ont plié bagages et ont choisi de Lisbonne comme destination. Une ville beaucoup moins frénétique que Paris, beaucoup plus agitée que la région du Minho, capable de former l'équilibre parfait, les plats de la balance étant déjà en déséquilibre.

António Fernandes a maintenu les affaires en France, mais a acheté un restaurant pour sa femme dans la capitale et a créé une entreprise de construction au Portugal avec les frères. David avait seulement 14 ans quand il est arrivé à la jeune ville de Lisbonne, accompagné de sa mère et ses frères. Il avait l'impression d'être un étranger à Lisbonne et sentait qu'il ne faisait pas partie de cet endroit. Il a essayé encore de donner une chance à la capitale portugaise, mais n'a pas résisté. Un jour, il a demandé de revenir à Paris. "Je suis resté encore à Lisbonne trois ans. J'étudiais au Collège Valsassina, mais la



O casamento de David e Christelle



tiu. Um dia pediu para voltar para Paris. "Eu ainda estive em Lisboa durante três anos. Estudava no Colégio Valsassina, mas a verdade é que não gostava mesmo de lá estar, por isso, pedi para regressar para França. Em Lisboa o trabalho dos meus pais também não funcionava tão bem como em Paris, por isso, voltámos e hoje não me arrependo de não ter ficado em Portugal", afirma. Hoje ainda sente um carinho enorme pelas suas raízes, mas Portugal será sempre "o destino de férias" e Paris "a cidade stressante" onde gosta de viver.

"Um berço de ouro"

David cresceu, formou-se não passando pelas mesmas dificuldades dos pais, mas esteve sempre ciente do duro caminho que eles percorreram. "Para os meus pais foi muito mais difícil porque eles começaram do zero. A mim e às minhas irmãs nunca faltou nada e acho que nós nascemos mesmo num berço de ouro", afirma. António Fernandes trabalhou durante cinco anos sem ter férias. Quando saía de casa, os filhos ainda estavam na

vérité est que je n'aimais pas vivre là-bas, et pour cette raison, j'ai demandé à rentrer en France.

À Lisbonne, le travail de mes parents n'avait pas autant de succès qu'à Paris, donc nous sommes partis et aujourd'hui, je ne regrette pas d'avoir quitté le Portugal ", nous dit-il.

Aujourd'hui encore, il sent toujours une énorme affection pour ses racines, mais le Portugal sera toujours "une destination de vacances" et Paris, "la ville stressante" où il aime vivre.

"Un berceau d'or"

David a grandi, a fait des études sans passer par les mêmes difficultés de ses parents, mais il a toujours été conscient du dur chemin qu'ils ont parcouru. "Pour mes parents, tout a été beaucoup plus difficile parce qu'ils sont partis de zéro. Rien nous a manqué, à moi et à mes sœurs et je pense même que nous sommes nés dans un berceau d'or », nous dit-il.

António Fernandes a travaillé pendant cinq ans sans avoir des vacances. Quand il quittait la maison, le matin, les enfants dormaient encore, et quand il arrivait le soir, ils dormaient déjà. David était très jeune, mais se souvient encore des longues journées de travail de son père et regrette ne pas avoir passé plus de temps avec lui quand il était plus jeune. "Il quittait la maison à cinq heures du matin, arrivait à dix heures du soir. En hiver, nous allions faire du ski, mais mon père ne pouvait jamais rester avec nous. Il nous emmenait, et il repartait pour revenir nous chercher une semaine plus tard. Quand nous sommes allés à Disney, c'était pareil. "





cama e, quando chegava, também já estavam a dormir. David era muito novo, mas ainda se recorda destas longas jornadas de trabalho do pai e lamenta não ter passado mais tempo com ele quando era mais novo. “Ele saía de casa às cinco da manhã, chegava às dez da noite. No inverno, nós íamos fazer esqui, mas o meu pai nunca podia ficar connosco. Ele levava-nos, ia-se embora e, uma semana depois, vinha-nos buscar. Quando fomos à Disney foi igual”.

Quando fez 15 anos, o jovem começou a trabalhar nos escritórios da GECOP aos sábados e, quando chegavam as férias de verão, David “ficava a trabalhar durante o mês de julho e juntava dinheiro para ir de férias em agosto”. “Eu sempre gostei de trabalhar, por isso, não me importava. Fazia as facturas, organizava os arquivos da empresa. Os meus primos iam logo de férias em julho, mas eu não”, recorda sorrindo. Foi nesse part-time que encontrou a sua vocação e arranjou uma boa desculpa para passar mais tempo com o pai. “O tempo que eu perdi com o meu pai durante anos, estou a recuperá-lo hoje em dia. Na empresa tínhamos uma parede que separava o escritório dele do meu. Quando o meu pai foi de férias, eu parti a parede e fiz um escritório só para nós”, conta com um tom emocionado.



À 15 ans, le jeune homme a commencé à travailler dans les bureaux de GECOP le samedi, et quand les vacances d'été arrivaient, David “travaillait pendant tout le mois de Juillet et épargnait de l'argent pour aller en vacances en Août.” “J'ai toujours aimé travailler, donc cela ne le dérangeait pas. Il faisait les factures, organisait des archives de l'entreprise. Mes cousins partaient en vacances en Juillet, mais moi non ”, se souvient-il en souriant.

C'est pendant ce temps partiel qu'il découvre sa vocation et, a trouvé une bonne excuse pour passer plus de temps avec son père.

«Le temps que je perdu sans mon père pendant des années, je le récupère aujourd'hui. Dans l'entreprise, il y avait un mur entre le bureau de mon père et le mien. Quand il est parti en vacances, j'ai cassé ce mur et fait un seul bureau pour nous deux.» nous raconte-t-il avec émotion.

“Quero desenvolver obras desde as fundações até aos acabamentos finais”

David fala muitas vezes do pai. Fala tanto que acabou por seguir o mesmo percurso profissional. Há cerca de três anos e meio, António Fernandes afastou-se do trabalho e passou o testemunho aos filhos. David assumiu os comandos da Sociedade GECOP juntamente com as irmãs e defende com orgulho o património da família. A sociedade tem 80 funcionários, trabalha apenas com o Estado Francês e é responsável pela construção e renovação de habitações sociais. Quando o pai criou a empresa, faziam apenas revestimentos, coberturas, telhados e instalações de pichelaria, mas David quis alargar a oferta e expandir o negócio. “Agora nós já estamos a fazer a pintura dentro das casas, o chão e a electricidade. Estamos a tentar fazer tudo desde o início até ao fim e o meu projecto, a longo prazo, é transformar a GECOP numa empresa de construção geral. Eu quero desenvolver obras desde as fundações até aos acabamentos finais”, explica.

«Je veux entreprendre les travaux, des fondations jusqu'à l'achèvement final»

David parle souvent de son père. Il en parle tellement qu'il a fini par suivre le même parcours professionnel. Il y a environ trois ans et demi, António Fernandes a pris sa retraite et passe le relais aux enfants. David ainsi que ses sœurs a pris la direction de la Société GECOP et défend avec fierté l'héritage familial.

L'entreprise embauche 80 employés, fonctionne uniquement avec l'Etat français et est responsable de la construction et la rénovation de logements sociaux. Lorsque le père a créé la société, ils faisaient à peine des revêtements, des couvertures, des toitures et des installations de ferblantier, mais David a voulu élargir l'offre et de développer le commerce.

Maintenant, nous faisons déjà de la peinture à l'intérieur des maisons, le sol et l'électricité. Nous essayons de tout faire depuis le début du chantier jusqu'à la fin et, mon projet, à long terme, est de transformer GECOP en une entreprise de construction générale. Je veux entreprendre les travaux, des fondations jusqu'à l'achèvement final», explique-t-il.



Só no último ano, a Sociedade GECOP facturou 20 milhões de euros de volume de negócios, mas o jovem empresário não se mostra deslumbrado e é cauteloso no que toca ao futuro."Eu sei que os próximos anos não vão ser fáceis para os jovens. Felizmente a GECOP já está criada há 29 anos e nós conseguimos porque já temos um nome implantado no mercado, mas hoje em dia é muito difícil criar uma empresa e chegar a este patamar. Só investidores com muito dinheiro conseguem fazer isso", afirma.

"Queremos que a nossa filha tenha aulas de português"

David foi contando estas histórias com o apoio de Christelle, que estava sentada ao seu lado. "Eu acho que a minha mulher ainda fala melhor português do que eu", confidenciou. Tal como o jovem luso-descendente, Christelle também nasceu em Paris, mas é filha de emigrantes portugueses. Os pais partiram para França durante o Salazarismo e são porteiros, "concierges" de dois prédios desde então. "Eles sempre quiseram que eu soubesse falar bem português, por isso, ainda estudei a Língua e a História de Portugal", conta. Enquanto andava na escola, também trabalhava e ainda hoje recorda os tempos em que era a "Babysitter" do prédio. "Como os meus pais trabalhavam muito, eu tomava conta de crianças que moravam no mesmo edifício. Ficava com eles de manhã cedo, antes de ir para a escola, e à noite depois de regressar", afirma. Apesar de ter sido criada num bairro parisiense, esteve sempre muito

L'an dernier, la société GECOP a facturé un chiffre d'affaire de 20 millions d'euros, mais le jeune entrepreneur ne se montre pas époustouflé et est prudent en ce qui concerne l'avenir. «Je sais que les prochaines années ne seront pas faciles pour les jeunes. Heureusement GECOP est déjà créé depuis 29 ans et nous avons réussi parce que nous avons déjà un nom implanté sur le marché, mais aujourd'hui, c'est très difficile de créer une entreprise et d'atteindre ce niveau. Seuls des investisseurs avec beaucoup d'argent peuvent le faire », dit-il.

"Nous voulons que notre fille ait des leçons de portugais"

David nous racontait ces histoires avec le soutien de Christelle, qui était assise à ses côtés. «Je pense que ma femme parle encore mieux portugais que moi», nous confiait-il. Tel que le luso-descendant, Christelle est également née à Paris, mais est la fille d'émigrants portugais. Les parents sont partis en France pendant Salazarisme et sont portiers, "concierges" de deux bâtiments depuis leur arrivée. «Ils ont toujours voulu que je parle bien le portugais, ainsi, j'ai même étudié la langue et l'histoire du Portugal,» nous dit-elle. Au même temps qu'elle étudiait, elle travaillait aussi et se souvient encore du temps où elle était "baby-sitter" de l'immeuble.

«Comme mes parents travaillaient beaucoup, je gardais des enfants qui habitaient dans le même immeuble. Je les gardais très tôt, le matin avant d'aller à l'école, et le soir, après mon retour », nous dit-elle. Malgré avoir été élevée dans un quartier parisien, elle a toujours été en contact avec les traditions



ligada às tradições portuguesas e participava todos os fins-de-semana num Grupo de Folclore com a família. “Em Portugal toda a gente se conhece e no nosso grupo de folclore também era assim. O meu irmão tocava acordeão e eu participava no rancho. Às vezes ficávamos nas festas até às cinco ou seis da manhã, mas os meus pais nem tinham receio porque sabiam com quem nós estávamos”.

Um dia Christelle foi a uma discoteca portuguesa e conheceu David. “Ligámos um para o outro, encontrámo-nos e desde esse dia que estamos juntos”, conta timidamente. “Eu acho que foi ela que me chamou”, replicou David, soltando uma gargalhada. Durante umas férias na Ilha Maurícia ficaram noivos, em 2012 casaram numa quinta em Aguiar da Beira e hoje já são pais de uma menina chamada Tatiana, que brincava calmamente no colo da avó. “Nós escolhemos Tatiana porque procurámos um nome que viesse do Latim. Assim a família também consegue chamá-la mais facilmente”, conta Christelle, enquanto pega na bebé ao colo. Apesar de já fazer parte da terceira geração, os pais estão empenhados em passar-lhe a cultura portuguesa e querem que a filha conheça as origens dos pais e dos avós. “Nós também queremos que a nossa filha tenha aulas de português como nós tivemos. Ainda ontem estivemos a falar sobre isso. Nós queremos que ela aprenda as duas línguas”, acrescenta.

portugaises et faisait partie, tous les weekends d'un groupe de folklorique avec la famille. “Au Portugal, tout le monde se connaît et dans notre groupe folklorique c'était pareil. Mon frère jouait de l'accordéon et moi, je dansais dans le groupe. Parfois, nous restions dans ces fêtes jusqu'à cinq ou six heures du matin, mais mes parents ne le craignaient pas car ils savaient avec qui nous étions. »

Un jour Christelle est allé dans une boîte de nuit portugaise et a connu David. “Après un contact téléphonique, nous nous sommes rencontrés et depuis ce jour-là, nous sommes ensemble», nous dit-elle timidement. “Je pense que ce fut elle qui m'a appelé”, réplique David en riant.

Pendant des vacances, en 2012, aux îles Maurice ils sont devenus fiancés et se sont mariés dans une ferme à Aguiar da Beira et aujourd'hui, ils sont déjà parents d'une fille appelée Tatiana, qui jouait tranquillement dans les bras de sa grand-mère. «Nous avons choisi le nom Tatiana parce que nous avons cherché un nom qui avait une origine latine. Ainsi, la famille peut également l'appeler, plus facilement », explique Christelle, tout en prenant le bébé dans ses bras. Bien que faisant déjà partie de la troisième génération, les parents se sont engagés à lui transmettre la culture portugaise et veulent que leur fille connaisse l'origine des parents et des grands-parents. «Nous voulons aussi notre fille ait des leçons de portugais comme nous l'avions eu. Encore hier, nous parlions sur ce sujet. Nous voulons qu'elle apprenne les deux langues », ajoute-t-elle.



“Às vezes penso em regressar a Portugal por causa da minha filha”

Neste momento, o casal gosta de viver em Paris, mas mede bem as palavras quando fala num hipotético regresso a Portugal. Quando viveu em Lisboa, David não se adaptou à cidade, mas o destino tem destas coisas e, enquanto pai, não esconde a vontade de criar a filha numa terra mais calma. “Eu gosto mesmo de viver em Paris e acho que o trabalho é melhor lá. Mas às vezes, quando vejo o que se está a passar em países como a França e a Bélgica com o terrorismo, penso em regressar a Portugal por causa da minha filha. Há muita insegurança e aqui sentimo-nos mais seguros”, confessa. Ser pai muda mesmo tudo e David já pensa mais no futuro da filha do que no seu. Para já, garante que nunca deixará a empresa e promete novos projectos brevemente. Christelle está a desenvolver um Estúdio de Fotografia em Paris e o empresário quer dar continuidade ao legado deixado pelo pai.

“Parfois, je pense à retourner au Portugal à cause de ma fille”

En ce moment, le couple aime vivre à Paris, mais est prudent lorsqu'on parle d'un hypothétique retour au Portugal.

Quand il a vécu à Lisbonne, David ne s'est pas adapté à la ville, mais le destin a de ces choses étranges et, en tant que parent, ne cache pas le désir d'élever sa fille dans un endroit plus calme. «J'aime vraiment vivre à Paris et je pense que le travail est mieux là-bas. Mais parfois, quand je vois ce qui se passe dans des pays comme la France et la Belgique, avec le terrorisme, je pense à retourner au Portugal à cause de ma fille. Il y a beaucoup d'insécurité et nous nous sentons en sécurité, ici », nous avoue-t-il.

Être parent change tout et David ne pense plus à l'avenir de sa fille qu'au sien. Pour l'instant, il garantit qu'il n'abandonnera jamais l'entreprise et promet de nouveaux projets très prochainement. Quant à Christelle, elle développe le projet d'un studio de photographie à Paris et l'entrepreneur veut continuer l'héritage laissé par son père.



Jldeberto Medina

Sempre que eu faço um trabalho, tento colocar o nome de Portugal mais alto. Faço tudo com o meu nome e com o nome do meu país.

*Whenever I do a job, I do my best to place the name of Portugal at the top.
I do everything with my name and the name of my country.*



T

Talvez fosse preciso chegar no inverno aos Estados Unidos para perceber melhor as dificuldades que Ildeberto sentiu quando chegou em 1977. A casa não tinha aquecimento central e os irmãos Medina falavam muitas vezes acompanhando o tilintar de frio. No dia 25 de setembro de 2016 o céu estava completamente azul e o sol aquecia o corpo e a alma. Ao contrário do que estávamos à espera, em Rhode Island não encontrámos cartazes de propaganda política, apesar de o ano anunciar, independentemente do resultado, mudanças históricas no país. De Boston a Providence — o percurso feito por Ildeberto quando chegou à América — são 50 milhas. De carro, sem trânsito, percorrem-se em menos de uma hora, seguindo pela I-95 e pela I-93, duas estradas que ganham um encanto especial no Outono, com a exuberante paleta de cores das copas das árvores, entre o vermelho, laranja e o castanho, contrastando com o azul dos lagos por onde passam. Rhode Island é até conhecido como “o Estado do Oceano”, uma alcunha atribuída graças às baías grandes e enseadas que preenchem grande parte do seu território. Mesmo antes de chegarmos à casa de Ildeberto Medina, atravessámos uma ponte com um lago proeminente, que dava um encanto ainda mais óbvio às habitações e árvores em redor. Cercados pela beleza desta paisagem, ouvimos uma história com um encanto proporcional.





Casa dos meus avós paternos onde vivi até emigrar

Perhaps we should have come to the United States during the winter to better understand the difficulties Ildeberto felt when he arrived here in 1977. The house had no central heating and the Medina brothers often spoke accompanied by the tinkling sound of the ice breaking. On the 25th of September 2016 the sky was completely blue and the sun warmed our body and soul. Contrary to our expectations, no political propaganda posters can be seen in Rhode Island, although this year announces, whatever the outcome, historical changes in the country. Fifty miles separate Boston from Providence - the journey made by Ildeberto when he came to America. By car, with no traffic, it takes less than an hour, following I-95 and I-93, two routes that are particularly charming in the autumn, with the flamboyant colour palette of the trees canopy, somewhere between red, orange and brown, contrasting with the blue of the lakes along which they pass. Rhode Island is even known as the "Ocean State", a nickname that makes reference to the large bays and inlets that take up much of its territory. Just as we were arriving at Ildeberto Medina's house, we crossed a bridge over a prominent lake which made the houses and trees around it look even more charming. Surrounded by the beauty of this landscape, we heard an equally delighting story.



Com 15 anos



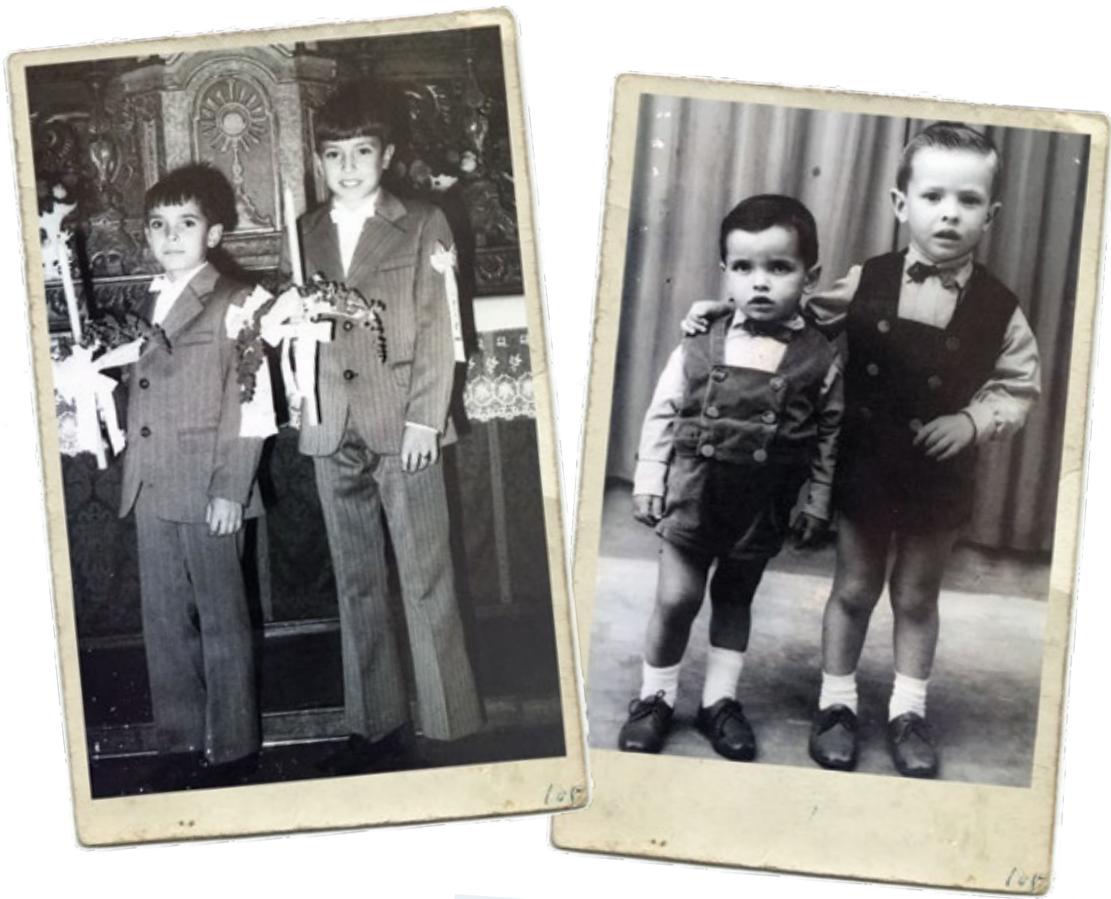
Ildeberto com a tia

O sonho americano

Há mais de um século, era à Costa Leste dos Estados Unidos que chegavam e de onde partiam os baleeiros, barcos grandes e austeros, associados também a um ciclo da imigração portuguesa. Para contar a história da família Medina na América, é preciso entrar a bordo de um destes barcos e recuar até ao último ano do século XIX. Em 1900, a avó paterna de Ildeberto emigrou num barco baleeiro com apenas 16 anos e só regressou aos Açores, curiosamente, 16 anos depois. “Ela regressou por causa da Depressão e da Guerra, mas contava coisas maravilhosas sobre a América, falava muito bem inglês e aquilo para mim teve um

The American Dream

Over more than a century, the East Coast of the United States was the point of departure and arrival of the large and austere whaling ships associated with a Portuguese immigration cycle. To tell the story of the Medina family in America, we need to board one of these boats and go back to the last year of the nineteenth century. In 1900, the then 16-year old paternal grandmother of Ildeberto travelled on a whaling ship to America and only returned to the Azores, oddly enough, 16 years later. “She went back because of the Depression and the War, but she said wonders of America, she spoke very good English and that had a big impact in me”, tells her grandson



A escola primária



O chafariz onde ia buscar água quando era miúdo



A primeira mota

grande impacto”, conta agora o neto. Ildeberto recebeu-nos num domingo à tarde. No bolso do casaco guardava uma folha com algumas datas para não se esquecer das voltas que a vida já deu, mas quando a conversa começou, o papel desdobrou-se em palavras e as memórias fluíram sem qualquer auxílio. Sentado numa poltrona, num canto da sala, contou-nos que sempre foi “muito ambicioso, gostava de subir na vida e foi a partir daí que nasceu o sonho de emigrar”. Ildeberto Medina cresceu na pequena Graciosa, uma ilha dos Açores que foi assim baptizada por causa das paisagens belas e harmoniosas. Raul Brandão chamou-lhe “A Ilha Branca”. O escritor português descreveu com fulgor o “verde tenro” do pequeno refúgio plantado no meio do Oceano no livro “As Ilhas Desconhecidas”, mas nem esta beleza virgem foi capaz de convencer o jovem cheio de energia, com vontade de singrar na terra dos sonhos.

Ainda hoje recorda com um brilho nos olhos a infância “maravilhosa” que teve na aldeia onde não existiam “leis nem regras”. Ildeberto tocava numa banda de música, corria pelos prados verdes com o mar imenso à sua frente, infinito para lá do horizonte, mas o seu imaginário olhar parecia vislumbrar o outro continente. Como na ilha não havia uma escola secundária, deixou os estudos com apenas 10 anos apesar de ter sido sempre “um excelente aluno”. “Aqueles que tinham dinheiro podiam ir estudar para fora, para outras ilhas ou até para Lisboa, mas quem não tinha dinheiro, ficava por ali e começava a trabalhar. Foi isso que me aconteceu. Comecei a trabalhar para uma firma que vendia de tudo. Cimento, materiais de construção, até gasolina”, diz-nos. Quando fez 12 anos, a Escola Secundária abriu, mas como já tinha “amor ao dinheiro”, decidiu trabalhar durante o dia e estudar à noite. “Eu tinha vontade



Os avós

now. Ildeberto received us on a Sunday afternoon. In his coat pocket, he kept a sheet with some dates not to forget the turns of his life, but when the conversation began, the paper gave rise to words and his memories flowed without assistance. Sitting in an armchair in a corner of the room, he tells us that he has always been very ambitious, he wanted to rise in the world, and this is at the origin of his dream to emigrate. Ildeberto Medina grew up in Graciosa, a small island of the Azores archipelago which was thus named because of its beautiful and "gracious" landscapes. Raul Brandão called it the "White Island". In the book "The Unknown Islands", the Portuguese writer describes with flashing brilliance the "tender green" of the small refuge planted in the middle of the ocean, but not even this unspoiled beauty was able to convince the young man, full of energy and eager to succeed in the dream land, to remain in his homeland.

Ildeberto's eyes twinkle as he remembers the "wonderful" childhood he had growing up in a village where there were no "laws or rules". Ildeberto played in a music band, ran through the green meadows facing the immense ocean, but in his imaginary gaze of the infinite beyond the horizon line he seemed to glimpse the other continent. As there were no secondary schools in the island and despite having always been "an excellent student", he left school with only 10 years. "Those who had money could go out to study in other islands or even in Lisbon, but those who had no money had to stop studying and start working. That's what happened to me. I began working for a company that sold everything. Cement, building materials, even gas", he tells us. When he turned 12, a secondary school opened in the island but, as "love of money"



Os meus filhos em pequenos



Os meus netos

de aprender inglês porque já pensava emigrar para os Estados Unidos, por isso, comecei por essa etapa". Em 1977, um tio materno escreveu a carta que o chamava para a América e Ildeberto emigrou. Com apenas 15 anos deixou a paisagem "Graciosa", a liberdade da Ilha e correu atrás do sonho, perseguinto a rota da avó e do tio, mas pelo caminho percebeu a dura distância que separava o sonho da realidade americana.

O inverno de 77

No dia 27 de maio de 1977 Ildeberto Medina chegou aos Estados Unidos acompanhado pelos pais e pelo irmão mais novo. Quando pisou Boston pela primeira vez, "já tinha o chamado cartão verde que permitia a residência permanente" e sabia que no dia seguinte estavam à sua espera para trabalhar. No início, "tudo parecia estar encaminhado", mas a adaptação dos pais àquela nova realidade não correu como planeado e, alguns meses depois, a família regressou novamente para a Ilha.



A minha filha
e neta

em baixo
o meu filho e mulher



had already been instilled in him, he decided to work during the day and study at night. "I wanted to learn English because I already had this wish to immigrate to the United States, so I started with that". In 1977, a maternal uncle wrote the letter calling him to America and Ildeberto emigrated. And so the 15-years old left the "Gracious" landscape, the freedom of the island, and ran after the dream, pursuing the route of his grandmother. But along the way he realised the hard distance between the dream and the American reality.

The winter of 1977

On the 27th of May 1977 Ildeberto Medina arrived to the United States accompanied by his parents and his younger brother. When he stepped on Boston for the first time, he "already had the so called "green card" that allowed permanent residence" and knew that the next day he was waited to start working. In the beginning "everything went very well", but the adaptation of his parents to that new reality didn't go as planned and, a few months later, the family returned back to the Island. Ildeberto Medina and his younger brother held the same ambition to follow the American dream and, shortly thereafter crossed the Atlantic Ocean again, this time by themselves. The shelter of the Medina brothers was located in Providence, the capital of the state of Rhode Island, "a small cellar of a house with only one room and no central heating". When the summer was over, the brothers often suffered with the bone-chilling temperatures, but rolled up their sleeves and warmed themselves with hard work. Ildeberto soon realised that it was not easy to live in the country of the immigrant dream but he never faltered, he never felt overruled by



Ildeberto Medina e o irmão mais novo mantinham a ambição de seguir o sonho americano e, pouco tempo depois, atravessaram o Oceano Atlântico novamente, desta vez sozinhos. O abrigo dos irmãos ficava situado em Providence, a capital do Estado de Rhode Island, “na cave de uma casa, com apenas um quarto e sem aquecimento central”. Quando o verão acabou, os irmãos sofreram muitas vezes com aquelas temperaturas baixas, capazes de gelar os ossos, mas arregaçaram as mangas e aqueceram à custa de muito trabalho. Ildeberto percebeu logo que não era fácil viver no país do sonho imigrante, mas nunca fraquejou, nunca se deixou dominar pelo cenário mais sombrio e, no meio da penumbra, encontrou uma luz que o guiou durante o caminho em direcção ao sucesso. “Comecei logo a trabalhar no outro dia numa empresa de construção por-

que já tinha tudo marcado”, conta-nos. A partir daí comecei a ganhar mais dinheiro do que garhava nos Açores, por isso, comecei a gostar cada vez mais de cá estar. O meu primeiro patrão era português e por acaso era da Ilha Graciosa. Ele não era empreiteiro, mas tinha muitas casas e nós trabalhávamos com ele e fazíamos a manutenção dessas casas e apartamentos”, acrescenta. Em 1979, Ildeberto fez “o primeiro trabalho por conta própria como empreiteiro” e deu o primeiro passo para se tornar num empresário no ramo da construção civil. Durante os primeiros cinco anos, ia fazendo trabalhos “sozinho em regime part-time”, mas em 1985 fundou a empresa “Medina Construction” e lançou-se no mundo empresarial. No início não tinha funcionários e muito menos sócios. Medina “arranjava os clientes e ia fazer o trabalho”. Depois começou a “contratar pessoas em re-

the dark scenario and, in the midst of the gloom, he found a light that guided him along the way towards success. "The day after my arrival, I immediately started to work in a construction company because everything had already been arranged", he tells us. "From that moment on, I was making more money than what I earned in Azores and found that I increasingly liked to be here. My first boss was Portuguese and happened to be from the Graciosa Island. He was not a contractor, but he had many houses and we were doing the maintenance of these houses and apartments", he adds.

In 1979, Ildeberto did "the first self-employment job as a contractor" and took the first step to becoming an entrepreneur in the construction industry. During the first five years, he kept working "alone in part-time", but in 1985 he founded the company "Medina Construction" and jumped into the business world. At the beginning he had no employees and much less partners. Medina "sought clients and did the work". Afterwards, he began to "hire people on a part-time basis" and currently he has several Portuguese, Brazilian and Cape Verdeans employees. Nowadays, the entrepreneur works "in a very prestigious area, close to Brown University" and has "a rich clientele" who can afford quality services. "Whenever I do a job, I do my best to place the name of Portugal at the top. I do not want people to say that a Portuguese came to work there and did a bad job or was a dodgy. I do everything with my name and the name of my country", he says.



gime part-time” e actualmente tem vários funcionários portugueses, brasileiros e cabo-verdianos. Neste momento, o empresário trabalha “numa área muito prestigiada, perto da Universidade de Brown” e tem “uma clientela rica”, capaz de pagar um serviço de qualidade. “Sempre que eu faço um trabalho, tento colocar o nome de Portugal mais alto. Eu não quero que digam que esteve lá um português e que fez um mau trabalho ou foi aldrabão. Faço tudo com o meu nome e com o nome do meu país”, afirma.

A escola da vida

Pergunto se no meio deste trabalho todo também se divertiu como faziam os jovens da mesma idade, mas a resposta foi rápida. “Não tinha muito tempo para andar a fazer maluquices”, afirmou sorrindo. Ildeberto Medina preferiu rentabilizar todo o tempo livre e, depois do trabalho, ainda ia para as aulas. Diz-nos que “sempre quis crescer e gostava de estudar porque achava que essa era uma forma de ser alguém em Portugal”. Como não conseguiu terminar os estudos nos Açores, quando fez 20 anos regressou às aulas nos Estados Unidos, acabou o liceu e entrou “numa das melhores universidades americanas”. “Eu não precisava de curso nenhum, nem de diploma porque já tinha o meu negócio e estava estabilizado, mas mantinha sempre aquela ambição de ir para a Universidade, por isso, durante quatro anos estudei Línguas numa Universidade Americana e continuei com a empresa. Com esforço, concretizei o sonho do sucesso, do dinheiro e da escola”. sublinha.





Vasco Cordeiro com Connie Furtado e Ildeberto Medina

The school of life

I wonder if, in the middle of all the work, he also had fun as young people of the same age did, and the response was swift. "There was not much time to do crazy things", he smiled. Ildeberto Medina preferred to monetize all the free time and, after work, he went to classes. "I always wanted to grow up and I liked to study because I thought that this was a way to be someone in Portugal", he tells us. As he could not finish his studies in the Azores, he returned to school in the United States, he finished high-school and then went to "one of the best American universities". "I did not need any course or degree because I had my own business and a stable situation, but I always had that ambition to go to the university; so, for four years, I studied languages in an American university and continued my activity with the company. With effort, I accomplished my dream to work, to have money and to go to school", he stresses.



Ildeberto Medina e Connie Furtado ladeados por Nellie Pedro, da TV Gente do Canadá e Duarte Freitas, presidente do PSD/Açores nas festas do Senhor Santo Cristo em Ponta Delgada

But the school of life taught him that there are formulas without solution, especially when the metaphor refers to marriage. Medina turned the page of history, moved on his chair and prepared himself to speak about his two children. Although he feels integrated in America, he sought to pass the love for Portugal at home. "They both went to a Portuguese school, learned to speak, to read and to write Portuguese, because I was concerned about keeping this link with Portugal and I thought it was important for them too", he says. The eldest daughter has two degrees, made a Business Management course in advertising and other Finance course. Currently she's working for a large US company, known throughout the world. The son, although he had a course in Business Management, was not happy with it, so he decided to capitalise on his Lusitanian origins through an innovative project, which is having much success in New England. "He decided to buy

Já a escola da vida ensinou-lhe que há fórmulas sem solução, sobretudo quando a metáfora se refere a um casamento. Medina virou a página da história, compôs-se na cadeira e preparou-se para falar sobre os dois filhos. Apesar de se sentir integrado na América, procurou passar o amor pela pátria portuguesa em casa. "Eles andaram na escola portuguesa, aprenderam a falar português, a ler e a escrever porque essa ligação com Portugal preocupava-me e eu achava que era importante para eles também", conta. A filha mais velha tem duas licenciaturas, fez um curso de Gestão de Empresas na área da Publicidade e outro curso de Finanças. Neste momento está a trabalhar para uma grande empresa americana, conhecida em todo o mundo. O filho, apesar de ter também tirado uma licenciatura em Gestão de Empresas, não se sentia realizado, por isso, decidiu demonstrar as suas origens lusitanas através de um projecto inovador, que está a ter muito sucesso na Nova Inglaterra. "Ele decidiu comprar uma carrinha e criou o primeiro restaurante ambulante português na América. Chama-se "Portu-galo" e vai para todo o lado. Vai até universidades, festas, convívios, festas privadas, até casamentos. Está a fazer um excelente trabalho, está a fazer o que gosta e isso para mim é o mais importante", afirma. Hoje está consciente que as três empresas que criou em solo americano "vão ser vendidas", mas garante que não fica triste por não passar o testemunho aos filhos. Preferevê-los realizados e a abraçar os projectos que idealizaram. "Se eles estão felizes, eu também estou".



a truck and created the first Portuguese street restaurant in America. It's called "Portu-galo" and goes everywhere. He goes to universities, parties, meetings, private parties, even to weddings. He is doing an excellent job, is doing what he likes and that, to me, is the most important thing", he says. Today he is aware that the three construction companies that he created on American soil "will be sold", but assures that he is not sorry for not handing them over to his children. He prefers that they feel accomplished and that they embrace the projects they have created. "If they are happy, so am I."



O futuro

Enquanto estamos perdidos entre as memórias, os ponteiros desprendem-se do relógio e parece que o tempo não passa. Na realidade voa. A conversa já ia longa quando bateram as quatro badaladas. Medina deixou o passado, fez um balanço no presente e encarou o futuro. Durante os últimos 25 anos, o seu trabalho já foi “reconhecido pelas cidades, pelo estado e pelo governo norte-americano”. Um dia, esse sucesso poderá ser reconhecido em Portugal. Olhando para uma parede cheia de quadros e diplomas, diz que “é muito bom estar noutro país e ser reconhecido”. “É muito bom não só para mim, mas também para os portugueses e para Portugal porque eles sabem que foi um português que fez aquele trabalho”. Ildeberto Medina é um português de alma e coração. Na Ilha Graciosa tem uma casa virada para o Oceano Atlântico e faz questão de visitar o país pelo menos uma vez por ano. O empresário não quer “parar”, muito menos “fazer planos para uma reforma”, mas recusa “conquistar o mundo”. Já realizou vários sonhos, alcançou sucesso e encontrou estabilidade. Agora só pede tempo. Tempo para aproveitar a vida e desfrutar da felicidade.

The future

While we are lost among memories, the hands from the clock give off and it seems that time does not pass. In fact, it flies. The conversation was already long when the clock struck four. Medina left the past, took stock of the present and faced the future. During the past 25 years, his work has been “recognised by the cities, the state and the US government”. One day, the success can be recognised by his nation. Looking at a wall full of pictures and diplomas, he says “it's great to be in another country and be recognised”. “It is very good not only for me, but also for the Portuguese and for Portugal, because they know that it was a Portuguese who did that work”. Ildeberto Medina is Portuguese with heart and soul. In Graciosa Island has a house facing the Atlantic Ocean and he visits the country at least once a year. The entrepreneur does not want to “stop”, much less “make plans to retire”, but refuses to “conquer the world”. He has made several dreams real, achieved success and found stability. Now he only asks for time. Time to enjoy life and to be happy.



Joaquim Barros

“Os primeiros passos em terras gaulesas marcaram-me muito porque eu sabia de onde vinha, mas não sabia verdadeiramente para onde ia”.

“Les premiers pas sur les terres gauloises m’ont beaucoup marqué, car je savais d’où je venais mais je ne savais pas vraiment vers où j’allais”.





Quando Joaquim Barros nasceu em Viana do Castelo ouviu provavelmente aquele tilintar dos canteiros a bater na pedra, como um chamamento anunciado por sinos de cristal. Reza a história que os primeiros mestres vieram das regiões do Minho e do Douro precisamente, daquele norte de Portugal de séculos atrás. Traziam a arte da cantaria – a talha em pedra, a matéria dura e seca transformada em beleza e dando testemunho de vida. Durante o seu trabalho foram mestres de outros mestres e passaram o ponteiro e o martelo de geração em geração. Do lado paterno, o avô e o pai de Joaquim estiveram sempre ligados a esta arte. Do lado materno, o avô também era mestre-de-obra e empresário. Hoje diz que “reuniu estas raízes” e plantou uma árvore em Paris. É um dos poucos empresários portugueses que aprendeu a arte da cantaria com os verdadeiros mestres antigos e é responsável por embelezar edifícios históricos da capital francesa. Conhece as curvas e as contracurvas de cada obra, mas não se perde nos detalhes. Pelo contrário. Garante que é nos pormenores que se encontra. Joaquim Barros esculpiu uma vida dividida entre a foz do rio Lima e as margens do rio Sena. Sentado numa cadeira de encosto alto, num escritório da Capital Francesa, o empresário deu-nos a conhecer o carinho quase platónico que sente por Portugal e o agradecimento eterno que deixa à França.



Lorsque Joaquim Barros est né, à Viana do Castelo, il a probablement écouté ce tintement des instruments, utilisés par les artisans, travaillant la pierre, comme un appel annoncé par des cloches en cristal. L'Histoire dit que les premiers maîtres sont venus des régions de Minho et de Douro, plus précisément du Nord du Portugal, il y a des siècles en arrière. Ils ramenaient avec eux l'art de tailler la pierre - travailler ce matériel dur et sec, transformé en beauté et témoignant la vie. Pendant leurs années de travail, ils furent, à leur tour, maîtres d'autres maîtres et ils ont fait passer la pointe et le marteau de génération en génération. Du côté paternel, le grand-père et le père de Joaquim ont toujours été attachés à cet art. Du côté maternel, le grand-père était également chef de chantier et entrepreneur. Aujourd'hui, il nous dit: "j'ai réunis ces racines et j'ai planté un arbre à Paris". C'est un des rares entrepreneurs portugais qui a appris l'art de travailler la pierre avec les anciens et véritables maîtres et il est chargé de l'embellissement des immeubles historiques de la capitale française. Il connaît les courbes et contre-courbes de chaque chantier, néanmoins il ne se perd pas au niveau des détails. Au contraire. Il assure que c'est dans les détails qu'il se retrouve. Joaquim Barros a sculpté une vie partagée entre l'embouchure de la rivière Lima



Os primeiros passos

Faltavam poucos minutos para as quatro da tarde quando chegámos à Rua Paul Barruel em Paris. A tarde de 21 de setembro estava ensolarada, mas o escritório de Joaquim Barros não tinha janela. Apenas um quadro com uma foto tirada durante um jogo da Selecção Portuguesa em Paris. “Este Campeonato Europeu em França foi maravilhoso. Nunca pensei viver algo assim”, diz-nos. O empresário já vive há mais anos em França do que viveu em Portugal, mas continua a envergar as cores da bandeira nacional. Mesmo nos dias mais cinzentos, aquela janela indiscreta, completamente metafórica, fica virada para uma paisagem que traz boas memórias. Mas antes de chegarmos às conquistas em terras gaulesas, temos que passar pelas vitórias e derrotas em solo lusitano.

Joaquim apercebeu-se cedo, talvez cedo demais, que a vida prega partidas, às vezes logo à chegada. Quando nasceu em 1968, “tinha um pequeno problema de mobilidade” e, durante os primeiros cinco anos não conseguia movimentar-se como as outras crianças. “Todas as pessoas gostam de ver os bebés a dar os primeiros passos, essa é uma alegria que dão aos pais, mas infelizmente eu tinha um problema que não me permitiu fazer logo isso”, afirma. Durante muito tempo, a mãe ajudou-o a fazer “todos os movimentos que os membros inferiores não conseguiam”, mas com força e determinação superaram esse problema. Hoje até acredita que “as primeiras dificuldades ensinaram muito e influenciaram o percurso” que acabou por fazer. Quando Joaquim começou a

et les rives de la Seine. Assis sur une chaise à dossier haut, dans un bureau de la capitale française, l'entrepreneur nous a fait connaître la tendresse presque platonique qu'il ressent pour le Portugal et l'éternel reconnaissance qu'il éprouve envers la France.

Les premiers pas

Il était presque quatre heures de l'après-midi lorsqu'on est arrivé à Rue Paul Barruel, à Paris. L'après-midi du 21 septembre était ensoleillée, mais le bureau de Joaquim Barros n'avait pas de fenêtre. Il y avait simplement un cadre avec une photo prise lors d'un match de la sélection portugaise de football à Paris. "Ce championnat d'Europe en France a été merveilleux. Je n'avais jamais pensé vivre quelque chose de semblable", nous dit-il. L'entrepreneur a, déjà, plus d'années vécues en France que celles vécues au Portugal, néanmoins il continue à porter les couleurs du drapeau portugais. Même pendant les jours gris, cette fenêtre indiscrete, métaphorique, nous dévoile un paysage tout plein de bons souvenirs. Cependant, avant de commencer à aborder les conquêtes sur les terres gauloises, nous devons parler des victoires et défaites sur le sol portugais.

Joaquim a compris très vite, peut être trop tôt, que la vie nous joue des tours, parfois même dès notre arrivée. En 1968, quand il est né, il avait un petit problème de mobilité et, pendant les cinq premières années, il n'arrivait pas à se déplacer comme les autres enfants. "Toutes les personnes aiment voir les bébés lorsqu'ils font leurs premiers pas, c'est un bonheur qu'ils offrent aux parents, mais, malheureusement j'avais un problème qui m'a empêché de faire mes premiers



ser autónomo, aproveitou verdadeiramente a liberdade, teve “uma infância bastante activa” e acabou por se transformar num grande atleta. “O facto de ter feito atletismo, ajudou-me a perceber que não era uma dor de pernas que me ia impedir de chegar à meta que eu tinha definido”, sublinhou. Ao longo da sua vida, Joaquim Barros estabeleceu muitos objectivos, mas fez questão de percorrer todas as etapas.

O pai era emigrante em França, por isso, teve que ajudar à mãe que cuidava da casa e dos três filhos sozinha, na pequena aldeia Vila de Punhe, em Viana do Castelo. Apesar da falta que fazia muitas vezes a figura paterna, reconhece que “ser filho de um emigrante naquela altura era um luxo”. “Tanto eu como os meus irmãos tivemos acesso a muitas coisas que os filhos daqueles que não eram emigrantes não tinham porque as condições financeiras não o permitiam. É evidente que fez falta, mas como eu tenho um pai extraordinário, o pouco tem-



po que nós passávamos com ele era mesmo bem aproveitado”, conta. Joaquim era um bom aluno na escola e “tinha um futuro já quase desenhado se continuasse os estudos”, mas quando fez 18 anos decidiu virar a página e traçar um novo caminho. “Parei os estudos, tentei a aventura, peguei num saco, atravessei fronteiras e vim parar à França sem conhecer a língua. A única referência que eu tinha era o meu pai que já cá estava a trabalhar”.

pas", affirme-t-il. Pendant très longtemps, sa mère l'a aidé à réaliser "tous les mouvements que les membres inférieurs n'arrivaient pas à faire", néanmoins, avec force et détermination, ils ont surmonté ce problème. Aujourd'hui il est même convaincu que les premières difficultés lui ont appris beaucoup et ont influencé le parcours qu'il allait affronter. Quand Joaquim est devenu autonome, il a profité véritablement de sa liberté; il a eu "une enfance très active" et il a réussi à devenir un grand athlète. "Le fait d'avoir pratiqué de l'athlétisme m'a fait comprendre que ce n'est pas une douleur à la jambe qui m'empêcherait d'atteindre la ligne d'arrivée que j'avais défini", souligne-t-il. Tout au long de sa vie, Joaquim Barros a établi plusieurs objectifs, mais il s'est efforcé de parcourir toutes les étapes.

Son père était émigré en France, donc, il devait aider sa mère qui s'occupait de la maison et de ses trois enfants, toute seule, dans le petit village de Vila de Punhe, à Viana do Castelo. Malgré le vide souvent ressenti, causé par l'absence de la figure paternelle, il reconnaît que "à cette époque, le fait d'être



fils d'un émigré c'était un luxe". "Mes frères et moi, nous avons eu accès à pas mal de choses auxquels les autres enfants, dont les parents n'étaient pas émigrés, n'avaient pas accès car les moyens financiers ne le permettaient pas. Évidemment, il nous a manqué, mais mon père est extraordinaire et le peu de temps que nous passions ensemble, on en profitait très bien", raconte-t-il. Joaquim était un bon élève à l'école et il avait un futur pratiquement dessiné s'il continuait les études, néanmoins, quand il a eu 18 ans il a décidé de tourner la page et prendre un nouveau chemin. "J'ai arrêté les études, j'ai tenté l'aventure, j'ai pris un sac, traversé la frontière et je me suis retrouvé en France sans savoir parler la langue. La seule référence que j'avais c'était mon père qui était déjà là pour travailler".



O primeiro voo

Joaquim deixou a escola no dia 10 de abril, apanhou um comboio em direcção a França no dia 11, chegou a Paris no dia 12 e começou a trabalhar no dia 13 de abril, numa segunda-feira. "Não tive mesmo tempo a perder", conta sorrindo. Enquanto fazia aquela longa viagem de comboio, ia pensando no que deixou para trás e especulando sobre o que ia encontrar à sua frente. Os pais não queriam que percorresse aqueles trilhos, preferiam que tivesse ficado em Portugal a estudar como fizeram os dois irmãos, mas Joaquim sempre se viu "como um pássaro com asas para voar". "Se eu continuasse a estudar, ia ficar num escritório fechado todo o dia. Com 18 anos precisava de liberdade e aquele tempo que eu pas-

sei preso por não conseguir andar, acho que determinou bastante esta minha vontade de sair", explica. "Quanto mais o comboio se aproximava da Gare D' Austerlitz, mais a apreensão aumentava e os primeiros passos em terras gaulesas marcaram-me muito porque eu sabia de onde vinha, mas não sabia verdadeiramente para onde ia". À sua espera tinha uma "profissão pesada", mas que permitia "cantar, assobiar e brincar" ao mesmo tempo. Joaquim foi aprender a arte do pai e, à semelhança dos seus mestres, tornou-se num profissional da cantaria.

"Tive muita sorte porque eu conheci aquelas pessoas antigas, que ainda sabiam transmitir a paixão por uma profissão. Eu fui talvez dos últimos da minha geração a ter esse privilégio. Como eu gostei logo desse trabalho, isso

Le premier envol



Joaquim a arrêté l'école le 10 avril, il a pris un train vers la France le 11 avril, puis il est arrivé à Paris le 12 et il a commencé à travailler le 13 avril, c'était un lundi. "Je n'avais pas de temps à perdre", nous dit-il en souriant. Pendant le long voyage dans le train, il pensait à tout ce qu'il avait laissé derrière lui, tout en spéculant sur le futur qui était devant lui. Ses parents ne voulaient pas qu'il parcourt ce chemin, ils auraient préféré qu'il reste au Portugal tout en continuant ses études comme l'ont fait ses deux frères, mais Joaquim s'est toujours senti "comme un oiseau avec des ailes pour s'envoler". "Si j'avais continué les études, je serais resté dans un bureau enfermé toute la journée. À 18 ans j'avais besoin de liberté (et ce temps-là où je me suis senti emprisonné, parce que je n'arrivais pas à marcher, a été déterminant dans ma volonté de sortir", explique-t-il. "Plus le train s'approchait de la Gare d'Austerlitz, plus l'apprehension augmentait et les premiers pas sur les terres gauloises m'ont beaucoup marqué, car je savais d'où je venais, mais je ne savais pas vraiment vers où j'allais". Un métier lourd l'attendait, mais qui lui permettait de "chanter, siffler et jouer" en même temps. Joaquim a appris le métier de son père et, comme ses maîtres, il est devenu un professionnel dans la taille de pierre.

"J'ai eu beaucoup de chance, car j'ai connu les anciens, ces personnes qui savaient encore transmettre la passion du métier. J'ai été, probablement, un des derniers de ma génération à avoir ce privilège. Comme j'ai apprécié ce métier dès le début, cela a facilité mon intégration et le développement de mes capacités", raconte-t-il. Pendant quatre ans, il a vécu dans une maison proche de Bastille et il a connu véritable-

também facilitou a minha integração e o desenvolvimento das minhas capacidades”, conta. Durante quatro anos, viveu numa casa perto da Bastille e conheceu verdadeiramente o pai. “Um estava com orgulho de transmitir e o outro estava com orgulho em aprender”, mas Joaquim confessa que “foi sempre muito protegido” e teve que ir trabalhar sozinho para “conseguir voar mesmo com as suas próprias asas”. “Ele tentava fazer tudo para que eu não me cansasse, talvez para que eu não voltasse atrás e não me arrependesse de ter vindo para França, mas nós temos personalidades diferentes e eu precisava de agir, de avançar e rapidamente fomos separados”, diz-nos. Pergunto se teve alguma vez saudades de casa, mas a resposta foi rápida. “Nunca cheguei a ter. Quando eu vou para algum lugar, ponho de parte aquilo que é negativo e adapto-me. Eu mentalizei-me que vinha para aqui e não me deixei levar pelas coisas que poderiam travar a minha iniciativa”.

Paris acordava todos os dias bonita, toda aperaltada, por isso, Joaquim partiu à “descoberta” e deixou-se enamorar por uma nova cidade, sem nunca ter traído Viana. Aqueles monumentos icónicos, com uma beleza colossal, de cortar a respiração, formavam “o cenário ideal” para exercer a profissão que ainda hoje tem. Joaquim Barros foi muitas vezes o antecessor do arquitecto, mas também o sucessor do construtor e restaurou edifícios milenares, belos, mas esquecidos e desprezados pelo tempo. Como estudou em Portugal, sabia fazer leitura de planos e rapidamente ascendeu na carreira. “18 meses depois tive aquela transferência que só os jogadores de

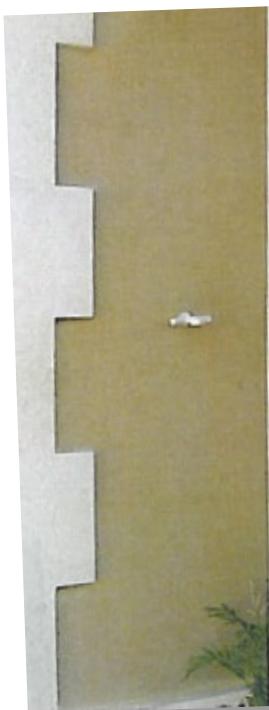


ment son père. " Nous nous sentions tous les deux très fiers, l'un fier de transmettre, l'autre fier d'apprendre ", néanmoins Joaquim avoue qu'il s'est toujours senti très protégé et qu'il a du travaillé tout seul pour "réussir à voler vraiment de ses propres ailes". "Il faisait le maximum pour que je ne m'épuise pas, probablement pour que je ne regrette pas d'être venu en France et que je ne fasse pas marche-arrière, cependant nous avons des personnalités différentes et j'avais le besoin d'agir, d'avancer et rapidement on s'est séparé", nous dit-il. Je lui demande s'il a déjà eu la nostalgie de chez lui et la réponse a été immédiate. "Je n'en ai jamais eu. Quand je vais quelque part , je mets de côté tout ce qui est négatif et je m'adapte. Je

me suis fait à l'idée que je viendrai ici, donc je ne me suis pas laissé influencer par ce qui empêcherait mon initiative".

Paris se réveillait belle tous les jours, toute coquette, ce qui a attiré Joaquim à partir "à la découverte" et il est tombé sous le charme d'une nouvelle ville, sans jamais avoir trahi Viana do Castelo. Ces monuments iconiques, d'une beauté colossale, à couper le souffle, formaient le "scénario idéal" pour exercer le métier qu'il fait encore aujourd'hui. Joaquim Barros a été très souvent l'antécédent de l'architecte, mais aussi le successeur du constructeur et il a restauré des immeubles anciens, beaux, mais oubliés et négligés par le temps.

Comme il a étudié au Portugal, il savait faire la lecture de



futebol conseguem. Uma pessoa veio ter comigo e fez-me uma proposta que eu não podia recusar. Propôs-me uma transferência para uma grande empresa francesa e eu fui para lá. Na altura, eu tive um aumento de salário muito grande, era quase o dobro. Com apenas 19 anos já tinha um salário que só pessoas com 20 ou 30 anos de arte recebiam”, conta.

O desafio

Estabilizou-se em França muito rapidamente, começou a falar francês fluente com a mesma velocidade e, quando tudo parecia encaminhado numa direcção, Joaquim fez um desvio e foi à procura de um novo desafio. Em 1995, seis anos depois de ter chegado a França, criou a primeira empresa. O início dos anos 90 “foi uma época negra para o sector da construção, várias empresas faliram” e “toda a gente dizia que aquela não era a altura mais indicada para criar uma sociedade num sector que estava bastante sinistrado”, mas Joaquim não baixou os braços e lançou-se por sua conta e risco. “Um desafio nunca me pôs medo”, afirma sorrindo, mas este temos que admitir que foi particularmente corajoso. A Batipose começou logo com cinco pessoas, quatro delas ainda estão na empresa e demonstram a confiança e as bases sólidas da equipa. “Aqueles que eu chamo os “pilares” desta casa, deste império, ainda hoje trabalham comigo”, acrescenta Joaquim Barros. Quando começou, contou com o apoio do empresário Mário Cunha e dos sócios Vitor de Melo e José Branco, por isso, garante que falar deles é imprescindível.



Le défi

Il a réussi à se stabiliser très rapidement en France et, avec la même vitesse, il a commencé à parler couramment le français, puis quand tout semblait orienté vers une direction, Joaquim a fait un détour et il est allé à la recherche d'un nouveau défi. En 1995, six ans après son arrivée en France, il a créé sa première entreprise. Le début des années 90 a été une période noire pour le secteur de la construction, plusieurs entreprises ont fait faillite et tout le monde disait que cette époque-là n'était pas la plus propice pour créer une société dans un secteur qui était très sinistré, néanmoins Joaquim n'a pas baissé les bras et s'est lancé à son propre compte et à son propre risque. "Un défi ne m'a jamais fait peur ", affirme-t-il, en souriant, mais ce défi-là, admettons-le, était particulièrement courageux.

Batipose a débuté avec 5 personnes, quatre d'entre elles sont toujours dans l'entreprise et sont la preuve de la confiance et des bases solides de l'équipe. "Ceux que je nomme comme étant les "piliers" de cette maison, de cet empire, travaillent encore avec moi aujourd'hui", rajoute Joaquim Barros. Quand il a commencé, il a eu le soutien de l'entrepreneur Mário da Cunha et de ses associés Vítor de Melo et José Branco, c'est pourquoi il assure que parler de ces trois hommes est indispensable.

Les premiers travaux de Batipose se sont réalisés à la Maison des Avocats à Paris, à côté du Palais de Justice, mais ils ne se sont jamais assis sur le banc des accusés. Comme ils travaillaient bien, ils ont rapidement avancé vers des travaux de grand prestige et, il y a notamment une des maisons construite par Batipose qui "a été vendue récemment et considérée

plans et rapidement il a évolué dans sa carrière. "Dix-huit mois après, j'ai eu ce transfert que seuls les joueurs de football arrivent à obtenir. Une personne est venue me voir et m'a fait une proposition que je ne pouvais pas refuser. On m'a proposé d'aller travailler dans une grande entreprise française et j'y suis allé. A l'époque, j'ai eu une forte augmentation de salaire, c'était pratiquement le double. A tout juste 19 ans j'avais déjà un salaire que seuls les personnes avec 20 ou 30 ans d'expérience pouvaient recevoir ", raconte-t-il.

A primeira obra da Batipose foi a Maison des Avocats em Paris, ao lado do Palácio de Justiça, mas nunca se sentaram no banco dos réus. Como prestaram um bom trabalho, rapidamente avançaram para obras de grande prestígio e até uma das casas que fizeram, “foi vendida há pouco tempo e considerada a casa mais cara do mundo”. Neste momento, o volume de negócios da empresa ronda os quatro milhões de euros e têm 20 funcionários fixos, mas a Batipose dá trabalho indirectamente, todos os meses, a mais de 40 pessoas. “Muitos são portugueses” porque Joaquim acredita que “os lusitanos têm uma capacidade de adaptação que é difícil encontrar noutras nacionalidades”. Quando criou a empresa, “gostava que os dias tivessem mais que 24 horas”, mas hoje prefere não olhar para o relógio e aproveitar “plenamente a vida”.

comme la maison la plus chère du monde". En ce moment, le chiffre d'affaires de l'entreprise tourne autour des quatre millions d'euros et ils ont 20 employés fixes, mais Batipose recrute indirectement, tous les mois, une quarantaine de personnes. "Beaucoup d'entre eux sont portugais" car Joaquim croit que "les portugais ont une capacité d'adaptation qui est difficile à trouver auprès d'autres nationalités". Lorsqu'il a créé l'entreprise, "je voulais que les jours pussent avoir plus de 24 heures" dit-il, néanmoins, aujourd'hui il préfère ne plus regarder la montre et profiter "pleinement de la vie".



A obra dos seus sonhos

No meio de tantas aventuras e descobertas, qual terá sido mesmo o dia mais feliz de Joaquim Barros? A resposta até pode parecer óbvia, mas a explicação é mágica e revela a virtude de uma estreia. Em 2000, o empresário foi pai e pegou “pela primeira vez” num bebé. “Desde muito cedo que eu decidi que não pegaria em bebé nenhum a não ser no meu, portanto, eu esperei quase até aos 30 anos para ter uma bebé nos meus braços, mas não estou arrependido porque foi mesmo um momento único. Nunca mais me vou esquecer daquelas 20h24 de um sábado. Vai ficar para sempre guardado na minha memória”, conta sorrindo.

Durante o seu percurso, passou por muitas dificuldades, mas afirma que conseguiu superar tudo com “força de vontade” e porque também teve “sempre uma mulher” ao seu lado. Actualmente partilha os seus dias com uma mulher espanhola e considera-se “um verdadeiro europeu”. Garante que é um homem “extremamente feliz” porque conseguiu sempre aquilo que desejou. Tem ainda um sonho, mas espera realizá-lo um dia, quando regressar talvez a Portugal. É que o pai de Joaquim Barros é a única memória viva ligada à construção da Basílica de Santa Luzia em Viana do Castelo e, aos 82 anos, recebeu um diploma de mérito pelo trabalho que desenvolveu durante uma década. O empresário “gostava de restaurar a Basílica” de Viana e terminar a obra que a sua família começou.

L'œuvre de ses rêves

Parmis tant d'aventures et de découvertes, quel aurait été le jour le plus heureux de Joaquim Barros? La réponse peut paraître logique, mais l'explication est magique et démontre la vertu d'une première naissance. En 2000, l'entrepreneur devient papa et “pour la première fois” il prend un bébé dans ses bras. “Depuis mon très jeune âge j'avais décidé que je ne prendrai aucun bébé dans les bras sauf le mien, pourtant, j'ai attendu presque jusqu'à mes 30 ans pour avoir mon bébé dans les bras, mais je n'ai aucun regret car ce fut absolument un moment unique. Je n'oublierai jamais quand il fut 20h24 de ce samedi-là. Ce souvenir restera gravé dans ma mémoire à jamais”, raconte-t-il en souriant.

Au cours de son voyage, il a connu de nombreuses difficultés, mais il affirme que a réussi à surmonter tout avec “volonté” et parce qu'il avait aussi «toujours une femme» à ses côtés. Actuellement il partage ses jours avec une femme espagnole et se considère comme un “vrai européen”. Il assure qu'il est un homme “extrêmement heureux” parce qu'il a toujours obtenu ce qu'il a désiré. Il a encore un rêve, mais, il espère le concrétiser peut-être un jour, quand il retournera au Portugal. C'est que le père de Joaquim Barros est la seule mémoire vive liée à la construction de la Basilique de Santa Luzia, à Viana do Castelo et, à 82 ans, il a reçu un diplôme de mérite pour le travail développé pendant une décennie. L'entrepreneur “aimerait restaurer la Basilique” de Viana et terminer le travail que sa famille a commencé.



José Gonçalves

"A França foi como uma segunda mãe para mim"

« La France fut comme une seconde mère pour moi »



F

Estava em Leiria quando surgiu a oportunidade de conversar com José Gonçalves. Apahei apressadamente um táxi, pedi para seguirmos em direcção à aldeia de Carnide e sentei-me confortavelmente no banco de trás. Pensava eu que ia ter uma viagem sossegada, observando a paisagem que estava para lá da janela, mas enganei-me redondamente. “Não é de cá”, replica o taxista, cortando instantaneamente o silêncio. Acho que a pronúncia do norte denunciou-me. Isso ou o hotel onde estava alojada. Seguiu-se uma longa conversa sobre coisas banais, interrompida de vez em quando pela voz brasileira do GPS. Não tenho jeito para ser condutora de bancada, muito menos co-piloto, mas quando reparei que o senhor não estava a seguir as indicações do mapa, não descansei. Estávamos já numa estrada estreita, no meio de uma floresta e aquela desorientação sob o olhar atento do taxímetro preocupava-me. “Eu tenho um amigo que é desta aldeia e ele vai dizer-me por onde devemos ir”, afirmava o taxista. O GPS dizia para ir pela esquerda, o amigo indicava para virar à direita. Aquele malabarismo entre o volante, o telemóvel e o rádio era cansativo, mas acabou por valer a pena. Chegámos ao destino e viemos realmente pelo caminho mais perto, confirmou-me já José Gonçalves.

Quando cheguei, o empresário estava a despedir-se da filha e dos netos que iam para a praia. Depois de me servir um café curto, sentou-se no sofá. Enquanto mexia a chávena com pequenos movimentos circulares, contou-me onde nasceu, como fugiu da Guerra do Ultramar e viajou até França “a salto”, acompanhado por um vizinho que era passador. Ao saborear a cafeína, recuperei o fôlego e escutei-o com mais atenção. Aquilo sim eram viagens atribuladas. Depois de entrar em Espanha, José andou a pé uma noite inteira, atravessou uma parte de barco e, só depois de fazer muitos quilómetros, consegui apanhar um comboio em direcção a Paris. Foi lá que começou a trabalhar, criou a sua própria empresa e conheceu a mulher de sorriso fácil, que estava sentada ao seu lado. Mas não nos adiantemos à história e deixemos este prelúdio abrir apenas o apetite.



J'étais à Leiria quand se présenta l'occasion de parler avec José Gonçalves. J'ai rapidement sauté dans un taxi, demandé de me conduire au village de Carnide et me suis confortablement installée sur la banquette arrière. Je pensais, en regardant le paysage défiler par la fenêtre, que ce serait un voyage tranquille, mais je me trompais lourdement. « Vous n'êtes pas d'ici » me dit le chauffeur, rompant tout à coup le silence. Je crois que mon accent du nord m'avait trahie. Ça ou l'hôtel où j'étais descendue. Nous parlâmes ensuite de tout et de rien, la voix brésilienne du GPS nous interrompant de temps en temps. Je n'ai aucun talent de pilote d'essai, et encore moins de copilote, mais lorsque je me rendis compte que le chauffeur ne suivait pas les indications de la carte, je commençai à m'inquiéter. Nous suivions une route étroite, au milieu d'une forêt et je me sentais égarée et préoccupée sous le regard attentif du chauffeur. « J'ai un ami dans ce village et il va me dire par où aller », affirmait l'homme du taxi. Le GPS disait d'aller à gauche, l'ami indiquer un virage à droite. Cela jonglait entre le volant, le portable et la radio, c'était éprouvant, mais finalement cela valut la peine. Nous sommes arrivés à destination et avions réellement pris le chemin le plus court, comme le confirma José Gonçalves.



Infância apressada

José Gonçalves é natural de Carnide, uma freguesia do Concelho de Pombal, e cresceu a poucos quilómetros da casa onde passa agora as férias. O pai era carpinteiro, fazia baldes, alguidares e barris em madeira, mas quando apareceram as fábricas de plástico, começou a ficar sem trabalho e o ganha-pão da família ficou em risco. Ainda chegou a abrir um aviário, mas foi na recolha da resina que voltou a encontrar estabilidade. Já a mãe trabalhava na agricultura e tinha muitos animais. Quando as aulas acabavam, José sabia que o trabalho estava à sua espera. “Eu tinha que ir sachar milho, regar ou apa-

nhar o trigo. A partir dos 4, 5 anos já se trabalhava, era tudo muito diferente. Agora muitos jovens andam na escola até aos 30 anos”, afirma, soltando uma gargalhada. Com a quarta classe e apenas dez anos em cima dos ombros, já deambulava pela mata e trabalhava com o pai como resineiro. De facto, a infância foi apressada, mas teve tempo para tudo e ainda hoje recorda as brincadeiras que fazia no rio com os amigos. “Tenho muitos amigos de infância e gosto de cá voltar porque também é uma forma de nos reencontrarmos”, acrescenta.

Os anos passaram e, aquela idade em que “a tropa manda desenrascar”, começou a aproximar-se. Portugal



Maria do Sameiro

A mon arrivée, l'entrepreneur était en train dire au revoir à sa fille et à ses petits-enfants qui se rendaient à la plage. Après m'avoir servi un petit café bien fort, il s'assit sur le sofa. Tout en remuant la café avec de petits mouvements circulaires, il me raconta où il était né, comment il avait fui la Guerre d'Outre-mer et voyagé par étapes jusqu'en France, accompagné d'un voisin qui était passeur. Savourant la caféine, je me sentis mieux et l'écoutai avec plus d'attention. C'était vraiment des voyages pleins d'embûches. Après être entré en Espagne, José marcha durant une nuit entière, traversa une partie en bateau et, seulement après de nombreux kilomètres, put prendre un train en direction de Paris. C'est dans cette ville qu'il commença à travailler, qu'il créa sa propre entreprise et qu'il connut sa femme au sourire généreux, assise à côté de lui. Mais ne brûlons pas les étapes de cette histoire et laissons ce prélude nous mettre en appétit.

Une enfance pressée

José Gonçalves est né à Carnide, une commune de l'arrondissement de Pombal, et a grandi à quelques kilomètres de la maison où il passe à présent ses vacances. Son père était menuisier, il fabriquait des seaux, des bassines et des tonneaux de bois, mais quand apparurent les usines de plastic, son travail en souffrit et le gagne-pain de la famille se vit menacé. Il s'essaya à l'élevage de poulets mais c'est dans la récolte de résine qu'il retrouva la stabilité. La mère de José Gonçalves travaillait dans les champs et avait de nombreux animaux. José savait que le travail l'attendait après l'école. « Je devais butter le maïs, arroser ou moissonner le blé. A partir de 4, 5 ans on travaillait, tout était très différent. Maintenant

atravessava ainda o período da Guerra Colonial, mas José Gonçalves recusou qualquer tipo de heroísmo. Quando fez 17 anos, despediu-se da aldeia e emigrou para França. “Eu não fugi da tropa. Eu fui do Ultramar”, afirma. “Naquela altura nós ouvíamos dizer que as pessoas iam e não voltavam, por isso, eu não quis arriscar”. Em terras gaulesas já tinha três irmãos e uma promessa de trabalho numa empresa de construção francesa, mas confessa que custou-lhe dizer adeus à terra natal. “Chorei muito quando lá cheguei. Eu até dizia que preferia ter partido uma perna do que ter emigrado para França, mas depois a vida começou a correr melhor e hoje já não estou arrependido”, acrescenta. Em Paris fez novas amizades e conheceu a mulher que hoje está ao seu lado e ajuda a contar esta história.

“Quando dei por mim, já estava a chegar ao Arco do Triunfo”

Maria do Sameiro nasceu em Trás-os-Montes, mas foi criada em Espinho. O pai, depois de ter trabalhado durante muitos anos nas Minas da Borralha, no Concelho de Montalegre, dedicou-se à arte da tanoaria e começou a construir barris e tonéis para o vinho. Sameiro estudou até aos nove anos, mas também começou a trabalhar cedo porque “a fartura não era muita naquele altura”. “Eu ia fazer aquele fio para os tapetes nos teares. Primeiro comecei a fazer o fio, depois comecei a fazer os tapetes e, antes de ir para a França, já trabalhava numa fábrica de tapetes”, conta. Quando fez 16 anos, a jovem quis “oferecer uma vida melhor” aos pais

e decidiu emigrar para França, mas a viagem até Paris também foi uma aventura digna de uma Epopeia. “Nós alugámos um táxi até entrar em Espanha, atravessámos a fronteira a pé e só depois é que apanhámos um comboio, mas andámos sempre a mudar de carruagem porque estávamos com medo que nos apanhassem”.

Quando chegou a França, tinha a morada da irmã mais velha escrita num papel, mas não sabia falar francês. Ao olhar para uma fila de táxis, escolheu a viatura que tinha uma mulher ao volante e deu-lhe o papel para a mão. Na Rue Berteaux Dumas, em Neuilly-sur-Seine, já tinha uma nova casa e um novo trabalho à sua espera. “Eu comecei logo a trabalhar no dia seguinte. No segundo dia, enganei-me no caminho e, quando dei por mim, já estava a chegar ao Arco do Triunfo. Isso marcou-me e ficou sempre gravado na minha memória”, recorda. Sameiro cuidava da casa de uma senhora francesa e até gostava da patroa, mas depois de quatro dias de trabalho, só queria ir embora. “A senhora era muito simpática. Ela até me mostrava livros para eu ver as palavras e para compreender melhor francês, mas no início eu só pensava em regressar para Portugal. Depois comecei a habituar-me e aprendi a gostar”, acrescenta.



beaucoup de jeunes vont à l'école jusqu'à 30 ans » affirme-t-il, en éclatant de rire. A à peine douze ans et à la fin de sa quatrième année d'école, il arpétait déjà les bois et travaillait comme cueilleur de résine avec son père. Son enfance fut précipitée, mais il eut du temps pour tout et aujourd'hui encore il se souvient des jeux auquel il participait avec ses amis dans la rivière. « J'ai beaucoup d'amis d'enfance et j'aime revenir ici parce que c'est une façon de nous rencontrer à nouveau », ajoute-t-il.

Les années passèrent et l'âge auquel « l'armée oblige à se débrouiller » se rapprochait. Le Portugal traversait une période de guerre coloniale, mais José Gonçalves refusa d'être un héros. Lorsqu'il eut 17 ans, il dit adieu au village et émigra en France. « Je n'ai pas fui l'armée. J'ai fui l'Outre-mer » affirme-t-il. « A cette époque on entendait dire les gens y allaient et n'en revenaient pas, c'est pour cela que je n'ai pas voulu prendre le risque ». Il avait déjà trois frères en terres gauloises et une promesse de travail dans une entreprise de construction française, mais il confesse qu'il lui en a coûté beaucoup de quitter sa terre natale. Il ajoute : « J'ai beaucoup pleuré quand je suis arrivé là-bas. Je disais que j'aurais préféré me casser une jambe que d'avoir émigré en France, mais après la vie s'est améliorée et aujourd'hui je ne regrette pas ». A Paris il se fit de nouveaux amis et rencontra sa femme qui est toujours à ses côtés et l'aide à raconter cette histoire.



A vida num carrossel

No dia 1 de maio de 1975, o destino juntou José Gonçalves e Maria do Sameiro. Foram à Feira do Trono, em Vincennes, e entraram num carrossel. Agarraram-se bem, fecharam os olhos e arrancaram. Subiram e desceram, entraram numa verdadeira montanha russa de emoções, desbravaram caminho, casaram, tiveram filhos,

momentos altos e baixos e, quando pensaram que a viagem estava a terminar, voltaram a assistir a uma reviravolta. Afinal a vida é assim mesmo. Um carrossel de onde ninguém sai ileso. "Tivemos um passado muito duro, mas conseguimos ter uma vida boa graças a deus. Fizemos tudo juntos, estivemos sempre ao lado um do outro e eu acho que isso é essencial. Quando começámos, eu não tinha

nada e ele também não, mas conseguimos organizar sempre a nossa vida", conta Sameiro.

José Gonçalves foi "o primeiro namorado a sério" da jovem, por isso não quis logo casar. Preferiu submetê-lo a uma verdadeira prova de resistência antes de subir ao altar e foram viver juntos. "Naquela altura eu já não tinha mãe, ele só conheceu o meu pai. Ele dizia-me

« Avant de m'en rendre compte, j'étais déjà à l'Arc de Triomphe »

Maria do Sameiro est née à Trás-os-Montes, mais fut élevée à Espinho. Son père, après avoir travaillé durant de nombreuses années à Minas da Borralha, dans l'arrondissement de Montalegre, se consacra à l'art de la tonnellerie et commença à fabriquer des tonneaux destinés au vin. Sameiro alla à l'école jusqu'à ses neuf ans ; elle aussi commença à travailler tôt parce que « en ce temps-là, ce n'était pas l'abondance ». « Je préparais les fils pour les tapis sur les métiers à tisser. D'abord j'ai commencé par faire les fils, et ensuite à tisser les tapis et, avant de partir en France, je travaillais dans une fabrique de tapis », raconte-t-elle. A 16 ans, la jeune fille voulut « donner une vie meilleure » à ses parents et décida d'émigrer en France, mais le voyage jusqu'à Paris se transforma en une aventure digne d'une épopée. « Nous avions loué un taxi jusqu'à l'entrée en Espagne, nous avons traversé la frontière à pied et c'est seulement après que nous avons pris un train, mais nous changions tout le temps de voiture parce que nous avions peur de nous faire prendre ».

Quand elle arriva en France, elle avait l'adresse de sa sœur aînée sur un bout de papier, mais elle ne parlait pas français. Elle observa la file des taxis, choisit une voiture dans laquelle une femme se trouvait au volant et lui donna le papier. Rue Berteaux Dumas, à Neuilly-sur-Seine, une nouvelle maison et un nouveau travail l'attendaient. « J'ai commencé à travailler le lendemain, et avant de m'en rendre compte, j'étais déjà à l'Arc de Triomphe. Cela m'a marquée et c'est resté gravé dans ma mémoire », se souvient-elle. Sameiro s'occupait de la



maison d'une dame française et aimait bien sa patronne, mais au bout de quatre jours de travail, elle n'avait qu'une envie : s'en aller. Elle ajoute : « La dame était très sympathique. Elle me montrait même des livres pour que je voie les mots et pour que je comprenne mieux le français, mais au début je ne pensais qu'à rentrer au Portugal. Après je me suis habituée et j'ai appris à apprécier ».

"oh filha olha o que vais fazer" e eu respondia que ia experimentar. Se desse para o torto, ao menos não estava casada", conta soltando uma gargalhada. Felizmente, hoje pode dizer que correu tudo direito e, dois anos depois, trocaram as alianças na igreja de Neuilly-sur-Seine. Não casaram em Portugal como a maior parte dos emigrantes, mas fizeram a festa na casa onde viveu o escritor português Eça de Queirós. "A festa foi na casa onde eu trabalhava porque a senhora disse que eu podia fazer lá. Como naquela casa viveu Eça de Quei-

rós, ainda teve um significado mais especial. Há uma estátua do escritor à porta e muitos objectos deles espalhados pela casa", conta. Sameiro "gostava muito de crianças e sonhava ser mãe", por isso, planearam logo ter filhos, mas o carrossel voltou a trocar-lhes as voltas. "Tivemos oito anos juntos sem conseguir. Eu andei a fazer muitos tratamentos e, quando já estava quase a desistir, tive a minha primeira filha. Três anos depois, nasceu o meu filho. Eu queria mesmo muito ser mãe e felizmente o meu sonho realizou-se".



La vie sur un manège

Le 1er mai 1975, le destin réunit José Gonçalves et Maria do Sameiro. Ils allèrent à la Foire du Trône, à Vincennes et choisirent une attraction. Ils se tinrent solidement, fermèrent les yeux et démarrèrent. Ils montèrent et descendirent, chevauchèrent une véritable montagne russe d'émotions, ouvrirent la voie, se marièrent, eurent des enfants, vécurent des hauts et des bas et alors qu'ils pensaient que la vie s'achevait, ils assistèrent à un nouveau revirement. La vie est faite ainsi.



Un manège dont personne ne sort indemne. « Nous avons eu un passé très dur, mais nous avons réussi à avoir une bonne vie grâce à dieu. Nous avons tout fait ensemble, toujours l'un aux côtés de l'autre et je crois que c'est cela l'essentiel. Quand nous avons commencé, je n'avais rien et lui non plus, mais nous avons toujours pu organiser notre vie », raconte Sameiro.

José Gonçalves fut le « premier amoureux pour de bon » de la jeune fille, et pour cette raison elle ne voulut pas se marier tout de suite. Elle préféra le soumettre à une véritable épreuve de résistance avant de monter vers l'autel et ils décidèrent de vivre ensemble. « A cette époque, je n'avais déjà plus ma mère, il n'a connu que mon père. Il me disait « oh ma fille réfléchis à ce que tu vas faire » et je lui répondais que j'allais faire une expérience. Si cela tournait mal, au moins je ne serais pas mariée », raconte-t-elle en s'esclaffant. Heureusement, aujourd'hui on peut dire que tout se passa bien et, deux ans plus tard, ils échangèrent leurs alliances dans l'église de Neuilly-sur-Seine. Ils ne se marièrent pas au Portugal comme la plupart des émigrants, mais donnèrent une fête dans la maison où avait vécu l'écrivain portugais Eça de Queirós. « La fête se passa dans la maison où je travaillais parce que la dame m'avait dit que je pouvais la faire là. Comme Eça de Queirós y avait vécu, cela avait une signification encore plus spéciale. Il y a une statue de l'écrivain à la porte et partout dans la maison il y a de nombreux objets lui ayant appartenus », dit Sameiro. Elle « aimait beaucoup les enfants et rêvait d'être mère », et ils planifièrent donc d'avoir rapidement des enfants, mais le manège reprit sa ronde et leur joua un tour. « Nous avons vécu huit ans ensemble sans y arriver. J'ai suivi d'innombrables traite-

“Esta casa foi construída com as nossas próprias mãos”

José Gonçalves trabalhou durante 18 anos para uma empresa de gruas, mas depois decidiu criar a sua própria empresa. A AMP - Action, Montage et Pilotage - Acção, montagem & Pilotagem em português - foi criada no dia 1 de julho de 1990 e aluga gruas e outros materiais para várias empresas de construção em França. “Durante muito tempo, o primeiro e único empregado fui eu. Eu procurava o trabalho, fazia e durante três meses não recebi salário. Ainda bem que ela estava a trabalhar e foi ajudando”, conta. Também naquela altura, Sameiro manteve-se sempre ao seu lado e ajudou-o a equilibrar as contas no final do mês. “Quando ele se lançou por conta própria, eu era porteira na Rua Villebois, Mareuil em Paris 17. Foi também graças a esse trabalho que nós conseguimos avançar. Eu gostava de ser concierge porque contactava com muitas pessoas e sentia que existia um ambiente bom. Se me pedissem para ser outra vez, não me importava”, afirma sor-

ments et, quand je m'étais pratiquement résignée, j'ai eu ma première fille. Trois ans plus tard, mon fils est né. Je voulais tellement être mère et heureusement mon rêve s'est réalisé ».

« *Cette maison, nous l'avons construite de nos mains* »

José Gonçalves travailla pendant 18 ans pour une entreprise de grues, mais puis il décida de créer sa propre entreprise. L'AMP – Action, Montage et Pilotage – fut créée le 1er juillet 1990 ; elle donne en location des grues et autres matériels à diverses entreprises de construction en France. « Pendant longtemps, le premier et unique employé, c'était moi. Je cherchais du travail, je l'exécutais et ne recevais aucun salaire pendant trois mois. Encore heureux que Sameiro travaillait, cela aidait », raconte-t-il. Sameiro, durant cette période, soutint toujours auprès son mari et laida à équilibrer les comptes de fins de mois. « Quand il s'est lancé à son compte, j'étais concierge Rue Villebois Mareuil à Paris XVIIe. C'est grâce à ce travail que nous avons pu aller de l'avant. J'aimais bien être concierge parce que j'avais des contacts avec beaucoup de monde et je sentais qu'il y avait une bonne ambiance. Si on me demandait de redevenir concierge, cela ne me dérangerait pas» affirme-t-elle en souriant. Actuellement l'entreprise emploie 18 personnes et possède un bon portefeuille de clients fidèles. Les deux enfants, David et Christina, travaillent également dans l'entreprise avec leur père et José Gonçalves ne cache pas qu'il aimerait voir la prochaine génération prendre les rennes de l'affaire. « Je pense que mes enfants peuvent donner une perspective de continuité à AMP. C'est mon rêve, on verra ».





rindo. Actualmente a empresa já tem 18 funcionários e uma boa carteira de clientes fidelizados. Os dois filhos, David e Christina, também já trabalham na empresa com o pai e José Gonçalves não esconde a vontade de ver a próxima geração tomar as rédeas do negócio. "Eu penso que os meus filhos podem dar continuidade à AMP. Esse é o meu sonho, mas vamos ver".

Enquanto mostravam o jardim, falaram também sobre a casa que começaram a construir em 1978 e recordaram os trabalhos pesados que tiveram pela frente. "Quando nós começámos a construir esta casa em Portugal, não tínhamos dinheiro, mas conforme íamos fazendo, íamos pagando. Demorámos muito tempo, mas o nosso maior orgulho, é puder dizer que esta casa foi construída com as nossas próprias mãos. Tudo o que nós temos foi porque ganhámos para isso. Ninguém nos deu nada", contam.

Pendant qu'ils me montraient le jardin, ils m'entretinrent aussi de la maison qu'ils avaient commencé à construire en 1978 et se souvinrent des travaux difficiles auxquels ils furent confrontés. « Quand nous avons commencé la construction de la maison au Portugal, nous n'avions pas d'argent, mais à mesure que nous avancions, nous payions. Cela nous a pris du temps, mais notre plus grande fierté est de pouvoir dire que cette maison, nous l'avons construite de nos mains. Tout ce que nous possédons, nous l'avons gagné. Personne ne nous a rien donné », racontent-ils.



O casal construiu a pulso a empresa, a casa e hoje são mais um exemplo de força e superação. José Gonçalves e Maria do Sameiro confessam que “a França foi como uma segunda mãe”, por isso, prometem dividir o coração e o tempo entre cá e lá. “Nós somos emigrantes em todo o lado. Até em Portugal somos emigrantes”, concluem.

José et Sameiro ont construit l'entreprise et la maison à la force du poignet, et aujourd'hui ils sont un exemple de plus de la volonté et du dépassement. José Gonçalves et Maria do Sameiro reconnaissent que « la France fut comme une seconde mère », pour cette raison, ils promettent de partager leur cœur et leur temps entre ici et là. « Nous sommes des émigrants partout. Même au Portugal nous sommes des émigrants », concluent-ils.



Laurentino Aldeia

Trabalhei no segundo piso da Torre Eiffel.
Essa é uma das minhas referências

*J'ai travaillé au deuxième étage de la Tour Eiffel.
Il s'agit d'une de mes références.*

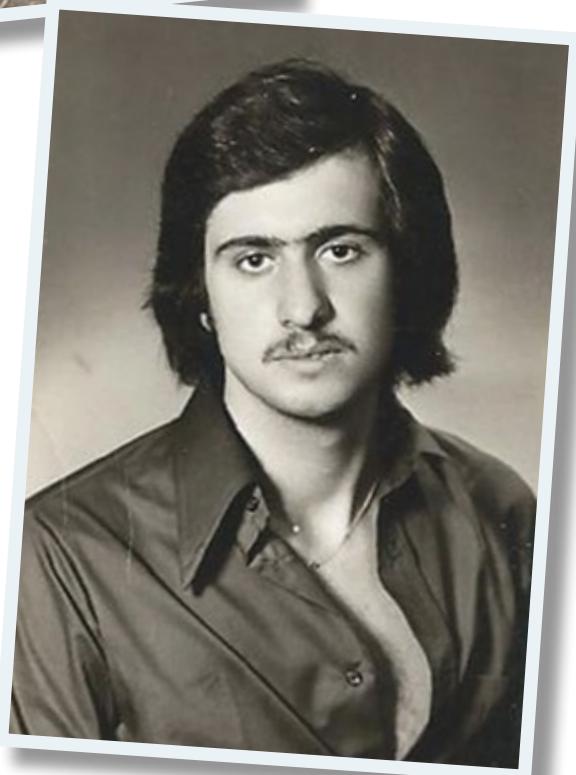
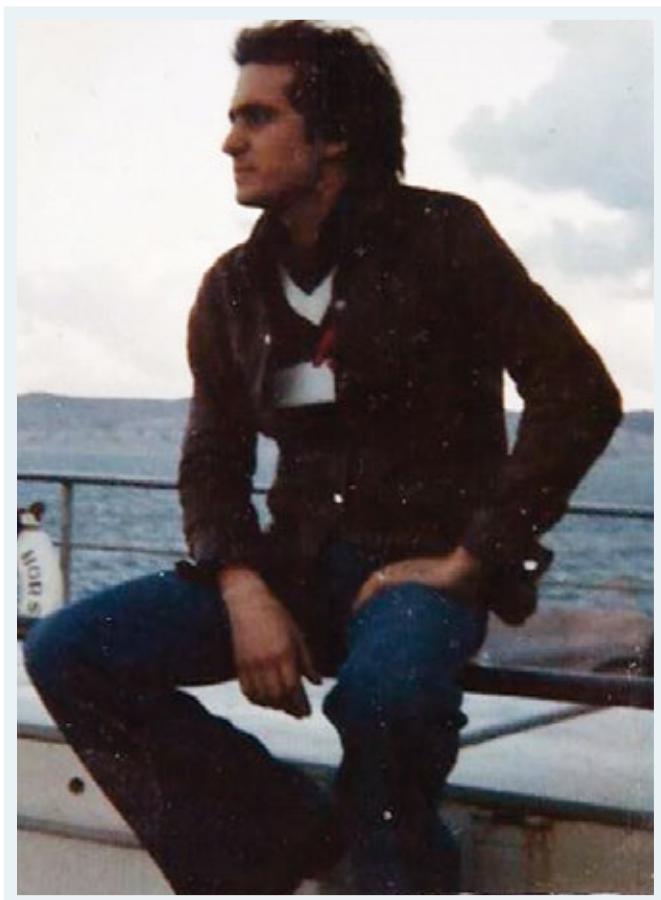


C

Cresceu com um entusiasmo puro, quase inocente, com a ideia de que poderia fazer algo diferente no meio de tanta banalidade. Fez parte da Mocidade Portuguesa, aprendeu a tocar piano e até criou uma banda de garagem. Mas um dia atravessou as fronteiras e acabou por se dedicar ao trabalho que estava predestinado para a emigração portuguesa. Hoje afirma que não escolheu a construção civil. A construção civil é que tomou conta de si. Fez construções na Polónia, para grandes multinacionais belgas, até trabalhou no segundo piso da Torre Eiffel, mas mesmo do ponto mais alto, conseguiu ver que não pertencia àquele mundo, que "vinha de outro meio". No exercício da sua profissão, no seu trajecto pessoal foi sempre um autêntico lutador e esse é talvez o único ponto onde se cruzam todas as linhas que tecem o seu caminho. Laurentino é dado a grandes gestos nas coisas em que se envolve, mas dispensa grandes discursos. Era um jovem de grande reserva, silencioso e hoje ainda mantém essa contenção das palavras. Sentados no seu escritório, quebramos o silêncio monótono de um final de tarde chuvoso. Ficámos a conhecer as linhas do caminho já percorrido e as aspirações que tem sobre o trajecto que ainda falta percorrer.

P

Poussé par un enthousiasme pur, presque innocent, il grandit avec l'idée qu'il pourrait faire quelque chose qui le démarquerait de la banalité ambiante. Il rejoignit les rangs de la Mocidade Portuguesa (Jeunesse Portugaise), il apprit à jouer du piano et il fonda même un groupe de garage rock. Mais un jour, il franchit les frontières et finit par se consacrer au travail auquel étaient voués les immigrés portugais. Il affirme aujourd'hui qu'il n'a pas choisi le bâtiment mais que c'est le bâtiment qui s'est imposé à lui. Il œuvra sur des chantiers en Pologne pour le compte de grandes multinationales belges et il travailla même au deuxième étage de la Tour Eiffel. Posté au sommet, il se rendit pourtant bien compte qu'il n'appartenait pas à ce monde, qu'il « venait d'un autre milieu ». Tant dans l'exercice de sa profession que dans sa trajectoire personnelle, il a toujours été un véritable battant et c'est peut-être là le seul point où se croisent les lignes qui tissent son parcours. Laurentino se démène quand il s'implique dans quelque chose mais les grands discours ne sont pas son fort. C'était un jeune homme très réservé et silencieux, qui reste encore aujourd'hui avare de paroles. Assis à son bureau, nous avons brisé le silence monotone d'une fin d'après-midi pluvieuse. Nous avons remonté les lignes du chemin déjà parcouru et sondé ses aspirations pour celui qui reste à parcourir.





Uma infância com pronúncia do Norte

Laurentino era uma criança “reservada, tímida”, filho de uma família de Matosinhos, cujo pai trabalhava no Porto de Leixões e a mãe na Indústria Conserveira. Hoje ainda guarda a pronúncia do norte, aquele cheiro a maresia e as histórias de uma infância passada junto à costa. “Ia à praia todos os dias depois da escola, às vezes até outubro ou novembro” e “aos domingos gostava de ir até ao Palácio de Cristal assistir aos espectáculos ou visitar o Jardim Zoológico que existia na época”. Recebeu “uma educação bastante rígida” e ainda fez parte da Mocidade Portuguesa. Vestiu uma farda do Salazarismo e começou também a participar em acampamentos. “Foi uma experiência única porque íamos acampar e eu gostava”, diz entre a ironia e a verdade. “Às vezes fazímos brincadeiras uns com os outros. Tínhamos um chefe que era responsável pela turma e gostávamos de

lhe complicar a vida, por isso, fazíamos algumas brincadeiras para ele ficar atrapalhado”, recorda sorrindo.

A partir dos 14 anos, os passatempos passaram a ser outros e Laurentino começou a descobrir a sua “sensibilidade artística”. Aprendeu a tocar piano e criou com um grupo de amigos uma banda que nunca chegou a sair da garagem. “Quando estava em Portugal, durante a minha adolescência, eu tive aquela fase dos anos da música, no final dos anos 60. Eu fazia parte de uma banda de garagem, juntamente com alguns amigos, e ainda criámos várias canções. Eu componha, fazíamos



Une enfance aux accents du Nord

Laurentino était un enfant « réservé et timide », issu d'une famille de Matosinhos, dont le père travaillait dans le Port de Leixões, et la mère dans une conserverie. Depuis lors, il n'a perdu ni son accent du Nord ni l'odeur des embruns salés et il garde en mémoire les histoires d'une enfance passée sur la côte. « J'allais à la plage tous les jours après l'école, parfois jusqu'en novembre ou décembre » et les dimanches, il aimait « aller au Palácio de Cristal pour regarder les spectacles ou visiter le zoo qui existait à l'époque ». Il reçut « une éduca-

tion assez stricte » et il fit partie de la Jeunesse Portugaise. Il revêtit l'uniforme du salazarisme et se mit à fréquenter des camps. « Ça a été une expérience sans pareil parce que nous allions camper et cela me plaisait », dit-il à mi chemin entre l'ironie et la vérité. « On se faisait parfois des blagues les uns aux autres. On avait un chef qui était responsable du groupe et on prenait un malin plaisir à lui compliquer la vie. On lui faisait quelques blagues pour lui donner du fil à retordre », se souvient-il en souriant.

À partir de ses 14 ans, ses passe-temps changèrent et Lau-



actuações entre colegas e ainda estive muito ligado à música durante esse período, mas entretanto vim para França e isso acabou”, conta. Quando estava a estudar no Liceu D. Manuel II, os pais emigraram para França juntamente com os quatro irmãos mais novos. Inicialmente, Laurentino ainda ficou pelo Porto, mas dois anos depois foi ter com a família. “Eu vim para França, mas essa não foi uma escolha minha, foi uma imposição do meu pai. Quando fiz 17 anos, ele achou que eu podia tornar-me boémio e exigiu que eu fosse para França se não ia-me buscar. Eu vim malgré moi”. Quando chegou

a Paris, não gostou logo do que viu e teve muitas saudades do Norte de Portugal, da sua cidade do Porto. “Estava tudo cheio de neve, frio” e à sua volta “só via bosques e florestas”. “Eu vinha da praia e só dizia que se aquilo era a França, então ia-me embora. Acabei por ficar na verdade”.

O amor proibido

Fiel à sua habitual discrição, durante os primeiros tempos ainda viveu um amor proibido com uma america-



rentino commença à découvrir sa « sensibilité artistique ». Il apprit à jouer du piano et fonda avec une bande d'amis un groupe qui ne sortit jamais du garage. « Quand j'étais au Portugal, pendant mon adolescence, je suis passé par cette phase des années musique, à la fin des années 1960. Je faisais partie d'un groupe de garage rock avec quelques amis et on a même inventé plusieurs chansons. Je composais et on jouait entre copains. J'étais très attaché à la musique à cette époque mais je suis venu en France et ça s'est arrêté », raconte-t-il. Alors qu'il fréquentait les bancs du Lycée Dom Manuel II, ses parents émigrèrent pour la France avec ses quatre plus jeunes frères. Dans un premier temps, Laurentino resta à Porto, mais il partit rejoindre sa famille deux ans plus tard. « Je suis venu en France, mais pas par choix. C'est mon père me l'a imposé. Quand j'ai eu 17 ans, il a pensé que j'allais mener une vie de bohème et il a exigé que je vienne en France, sans quoi il serait allé me chercher lui-même. Je suis donc venu malgré moi ». Quand il arriva à Paris, ce ne fut pas immédiatement le coup de cœur et il eut beaucoup de saudade du Nord du Portugal, de la ville de Porto. « Tout était froid et recouvert de neige » et il ne voyait autour de lui « que des bois et des forêts ». « Je venais de la plage et je n'arrêtais pas de me répéter que si c'était cela la France, et bien j'allais m'en aller. J'ai tout de même fini par rester ».

L'amour défendu

Les premiers temps, fidèle à sa discréction habituelle, il vécut aussi un amour défendu avec une américaine, loin du regard de ses parents. Il intégra l'Institut Saint-Dominique en tant qu'« apprenti jardinier » et pendant deux ans il y réalisa des

na, longe do olhar dos pais. Entrou como “aprendiz de jardinagem” no Instituto Saint-Dominique e durante dois anos fez trabalhos manuais, aperfeiçoou o francês e ainda continuou a tocar piano. “Uma irmã engraçou lá comigo e continuou a dar-me aulas de piano porque viu que eu gostava de tocar”, diz-nos. O instituto era “religioso” e “só era frequentado por meninas que faziam parte da elite de Paris como as filhas dos Embaixadores, artistas e grandes directores”. Foi nessa altura que conheceu uma jovem dos EUA e tiveram um romance durante um ano. “Ela morava no 16º bairro de Paris. Todos os fins-de-semana entrava à sexta-feira no autocarro, ia a casa tomar o chá, passava a tarde e depois vinha ter comigo”, recorda. Os pais da jovem “eram grandes proprietários na Nova Inglaterra” e aquelas diferenças sociais eram demasiado óbvias para Laurentino. Um dia afastou-se e perderam o contacto. “Naquela altura eu era uma pessoa bastante reservada, tímida, mas depois tive noção que ela vinha de outro meio. Ela começou a dizer que gostaria de ir a Portugal passar férias comigo, mas eu naquela altura estava em convulsão com os meus pais e não tinha coragem para apresentá-la como minha namorada à família, portanto, acabei por me afastar”.

Um dia, depois de assistir a uma discussão entre os pais, Laurentino defendeu a mãe, chateou-se com o pai e decidiu sair de casa. Com apenas 18 anos fez as malas e foi viver sozinho para o centro de Paris. “Fui morar para um estúdio no Quartier Malabata, em Neuilly-sur-Marne, e arranjei um emprego em Fontenay numa

travaux manuels, perfectionna son français et continua aussi à jouer du piano. « J'ai sympathisé avec une sœur qui a continué à me donner des cours de piano parce qu'elle a vu que j'aimais en jouer », nous dit-il. L'institut était « religieux » et « n'était fréquenté que par des jeunes filles faisant partie de l'élite parisienne, comme des filles d'ambassadeurs, d'artistes et de grands directeurs ». C'est à cette époque qu'il fit la connaissance d'une jeune américaine avec qui il vécut une histoire d'amour pendant un an. « Elle habitait dans le 16ème arrondissement de Paris. Tous les week-ends, elle montait dans le bus le vendredi, elle rentrait chez elle prendre le thé, y passer l'après-midi, puis elle me rejoignait », se souvient-il. Les parents de cette demoiselle « étaient de grands propriétaires en Nouvelle-Angleterre » et ces différences sociales étaient trop criantes pour Laurentino. Il finit par s'éloigner et ils perdirent le contact. « À l'époque, j'étais une personne assez réservée, timide, mais après j'ai pris conscience qu'elle venait d'un autre milieu. Elle a commencé à dire qu'elle aimait aller passer des vacances avec moi au Portugal, mais à ce moment-là j'étais en plein conflit avec mes parents et je n'ai pas eu le courage de la présenter à ma famille comme étant ma petite amie. J'ai donc fini par m'éloigner d'elle. »

Un jour, après avoir assisté à une dispute entre ses parents, Laurentino prit la défense de sa mère, se brouilla avec son père et décida de quitter le domicile familial. À tout juste 18 ans, il boucla ses valises et partit vivre tout seul dans le centre de Paris. « Je suis allé vivre dans un studio dans le quartier de Malabata à Neuilly-sur-Marne et j'ai trouvé un travail à Fontenay dans un atelier d'assemblage de photocopieurs. C'était le travail rêvé : on avait une blouse, une cantine, donc



ça me convenait parfaitement. J'y suis resté trois ans et ce n'est qu'après que je suis venu travailler dans le bâtiment », se souvient-il. Quand il était plus jeune, il disait qu'il ne voulait « pas travailler dans la construction civile », mais l'ironie du sort en a voulu autrement et il a fini dans la branche de prédilection de la majorité des immigrés portugais. « Quand je raconte cette histoire à des Français, ils me disent tout de

suite « Mais Lopes, tu es portugais et presque tous les Portugais travaillent dans le bâtiment », mais pour moi il s'agit d'une caricature », raconte-t-il. « Ce n'est pas moi qui ai choisi le bâtiment, c'est le bâtiment qui s'est imposé à moi, mais je pense aussi que savoir s'adapter à la réalité est une preuve d'intelligence ».

oficina, onde faziam montagem de máquinas fotocopiadoras. O trabalho era impecável. Nós tínhamos uma bata, cantina, por isso, para mim era muito bom. Ainda estive lá durante três anos e só depois é que vim trabalhar para a construção”, recorda. Quando era mais novo, “dizia que não queria trabalhar na construção civil”, mas a ironia do destino tem destas coisas e foi mesmo parar ao ramo predestinado para a maioria dos emigrantes portugueses. “Quando euuento esta história aos franceses, eles dizem logo “Lopes mas tu és Português e quase todos os portugueses trabalham na construção”, mas isso para mim é uma caricatura”, refere. “Não fui eu que escolhi a construção, a construção é que tomou conta de mim, mas eu também acho que a inteligência é sabermos adaptarmo-nos à realidade”.

Um longo caminho até chegar ao segundo piso da Torre Eiffel

Laurentino foi trabalhar para uma empresa que nasceu na Bélgica e aprendeu “a construção ligada aos pisos”. Esteve durante seis anos naquela filial, mas um dia decidiu aventurar-se e criou a sua própria empresa em 1984, a “Parysol”. “Não foi fácil, mas eu tinha apostado que se não desse certo, ia para Portugal porque lá também tinha oportunidades. Eu sou de uma zona bastante industrial e tinha ainda a possibilidade de trabalhar no Porto de Leixões porque o meu avô e o meu pai trabalharam lá”, recorda. Os “primeiros passos foram bastante duros”, “o trabalho foi muitas vezes ingrato”

e teve que percorrer um longo caminho até chegar ao segundo piso da Torre Eiffel, mas a empresa “foi crescendo sempre até 2007” e Laurentino nunca regressou à Invicta. “Cheguei a trabalhar 12, 14 horas, às vezes de noite e de dia, mas tudo se consegue quando há força de vontade. Hoje não sei se era capaz de fazer o que fiz”, afirma.

De acordo com o empresário, o trabalho ligado à construção dos pisos é feito essencialmente “por portugueses” e “não interessa aos franceses”, ou melhor, “até interessa no que toca aos salários porque são boas remunerações, mas as condições e os horários não agradam, por isso, não querem, não resistem, nem ficam”. Laurentino aguentou e já acumulou muitas memórias durante os últimos 30 anos de trabalho. Um dia, o empresário foi conhecer uma obra em Varsóvia, viajou até à antiga Polónia comunista e na bagagem trouxe histórias curiosas sobre uma terra ainda oprimida. “No aeroporto as pessoas viram um português que veio de Paris e encararam-me de uma forma um bocado estranha. Quando cheguei à obra, estava mais de um metro de neve no descampado, era mesmo impressionante. Nesse dia também fui convidado para comer na casa do Director, mas não gostei da comida. Enfim, são por menores que não se esquecem”, recorda. Para além da Polónia, a Parysol já trabalhou no Luxemburgo, Bélgica e percorreu grande parte da França. Neste momento, está a construir o Grande Tribunal em Paris, em Porte



Une longue route pour arriver au deuxième étage de la Tour Eiffel

Laurentino partit travailler dans une entreprise née en Belgique et il y apprit la « construction des étages ». Il resta six ans dans cette filiale puis, un beau jour de 1984, il décida de

se lancer à l'aventure et de créer sa propre entreprise, « Parysol ».

« Ça n'a pas été facile, mais j'avais pris le pari que si ça ne marchait pas, j'irais au Portugal parce que j'y avais aussi des opportunités. Je viens d'une région assez industrielle et j'avais toujours la possibilité de travailler au Port de Leixões, dans la mesure où mon grand-père et mon père y avaient aus-

de Clichy, e apresenta um volume de negócios entre 5 e 6 milhões.

Portugal? “Vou lá todos os meses”

Apesar do trabalho intensivo, “durante os fins-de-semana não prescindia de uma saída” e um dia conheceu Luísa “durante um baile de 25 de abril em Champigny”. Casaram seis meses depois, tiveram duas filhas e foram felizes durante 33 anos. Quando se pergunta por Portugal, a resposta sai disparada. “Vou lá todos os meses”, diz-nos. “Eu cresci à beira mar. Na França, se quiser ir para o mar, tenho de ir a Deauville, mas perco mais tempo a ir a Deauville do que a chegar ao Porto. Tenho a sorte de estar perto do aeroporto lá, aqui também, por isso, regra geral todos os meses vou passar um fim-de-semana ao Porto ou a Lisboa, mas normalmente vou para o Porto, onde tenho uma propriedade”, conta.

O empresário tem investimentos no país, tem “imobiliário perto dos Clérigos” e está neste momento a desenvolver um projecto com 15 apartamentos e quatro

si travaillé », se rappelle-t-il. Les « premiers pas ont été assez durs », « le travail a été souvent ingrat » et il a dû parcourir une longue route pour arriver au deuxième étage de la Tour Eiffel. Mais l'entreprise « a connu une croissance ininterrompue jusqu'en 2007 » et Laurentino ne retourna jamais vivre dans la Ville Invaincue. « Je me suis retrouvé à faire des journées de 12 ou 14 heures, à travailler parfois jour et nuit, mais à cœur vaillant rien d'impossible. Je ne sais pas si je serais capable de le refaire aujourd'hui », affirme-t-il.

Selon l'entrepreneur, le travail lié à la construction des étages est fait essentiellement « par des Portugais » et « n'intéresse pas les Français », ou plutôt « arrive à les intéresser sur le plan des salaires car le travail est bien rémunéré, mais les conditions et les horaires ne sont pas à leur goût, donc ils n'en veulent pas, ils ne tiennent pas et ils ne restent pas ». Laurentino a tenu le coup et a emmagasiné beaucoup de souvenirs pendant ses 30 dernières années de travail. Un jour, l'entrepreneur partit voir un chantier à Varsovie, il fit le voyage jusqu'à l'ancienne Pologne communiste et ramena dans ses bagages de curieuses histoires sur une terre encore opprimée. « À l'aéroport, les gens ont vu arriver un Portugais en



lojas na Invicta. Já tentou ter empresas em Portugal e até teve “um projecto de comprar uma empresa de sapatos”, mas nunca conseguiu realizar a iniciativa. “Como eu era mais ligado à indústria do que à construção e vim parar a este sector por acaso, queria mesmo comprar essa empresa. Houve uma altura que me arrependi porque inovaram bastante no mercado do calçado em Portugal durante os últimos anos e estão a recuperar parte do mercado aos italianos. Na altura achei que tinha uma boa possibilidade, mas isso não se chegou a realizar”, conta.



provenance de Paris et ils m'ont traité d'une façon quelque peu étrange. À mon arrivée sur le chantier, les champs étaient recouverts d'un mètre de neige, c'était impressionnant. Le même jour, j'ai été invité à manger chez le directeur, mais je n'ai pas aimé le repas. Bref, ce sont des détails qu'on n'oublie pas, se souvient-il. Outre la Pologne, Parysol a déjà travaillé au Luxembourg, en Belgique, et a sillonné une grande partie de la France. En ce moment, elle construit le Grand Tribunal de Paris, Porte de Clichy, et affiche un chiffre d'affaires qui fluctue entre 5 et 6 millions d'euros.

Le Portugal ? « J'y vais tous les mois »

Malgré la charge de travail, « il ne se passait pas un week-end sans que je sorte » et un jour il rencontra Luísa « à l'occasion d'un bal du 25 avril à Champigny ». Ils se marièrent six mois plus tard, eurent deux filles et furent heureux pendant 33 ans. Quand on évoque le Portugal, il répond du tac au tac : « J'y vais tous les mois ». « J'ai grandi au bord de la mer. En France, si je veux aller à la mer, je dois aller à Deauville, mais ça me prend plus de temps que d'aller à Porto. J'ai la chance d'être près de l'aéroport là-bas et ici aussi, donc en règle générale je vais passer un week-end par mois à Porto ou à Lisbonne, mais normalement je vais à Porto, où j'ai une propriété », raconte-t-il.

L'entrepreneur a investi dans le pays : il possède « de l'immobilier à côté de l'ensemble architectural des Clercs» et il est en train de développer un projet de 15 appartements et de quatre magasins à Porto. Il avait déjà essayé d'avoir des



entreprises au Portugal et il eut même « un projet d'achat d'une entreprise de chaussures », mais il ne parvint jamais à concrétiser cette initiative. « Comme j'étais plus porté sur l'industrie que sur le bâtiment et que j'ai atterri par hasard dans ce dernier secteur, je voulais vraiment racheter cette entreprise. À un certain moment, je m'en suis voulu car le Portugal a beaucoup innové ces dernières années sur le marché de la chaussure et il est en train de reprendre une partie du marché aux Italiens. À cette époque je pensais que j'aurais mes chances, mais ça se n'est jamais réalisé », raconte-t-il.

“Quero mais tempo para aproveitar a vida”

Quando a nossa conversa estava a terminar, reparámos que estava ainda uma ponta solta nesta história. Laurentino esteve durante três anos sem falar para o pai, mas fizeram as pazes e ainda viveram grandes momentos juntos. “Nós falámos sobre aquela situação, fizemos as pazes e acabámos por ser grandes amigos no fim da vida dele. Cheguei a levá-lo a conhecer Portugal, levei-o aos sítios que ele ainda não tinha tido tempo de conhecer e, quando eu chegava lá, ele ia logo vestir-se para ir almoçar ou jantar comigo. Ainda guardámos várias histórias bonitas”, recorda.

Aos 62 anos, Laurentino só deseja mais tempo. Quer “desenvolver o lado mais artístico” como sonhava e “voltar a tocar piano” como fazia quando era mais novo. “O lado artístico sempre foi importante, nunca quis fazer construção. Hoje é caricato porque a minha vida profissional seguiu pelo ramo da construção, mas eu sinto que vim de outro meio. A vida é assim”. Laurentino ensina-nos que a vida até pode passar ao lado dos talentos, mas nunca é tarde para correr atrás dos sonhos.

« Je veux plus de temps pour profiter de la vie »

Alors que notre conversation touchait à sa fin, nous nous sommes rendus compte qu'il y avait encore une part d'ombre dans cette histoire. Laurentino passa trois ans sans parler à son père, mais ils firent la paix et vécurent de très bons moments ensemble. « Nous avons parlé de nos différends, nous avons fait la paix et nous sommes finalement devenus de grands amis vers la fin de sa vie. Je l'ai emmené découvrir le Portugal, je l'ai emmené à des endroits qu'il n'avait pas encore eu le temps de connaître. Dès que j'arrivais là-bas, il s'empressait d'aller s'habiller pour déjeuner ou dîner avec moi. Nous avons vécu bien d'autres belles histoires encore », se rappelle-t-il.

À 62 ans, Laurentino ne désire qu'une chose : plus de temps. Il souhaite « développer sa fibre artistique » comme il en avait rêvé, et « reprendre le piano » comme quand il était plus jeune. « La fibre artistique a toujours beaucoup compté, je n'ai jamais voulu faire du bâtiment. C'est grotesque de vouloir cela aujourd'hui parce que ma vie professionnelle s'est orientée vers le bâtiment, mais je sens que je viens d'un autre milieu. La vie est ainsi faite. » Laurentino nous apprend que la vie peut passer à côté des talents, mais qu'il n'est jamais trop tard pour poursuivre ses rêves.



Luís Neto Ferreira

Um negócio não se faz sozinho. Nada se faz sem trabalho.

Une affaire ne se fait pas toute seule. Rien ne se fait sans travail.



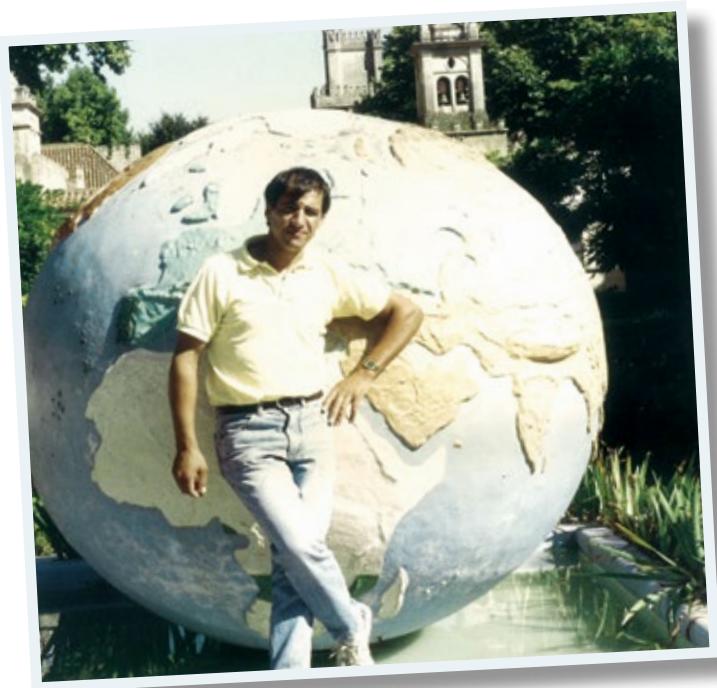
D



Dificilmente esquece aquela manhã de 26 de dezembro de 1999. Quando saiu de casa para ir comprar pão, o céu caiu-lhe literalmente sobre a cabeça e já não conseguiu sair da padaria. As rajadas de vento fortíssimas chegaram a atingir os 200 quilómetros por hora, arrancaram árvores centenárias pela raiz, deixaram automóveis amassados e virados, chaminés derrubadas e pedaços de telhado e entulho espalhados pelas ruas de Paris. “Até estava cá a minha irmã que veio visitar-me e passou o Natal connosco. Quando eu saí de casa, senti logo muito vento, mas nunca imaginei aquilo”, conta Luís Ferreira. Aquele foi talvez “o temporal do século” e deixou para trás um cenário desolador. Assim que conseguiu sair, arregançou as mangas e foi trabalhar. “Ainda estava a chover, mas eu agarrei-me por uma corda e fui compor os telhados de algumas casas. Tenho uma escada com sete metros e utilizei-a para fazer essas reparações todas. Deve ser por isso que tenho uma estimação tão grande pela escada. Ela nunca me deixou ficar mal”, recorda sorrindo. Luís trabalhou muito durante aquele ano, mas também nos outros que se seguiram e antecederam. O empresário foi sempre um verdadeiro lutador e nunca baixou os braços. Emigrou em 1986, com apenas 20 anos. Trazia uns papéis falsos no bolso e um pequeno currículo no ramo da construção civil na bagagem. Ao chegar a França, a realidade que o aguardava era pouco simpática, mas depois de uma tempestade, encontrou sempre a bonança.



Il ne peut oublier le matin du 26 décembre 1999. Lorsqu'il sortit de la maison pour aller acheter du pain, le ciel lui tomba littéralement sur la tête et sortir de la boulangerie était devenu impossible. Les violentes rafales de vent atteignant 200 kilomètres à l'heure arrachèrent les arbres centenaires, précipitèrent les voitures retournées les unes contre les autres, des cheminées écroulées et des toitures, des débris jetés dans les rues de Paris. « Ma sœur était à la maison ; elle était venue en visite et avait passé Noël avec nous. Quand je suis sorti de la maison, j'ai tout de suite senti qu'il y avait beaucoup de vent, mais jamais je n'avais imaginé cela », raconte Luis Ferreira. C'était probablement la « tempête du siècle » et les scènes qu'elle a provoquées étaient de désolation. Dès qu'il put sortir, il retroussa ses manches et s'en alla travailler. « Il pleuvait encore, mais je me suis attaché avec une corde et je suis parti réparer les toits de quelques maisons. J'ai une échelle de sept mètres et je l'ai utilisée pour faire toutes ces réparations. Ce doit être pour cela que j'aime tellement cette échelle. Elle ne m'a jamais laissé tomber », se souvient-il en souriant. Luis a beaucoup travaillé durant cette année-là, mais également durant celles qui suivirent et celles qui avaient précédé. L'entrepreneur a toujours été un véritable battant et n'a jamais baissé les bras. Il émigra en 1986, à tout juste 20 ans. Il avait de faux papiers en poche et une petite expérience dans le domaine de la construction civile dans ses bagages. En arrivant en France, la réalité qui l'attendait n'avait rien de sympathique, mais après la tempête, il a trouvé la prospérité.



De forasteiro a empresário

Chegámos a Aulnay-sous-Bois ao final da tarde, já depois das sete horas. Luís abriu-nos a porta de casa e deu-nos a conhecer “o cantinho” onde gosta de descansar depois de um longo dia de trabalho. Cristina ainda estava ocupada entre tachos e panelas. “Eu conto convosco para jantar”, afirmava animadamente, “mas vamos colocar uns aperitivos antes”. Mesmo a milhares de quilómetros de Portugal, há quem não se esqueça de ser português e isso viu-se logo na mesa desta família. Sentados num sofá, enquanto petiscávamos, ouvimos e até contámos histórias com as lembranças de cada um e o passado comum a todos. Luís foi a primeiro a viajar no tempo, contando como emigrou para França e como construiu aquela casa “durante as férias e os fins-de-



De l'étranger à l'entrepreneur

Nous sommes arrivés à Aulnay-sous-Bois vers la fin de la journée, après sept heures. Luis nous a ouvert la porte de sa maison et nous a montré « son petit coin » où il aime se reposer après une longue journée de travail. Cristina s'affairait à la cuisine. « Je compte sur vous pour le dîner », insista-t-il, « mais d'abord prenons l'apéritif ». A des milliers de kilomètres du Portugal, certains n'oublient jamais qu'ils sont portugais et cela se voyait immédiatement sur la table de cette famille. Assis dans un canapé, à grignoter, nous écoutions et même racontions des histoires pleines des souvenirs de chacun et d'un passé commun à tous. Luis fut le premier à voyager dans le temps, nous racontant comment il avait émigré en France et construit cette maison. Comme un retour vers le passé, il nous dit qu'il était originaire de São Simão de Litém, un petit



village de l'arrondissement de Pombal. Son père et ses oncles étaient émigrés en France, mais sa mère n'a jamais quitté le pays et elle a soulevé ses enfants au Portugal. "Elle était une mère superbe. Elle a travaillé beaucoup et était très courageuse", se souvient-il. Après l'école, Luís travaillait dans les champs tous les jours. Il était même un « bon élève en mathématiques » et cela se sent dans les comptes qu'il règle avec la vie, mais il ne fréquenta l'école que quatre ans. « Autrefois les professeurs étaient trop sévères et aujourd'hui il y a trop de liberté », affirme-t-il en souriant. Lorsqu'il quitta l'école, il alla travailler chez une serrurerie et avec son père et son frère sur des chantiers, mais comme il avait de la famille à Paris, il décida d'émigrer. "Mon père était revenu au Portugal, mais j'ai vécu chez mes oncles, Henrique e Fernanda, et avec mes cousins, Paulina e Artur. J'étais toujours traité comme un fils

par mes oncles et comme un frère par mes cousins. J'ai une grande admiration pour eux".

Il arriva un jour en France et commença à travailler le lendemain. « La moitié de l'argent que je gagnais restait en France et j'envoyais l'autre moitié au Portugal ». Il travaillait aussi les samedis et dimanches, ainsi « je ne touchais jamais à mon salaire pour payer des vacances, des vêtements ou le loyer ». « Je suis arrivé en janvier et en août je ne suis pas parti en vacances. Mon oncle Henrique me demanda si je voulais construire une maison avec lui pendant ce mois et j'ai accepté. A la fin d'août nous avions construit les fondations, le toit et les fenêtres étaient posées. Ensuite, pendant les fins de semaine, jusqu'à Noël, nous nous sommes occupés des finitions. En 1987, j'ai travaillé le jour de Noël et de Pâques et tous les jours de toute l'année », souligne-t-il. Luis jure qu'il a payé

-semana". Numa espécie de analepse, disse-nos que cresceu em São Simão de Litém, uma pequena aldeia do concelho de Pombal. O pai e os tios eram emigrantes em França, mas a mãe nunca chegou a sair do país e criou os filhos em Portugal. "Ela era uma super mãe. Era mesmo trabalhadora e corajosa", recorda. Depois das aulas, Luís ainda ia trabalhar para o campo todos os dias. Na escola até era "um bom aluno a matemática" e isso vê-se nas contas que vai fazendo à vida, mas ficou-se pelo quarto ano de escolaridade. "Antigamente os professores eram demasiado severos e hoje há demasiada liberdade", afirma sorrindo. Luís foi trabalhar para uma serralharia e depois trabalhou com o pai e com o irmão na construção civil, mas como ainda tinha família em Paris, um dia decidiu também emigrar. "O meu pai já tinha regressado para Portugal, mas eu fui para casa dos meus tios Henrique e Fernanda e vivi com a minha prima Paulina e com o meu primo Arthur. Os meus tios trataram-me sempre como um filho e os meus primos como um irmão. Tenho uma enorme admiração por eles".

Chegou num dia a França e começou logo a trabalhar no outro. "Metade do dinheiro que ganhava ficava em França e a outra metade enviava para Portugal". Aos sábados e aos domingos também trabalhava, por isso, "nunca mexia no salário para pagar férias, roupas ou renda". "Eu vim em janeiro e em agosto não fui de férias. O meu tio Henrique perguntou-me se eu queria fazer uma casa com ele durante esse mês e eu aceitei. No final de agosto tínhamos os alicerces, telhado e ja-

nelas postas. Depois, durante o fim-de-semana, até ao natal, fomos fazendo os acabamentos. Em 1987 eu só não trabalhei no dia de Natal e Páscoa, de resto trabalhei todos os dias do ano", sublinha. Luís garante que pagou impostos desde o primeiro ano e até tinha uma declaração da Segurança Social, "mas a antiga "Carte de Séjour" não era legal, não constava no dossier das Finanças" e precisou de criar uma empresa de construção para deixar de ser um estranho em Paris. Um dia encontrou Armindo, um antigo vizinho e amigo da família, que estava emigrado na Suíça. Depois de uma longa conversa, encheu o peito de coragem e propôs-lhe a criação de uma sociedade. Em poucos minutos, o amigo de infância tornou-se sócio e Luís passou de forasteiro a empresário da "Aulnay Construction Service".

"Preparávamos os orçamentos à noite com uma máquina de escrever"

Luís e Armindo dedicaram-se de corpo e alma ao negócio. Começaram a fazer moradias e construíram os alicerces necessários para uma empresa sólida. "Em 1988 eu e o Armindo alugámos um apartamento para nos instalarmos. Trabalhávamos juntos, vivíamos juntos e comprámos um carro juntos. Sempre funcionou bem", recorda. Durante os primeiros tempos, a sociedade foi composta por cinco elementos e Luís Neto Ferreira e Armindo Gameiro eram os sócios maioritários. Trabalhavam nas obras, cada um recebia o seu salário e detinha 40% da empresa. O contabilista era responsável pela gestão e pelos orçamentos, recebia por esse trabalho e



ses impôts depuis la première année et était déclaré auprès de la Sécurité sociale, « mais l'ancienne « carte de séjour » n'était pas légale, elle ne figurait pas dans le dossier des Finances» et il a fallu créer une entreprise de construction pour cesser d'être un étranger à Paris. Un jour il rencontra Armindo, un ancien voisin et ami de la famille, qui avait émigré en Suisse. Après une longue conversation, il rassembla tout son courage et lui proposa de créer une société. En quelques minutes, son ami d'enfance devint son associé et Luis passa d'étranger à entrepreneur de « l'Aulnay Construction Service ».



ainda tinha 20% dos lucros no final do ano. Para a sua formalização, existiram ainda dois fiadores que foram parte integrante dos estatutos da empresa.

Luís era o “homem das manhãs”, preferia madrugar e levantar-se às 4h30 ou às 5h e ir para as obras. Armindo Gameiro já gostava mais de fazer noitadas. Ficava “até à 1h ou 2h da manhã a trabalhar sem problema”. “Muitas vezes enquanto eu fazia o jantar, o Armindo perguntava-me quanto tempo eu demorava a fazer um certo trabalho e preparávamos os orçamentos à noite com uma máquina de escrever. Ainda nem utilizávamos o computador”. Quando deram por si já estavam a fazer o que competia ao contabilista e decidiram tirá-lo da sociedade. “Quando fomos avisá-lo, ele não aceitou. Disse para criarmos outra sociedade porque aquela também era dele. Nós não arranjámos mais confusão. Depois daquela reunião, ele ficou com a empresa Aulnay Construction Service e nós formámos outra socie-

dade”. A nova chamava-se Aulnay Construction Renovation (ACR) e foi criada no dia 1 de abril de 1989. Nesse mesmo ano, Luís decidiu investir e conseguiu comprar, “sem mexer no salário”, um apartamento nos arredores de Paris. “Quando cheguei ao apartamento, vi que estava todo partido, mas até disse que era bom para mim porque comprei-o mais barato e restaurei-o até ficar novo. Pintei tudo, coloquei uma chaminé para fazer os meus assados e vivi lá durante um ano e meio”. Em agosto foi até Portugal e comprou também um carro novo. Dizem os apaixonados que não há automóvel como o primeiro e hoje Luís ainda recorda aquele “Ford Escort XR3 muito baixinho e bem equipado”. Fez “muitos quilómetros com ele” e foi ao volante desse carro que conheceu a primeira mulher da sua vida. “Foi tudo muito rápido”, conta. “Casei no dia 31 de março pela Câmara e no dia 15 de agosto de 1990 pela igreja”. A pressa parece que fazia prever como o tempo lado a lado foi fugaz e fugiu-lhes das mãos.

« Nous préparions les devis le soir avec une machine à écrire »

Luis et Armindo se dédièrent corps et âme à l'affaire. Ils commencèrent à construire des maisons et posèrent ainsi les bases d'une solide entreprise. « En 1988 moi et Armindo avons loué un appartement pour nous y installer. Nous travaillions ensemble, nous vivions ensemble et avons acheté une voiture ensemble. Cela a toujours bien marché », se souvient-il. Les premiers temps, la société était composée de cinq personnes et Luis Neto et Armindo Gameiro en étaient les associés majoritaires. Ils travaillaient sur les chantiers, chacun recevait son salaire et possédait 40% de l'entreprise. Le comptable responsable de la gestion et des devis était payé pour son travail et recevait encore 20% des bénéfices en fin d'année. L'entreprise, au moment de sa formalisation, comprenait encore deux garants faisant partie intégrante des statuts.

Luis était « l'homme des matins », il aimait se lever aux aurores, à 4h30 ou à 5h et se rendre sur les chantiers. Armindo Gameiro préférait travailler tard. Il restait « jusqu'à 1h ou 2h du matin à travailler sans problème ». Souvent pendant que je préparais le dîner, Armindo me demandait combien de temps il me fallait pour faire un certain travail et nous préparions les devis le soir avec une machine à écrire. Nous n'utilisions pas encore l'ordinateur ». Sans s'en rendre compte, ils accomplissaient la tâche du comptable et décidèrent de se passer de lui. « Quand nous sommes allé l'informer, il n'a pas accepté. Il nous a dit de créer une autre société parce que celle-ci était aussi la sienne. Nous n'avons pas voulu faire de problèmes. Après cette réunion, il a gardé l'entreprise Aulnay Construction Service et nous avons formé une autre société ». La nouvelle s'appelle Aulnay Construction Rénovation (ACR) et a été créée le 1 avril 1989.



Uma linha ténue entre o sonho e o pesadelo

Em 1992 Luís fez uma viagem até ao Sri Lanka com a mulher. “O meu ex-cunhado vivia lá e nós fomos visitá-lo”, recorda. Foi até à Taprobana, até à terra descrita em *Os Lusíadas* pelo poeta português Luís de Camões e onde os portugueses foram os primeiros europeus a chegar. “Com uma motorizada”, ficou a conhecer os cantos mais inóspitos do país e encontrou uma nesga de terra com uma cultura riquíssima. “Eu acho que um turista não faz o que eu fiz. Em vez de ficarmos no hotel, íamos passear com uma moto. O meu cunhado levava-me para o meio dos terrenos pobres, fomos até alto mar com um pequeno barco com água a saltar por todos os lados, mas foi bom de conhecer, claro. Eu até gosto muito de uma comida com picante e acho que foi lá que eu fiquei a apreciar”, afirma.

A viagem parecia um sonho, mas transformou-se em poucos segundos num grande pesadelo. No Sri Lanka, Fernanda começou a sentir os primeiros sintomas da doença que lhe roubou a vida. Luís descobriu que a mulher tinha leucemia e acabou por perdê-la dois anos depois. “Um cancro no sangue acabou com tudo. A vida é assim mesmo”, diz-nos num tom baixo. As palavras faltaram e o rosto mudou. Aqueles dois anos foram uma verdadeira corrida contra o tempo e, quando ficou viúvo, o cansaço tomou conta de Luís e deixou de sair de casa. “Eu já saía pouco, mas quando fiquei viúvo, fiquei ainda pior. Um dia o Armindo convidou-me para

Cette même année, Luis décida d'investir et réussit à acheter un appartement, « sans toucher à son salaire », dans les environs de Paris. « Quand je suis arrivé à l'appartement, j'ai vu que tout était à refaire, mais je me suis dit que c'était aussi bien car je l'avais acheté bon marché ; je l'ai restauré comme neuf. J'ai tout repeint, j'ai placé une cheminée pour faire mes grillades et j'y ai vécu pendant un an et demi ». En août il partit au Portugal et acheta aussi une nouvelle voiture. Les passionnés disent que rien ne vaut la première voiture et aujourd'hui encore Luis se souvient de cette « Ford Escort XR3 très basse et bien équipée ». Il parcourut « beaucoup de kilomètres avec elle » et ce fut au volant de cette voiture qu'il fit la connaissance de la première femme de sa vie. « Tout s'est passé très vite », raconte-t-il. « Je me suis marié le 31 mars au civil et le 15 août 1990 à l'église ». L'urgence semblait annoncer à quel point cette vie à deux était fugace et lui échappait des mains.

Une ligne floue entre le rêve et le cauchemar

En 1992, Luis fit un voyage au Sri Lanka avec sa femme. Il se souvient : « Mon ex-beau-frère vivait là-bas et nous sommes allés le voir ». Il se rendit même à Taprobana, cette terre décrite dans Les Lusiades par le poète portugais Luis de Camões et où les portugais furent les premiers européens à débarquer. « En mobylette », il visita les coins les plus inhospitaliers du pays et rencontra sur ce bout de terre une culture richissime. « Je crois qu'un simple touriste ne fait pas ce que j'ai fait. Au lieu de rester à l'hôtel, nous allions nous promener en moto. Mon beau-frère m'amenaît dans des endroits pauvres, nous





sair e eu fui com ele até um bar em Paris onde a Cristina também estava”, recorda. Cristina ensinou-lhe a encarar novamente a vida e deu-lhe novas razões para viver.

Num autocarro de Pombal até França

Já se tinham conhecido durante uma viagem de autocarro de Pombal até França em agosto de 1988. “Nós vínhamos todos no banco de trás e conhecemo-nos durante o caminho. Era a primeira vez que ela vinha para França com a irmã Amália e eu vinha com o Armindo. Cada rapaz meteu-se com uma rapariga e eu meti-me com ela, mas depois perdemos o contacto”, conta. Reencontraram-se seis anos depois naquele bar. Durante o verão, Luís levou-a a passear “para o Porto, Régua, Penafiel e Gerês” e naquele Ford regressaram também para França. Já estão juntos há 22 anos, nunca casaram, mas também não têm pretensão de o fazer. “Assim ele é sempre o meu namorado”, diz Cristina sorrindo.

Natural também de Pombal, cresceu na aldeia de Vila Cã e estudou na antiga telescola. Partilhou a infância com “três irmãs maravilhosas” e foi educada pela mãe que vivia em Portugal. O pai era emigrante em França, mas um dia “comprou um tractor e regressou com

sommes partis en haute mer dans un petit bateau qui prenait l'eau de tous les côtés, mais c'est sûr, c'était bien. J'aime beaucoup la nourriture piquante, je pense que c'est là que j'ai commencé à l'apprécier » affirme-t-il.

Le voyage semblait un rêve, mais en quelques secondes il se transforma en un immense cauchemar. Au Sri Lanka, Fernanda a commencé à ressentir les premiers symptômes de la maladie qui a volé sa vie. Luis découvrit que sa femme avait la leucémie et il finit par la perdre deux ans plus tard. « Le cancer du sang a tout emporté. La vie est ainsi faite », dit-il tout bas. Les mots lui manquent et son visage a changé. Ces deux années furent une véritable course contre le temps et, quand il se retrouva veuf, la fatigue l'envalait et Luis ne sortit plus de chez lui. « Déjà je ne sortais pas beaucoup, mais quand je suis devenu veuf, cela a été pire. Un jour, Armindo m'a invité à sortir avec lui et nous sommes allés dans un bar à Paris où se trouvait également Cristina ». Cristina lui enseigna à affronter la vie à nouveau et lui donna de nouvelles raisons de vivre.

En bus de Pombal jusqu'en France

Ils s'étaient déjà connus au cours d'un voyage en bus de Pombal jusqu'en France en août 1988. Il raconte : « Nous étions tous sur la banquette arrière et nous avons fait connaissance



en chemin. C'était la première fois qu'elle venait en France avec sa sœur, et moi je voyageais avec Armindo. Chaque garçon s'occupa d'une des filles et moi je m'occupai d'elle, mais ensuite nous avions perdu le contact ». Ils se retrouveront six ans plus tard dans ce bar. Pendant l'été, Luis l'emmèna « à Porto, à Régua, à Penafiel et au Gerês » et ils revinrent en France dans la fameuse Ford. Ils vivent ensemble depuis 22 ans, ne se sont jamais mariés, et ne pensent pas le faire. « Comme ça, il est toujours mon amoureux » dit Cristina en souriant.

Cristina est née à Pombal, elle a grandi dans le village Vila Cã et a étudié grâce à l'ancienne télé-école. Elle a partagé sa enfance avec "trois merveilleuses sœurs" et elle fut élevé par sa mère qui vivait au Portugal. Son père était émigrant en Fran-

vontade de cultivar Portugal inteiro". Começou a fazer a maior Seara da região e ainda hoje "é um apaixonado pela terra". Cristina também trabalhou nos campos, mas foi a tomar conta de crianças que dedicou grande parte da sua vida. Antes de emigrar para França, ainda foi "resineira", "recolhia resina durante os fins-de-semana e as férias" e pagou a carta de condução com esse dinheiro. Quando fez 19 anos, decidiu seguir um sonho que já tinha "desde pequenina", seguiu os passos da família e emigrou para França com a irmã.

Portugal vs Paris

No início confessa que "foi difícil" adaptar-se, mas apaixonou-se rapidamente pela capital francesa. Durante seis anos, Cristina passou os fins-de-semana num pequeno quarto, mas ainda hoje fala daquele cubículo com um brilho no olhar. "A casa do Gustavo Eiffel até ficava em baixo e nós víamos os barcos do rio Sena a passar. O quarto era mesmo pequenino, a casa de banho era no exterior e tinha uma janela virada para a Torre Eiffel, mas fazíamos lá as nossas festas, os nossos aniversários e era uma maravilha. Se algum dia o Luís disser que vamos viver para Paris, eu sou a primeira a fazer a minha mala", afirmou. Luís ia ouvindo a conversa e acompanhou a brincadeira. "Nós vamos para Portugal", contrariou, mas Cristina continuou a insistir no encanto parisiense. Todos os dias, quando saía do trabalho, "reunia com um grupo de portuguesas num jardim" e ainda hoje recorda aqueles finais de tarde "simpáticos".

ce, mais un jour « il a acheté un tracteur et est rentré avec l'envie de cultiver tout le Portugal ». Il fit la plus grande moisson de la région et aujourd'hui encore c'est un « passionné de la terre ». Cristina elle aussi a travaillé dans les champs, mais elle a surtout passé une grande partie de sa vie à s'occuper d'enfants. Avant d'émigrer en France, elle a aussi été « cueilleuse de résine », elle recueillait la résine pendant les fins de semaine et les vacances et a pu se payer le permis de conduire avec cet argent. Quand elle eut 19 ans, elle décida de poursuivre son rêve « d'enfant », suivit les traces de la famille et émigra en France.

Portugal vs Paris

Elle reconnaît qu'au début « ce fut difficile » de s'adapter, mais elle se passionna rapidement pour la capitale française. Durant six ans, Cristina a passé les weekends dans une petite pièce, mais aujourd'hui encore ses yeux brillent quand elle évoque cette minuscule chambre. « La maison de Gustave Eiffel se trouvait en bas et nous pouvions voir les bateaux glisser sur la Seine. La chambre était vraiment petite, la salle de bain se trouvait à l'extérieur et avait une fenêtre donnant sur la Tour Eiffel. On y organisait des fêtes, nos anniversaires et c'était merveilleux. Si un jour Luis m'annonce que nous allons vivre à Paris, je serai la première à faire ma valise », affirme-t-elle. Luis écoutait la conversation et plaisantait. Il contraria Cristina : « Nous irons au Portugal », mais Cristina continuait à vanter l'enchantedement parisien. Tous les jours, quand elle terminait son travail, « elle réunissait un groupe de Portugaises dans le jardin » et elle se souvient encore de ces fins de journées si « sympathiques ».



Quando a nossa conversa estava a terminar e íamos passar dos aperitivos para o jantar, conhecemos os dois filhos do casal. Thomas e Gabriel falam português correcto e “adoram Portugal”. Thomas tem 20 anos, é formado em energias renováveis e já foi trabalhar para a ACR. Gabriel tem apenas 17 anos e ainda está a estudar. Os dois jovens trazem os dois países no Bilhete de Identidade, mas Portugal está no coração.

Neste momento, Luís continua a gerir a empresa Aulnay Construction Renovation. Faz muitas obras e tem vários investimentos imobiliários. Cristina tem um certificado que lhe permite tomar conta de crianças em casa, é apaixonada por fotografia e pela sala multiplicam-se os quadros com paisagens em ponto cruz e imagens das viagens que já fizeram juntos. Quando entraram naquele autocarro em 1988, Luís e Cristina sabiam qual era o destino, mas agora não sabem qual será a próxima paragem. Deixam a história em aberto. Até porque o jantar já estava na mesa e não podia mesmo arrefecer.

Au moment où nos conversations se terminaient et où nous allions passer des apéritifs au dîner, nous avons fait la connaissance des deux fils de Cristina et Luis. Thomas et Gabriel parlent un portugais correct et « adorent le Portugal ». Thomas a 20 ans, il a un BAC professionnel en énergie renouvelable et il travaille maintenant chez l'entreprise ACR. Gabriel a 17 ans et est un étudiant. Les deux jeunes gens portent les deux pays dans la carte d'identité, mais le Portugal dans leur cœur.

En ce moment, Luis continue à gérer l'entreprise Aulnay Construction Rénovation. Il a de nombreux chantiers et plusieurs investissements immobiliers. Cristina possède un certificat qui lui permet de garder des enfants chez elle, elle adore la photographie et dans son salon les cadres avec des paysages au point de croix et les photos de voyages qu'ils ont faits ensemble habillent les murs. Quand ils sont entrés dans ce bus en 1988, Luis et Cristina savaient quel serait leur destin, mais maintenant ils ne savent pas quelle sera la prochaine étape. Ils laissent la porte ouverte à leur histoire. D'ailleurs le dîner était sur la table et on ne pouvait pas le laisser refroidir plus longtemps.

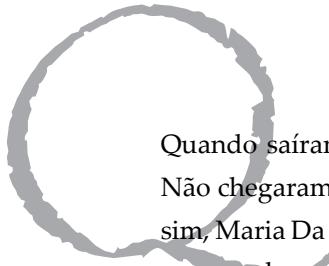


Maria Da Conceição Silva

Eu acho que nós temos de nos ajudar uns aos outros.
Somos todos iguais e nunca devemos esquecer isso.

*Je crois que nous devons nous aider les uns les autres.
Nous sommes tous égaux et nous ne devons jamais l'oublier.*





Quando saíram da carruagem na Gare d'Austerlitz, não encontraram uma cara conhecida. Não chegaram no dia que era suposto e ninguém estava à espera. Com medo daquele frenesim, Maria Da Conceição agarrou a saia da mãe e seguiu-lhe os passos. Rosa tirou da algibeira um papel com uma morada e entregou-o a um taxista português. Tudo parecia estar a correr de feição, mas encontrar a Rua Marcel Laurent em Vitry-sur-Seine foi como encontrar uma saída num labirinto. "Nós andámos muito, mas nunca mais encontrávamos aquela rua. Eu já chorava no táxi porque só tinha 11 anos e estava com medo. A minha mãe só dizia para eu não me afligir", recorda. De repente encontraram uma senhora portuguesa e perguntaram-lhe se conhecia o senhor Coelho. A casa dele ficava mesmo do outro lado da estrada. "Parece que foi tudo por Deus", afirma. "Encontrámos finalmente a casa do meu pai e do meu irmão".

Este é apenas um prelúdio sobre o seu passado. Foi a primeira mulher que entrevistei para o livro e finalmente ouvi uma história contada no feminino. Seguiu o seu caminho, às vezes por trilhos mais difíceis, outras vezes por caminhos mais ceifados, mas nunca se perdeu no meio de uma seara gigante. Contou-me as memórias, os tempos, as experiências, as realidades, a sua construção enquanto empresária, mas também enquanto mãe. Eu vou escrever algumas páginas sobre ela, mas posso garantir que Maria Da Conceição é muito mais.

A pureza da infância

Cresceu em Vila das Aves, uma pequena aldeia de Santo Tirso. Era filha de dois empregados fabris e garante que nunca passou dificuldades. Antigamente o pouco era suficiente e chegava para todos. "Os meus pais trabalhavam, os meus avós davam-nos um bocadinho de batatas, de produtos do campo, por isso, tudo ajudava. Não é como agora. Às vezes temos problemas, mas também somos nós que os fazemos. Queremos demais, mas antes não era assim". Maria Da Conceição tinha dois irmãos, era a filha mais nova, "a menina queridinha" que concentrava todas as atenções. Quando chegava a Páscoa, a mãe comprava "um vestidinho de seda novo" e ela vestia a farpela, sabendo que não se podia sujar. "A minha mãe tinha muito brio. A minha irmã lavava-me no tanque e queria que eu estivesse sempre limpinha", afirma. Hoje ainda recorda com um tom doce aquele tempo da inocência, a pureza da infância. O tempo



Lorsqu'elles sortirent de la gare d'Austerlitz, elles ne virent aucun visage connu. Elles n'étaient pas arrivées le jour prévu et personne ne les attendait. Maria Da Conceição avait peur de toute cette frénésie et elle s'accrocha à la jupe de sa mère avant de lui emboîter le pas. Rosa sortit de sa poche un papier avec une adresse et le remit à un chauffeur de taxi portugais. Tout allait bien, mais trouver la rue Marcel Laurent à Vitry-sur Seine fut comme trouver la sortie d'un labyrinthe. 'Nous avons beaucoup roulé, mais la rue était introuvable. Je pleurais dans le taxi parce que je n'avais que 11 ans et j'avais peur. Ma mère n'arrêtait pas de me dire de ne pas m'en faire » se souvient-elle. Soudain elles rencontrèrent une dame portugaise et

leur demandèrent si elle connaissait Mr. Coelho. La maison était juste de l'autre côté de la route. « Il semble que tout s'est passé avec l'aide de Dieu » affirme-t-elle. « Nous avons finalement trouvé la maison de mon père et de mon frère ».

Ceci n'est qu'un prélude au passé de Maria Da Conceição. Elle fut la première femme que j'ai interviewée pour le livre et enfin j'ai entendu une histoire racontée au féminin. Elle a suivi son chemin, suivant parfois des rails difficiles, d'autres fois par des sentiers plus clairs, mais jamais elle ne se perdit dans un horizon géant. Elle m'a conté ses mémoires, les époques, les expériences, les réalités, son évolution en tant qu'entrepreneur, mais aussi comme mère. Je vais écrire quelques pages sur elle, mais je peux garantir que Maria Da Conceição est bien plus que cela.

em que tudo era possível, em que não existiam entraves, nem problemas. Quando a imaginação reinava a toda a hora e a realidade era bem mais simples.

Um dia a vida começou a complicar-se para o irmão mais velho. Quando fez 17 anos, emigrou para França porque a mãe não queria ele fosse para a tropa para Angola, tinha medo de perder o filho. Sempre que o jovem falava com os pais, as saudades tomavam conta das palavras. Alfredo sentia falta da família, mas sabia que não podia regressar a casa. O pai ainda foi até Paris visitá-lo com um bilhete de ida e volta na bagagem, mas “arranjou logo trabalho” e acabou por não voltar para Portu-

gal. “Como ele sabia trabalhar muito bem nas obras, arranjou um bom trabalho. Depois eu fui também com a minha mãe e a minha irmã para França”, conta. Nunca mais se esquece do dia em que entrou naquela casa em Vitry-sur-Seine. Já estava mobilada e até parecia “muito jeitosa”, mas “notava-se que faltava a mão de uma mulher para limpar”. “Tinham uns colchões muito altos. Quando a minha mãe entrava para a cama desaparecia, não a víamos e, como era o meu irmão ou o meu pai a cozinar, atrás do fogão só se via arroz”, conta soltando uma gargalhada. Maria Da Conceição garante que nunca teve problemas de adaptação em França e conseguiu ser feliz em Paris como foi em Santo Tirso.



La pureté de l'enfance

Elle a grandi à Vila das Aves, un petit village de Santo Tirso. Elle était la fille de deux ouvriers d'usine et assure qu'elle n'a jamais vécu dans des conditions difficiles. Dans le temps, le peu qu'ils avaient suffisait pour tous. « Mes parents travaillaient tous les deux, mes grands-parents nous donnaient un peu de pommes de terre, des produits du potager, et comme ça, la moindre chose venait à point. Ce n'est pas comme maintenant. Quelques fois nous avons des problèmes mais nous les créons nous-mêmes. Nous voulons trop, mais avant ce n'était pas comme ça ». Maria Da Conceição avait un frère et une sœur, elle était la cadette, « le petite fille chérie » qui recueillait toute l'attention. Quand Pâques arrivait, sa mère lui achetait « une nouvelle petite robe de soie ». Elle portait sa nouvelle veste et savait qu'il ne fallait pas la salir. « Ma mère avait de l'orgueil. Ma sœur me donnait le bain dans un grand bassin et voulait que je sois toujours propre » évoque-t-elle. Aujourd'hui encore elle se souvient, sur un ton plein de douceur, de ce temps de l'innocence, de la pureté de l'enfance. C'était le temps de tous les possibles, un temps sans entrave, sans problème. Celui où l'imagination régnait à chaque moment et où la réalité était bien plus simple.

Un jour la vie a commencé à se compliquer pour son frère aîné. Lorsqu'il eut 17 ans, il émigra en France parce ce que la maman ne voulait pas qu'il aille pour l'armée et avait peur de perdre son fils. Mais chaque fois qu'il s'entretenait avec ses parents, le manque envahissait ses paroles. La famille manquait à Alfredo, mais il savait qu'il ne pouvait revenir à la maison. Le père alla le visiter à Paris avec un billet aller-



“A menina tem namorado?”

A mãe arranjou logo trabalho e as filhas foram estudar para uma escola francesa. Na fábrica, Rosa era conhecida por “trabalhar mais depressa do que a máquina” e a filha herdou também essa determinação. Quando fez 16 anos, deixou os estudos e começou à procura de trabalho com a ajuda da mãe. “Sempre que ela indicava uma pessoa na fábrica, eles diziam “se for como tu, nós contratamos”. Um dia a minha mãe pediu para mim e eles chamaram-me”, recorda. Maria Da Conceição pegou num livro e, depois de ler correctamente um texto, começou a trabalhar na gráfica da empresa. “Eu fui colocar aquelas letras e frases nos sacos, mas como eles viram que eu trabalhava bem, passaram-me para a contabilidade e comecei logo a pagar aos fornecedores”. Quando o trabalho acabava, gostava de sair e ia com as amigas até aos bailes, mas tinha uma regra de ouro para cumprir: “Às oito horas em ponto tinha que estar em casa” e não havia margem para atrasos.

Uma vez foi à feira de Vitry-sur-Seine com a mãe. Pelo caminho passaram por um café português, onde estava o irmão à conversa com um amigo chamado Ângelo. Quando atravessou com uns sacos na mão, o jovem procurou saber quem era “aquela moça bonita” e pediu logo para conhecê-la. “Um dia o meu irmão perguntou-me se eu não queria ir dar um passeio até Paris com ele e com um amigo e lá apareceu ele de carro”, conta. Ângelo começou logo a cortejar a jovem, até na escolha do assento do carro. O irmão e a namorada foram senta-

-retour dans ses bagages, mais « il trouva tout de suite du travail » et finalement ne revint pas au Portugal. « Comme il savait très bien travailler sur les chantiers, il a trouvé un bon travail. Ensuite, moi aussi je partie en France avec ma mère et ma sœur », raconte-t-elle. Elle n'oubliera jamais le jour où elle entra dans cette maison de Vitry-sur-Seine. La maison était déjà meublée et paraissait même « très chaleureuse », mais l'on voyait qu'il aurait fallu une main de femme pour faire le nettoyage. « Les matelas étaient très hauts. Quand ma mère allait au lit, elle disparaissait, on ne la voyait plus, et comme c'était mon père ou mon frère qui cuisinait, il y avait du riz partout derrière la cuisinière » dit-elle en riant à pleine voix. Maria Da Conceição assure n'avoir jamais eu de problème d'adaptation en France et avoir réussi à être aussi heureuse à Paris qu'à Santo Tirso.

« As-tu un petit ami ? »

Sa mère trouva immédiatement du travail et les filles allèrent dans une école française. A la fabrique, Rosa était connue pour « travailler plus vite que la machine » et la fille hérita de cette détermination. Lorsqu'elle eut 16 ans, elle quitta l'école et se mit à chercher du travail avec l'aide de sa mère. « Chaque fois que ma mère s'adressait à quelqu'un à la fabrique, on disait « si elle est comme toi, on l'engage ». Un beau jour, ma mère parla pour moi et on m'appela », se souvient-elle. Maria Da Conceição prit un livre et après avoir correctement lu un texte, commença à travailler dans l'imprimerie de l'entreprise. « Je plaçais les lettres et les phrases sur les sacs, mais comme je travaillais bien, on m'a déplacée à la comptabilité et j'ai tout de suite commencé à payer les fournisseurs ».



Une fois le travail terminé elle aimait sortir et aller au bal avec des amies, mais il y avait une règle à respecter : « A huit heures pile il fallait être à la maison » et il n'était pas question d'être en retard.

Un jour elle accompagna sa mère au marché de Vitry. En chemin elles passèrent devant un café portugais, où son frère était en train de bavarder avec un ami qui s'appelait Ângelo. Lorsqu'elle passa tenant ses sacs à la main, le jeune homme chercha à savoir qui était « cette jolie fille » et demanda à faire sa connaissance. Elle se souvient : « Un jour mon frère me demanda si cela me dirait d'aller faire un tour à Paris avec lui et un ami et voilà que l'ami arrive en voiture ». Ângelo commença tout de suite à lui faire la cour, même quand il fallut choisir comment s'asseoir dans la voiture. Le frère et sa petite amie s'assirent sur la banquette arrière et Maria Da Concei-





dos no banco de trás e Maria Da Conceição foi sentada à frente, bem ao seu lado até aos Champs Elysées. Esta foi apenas a primeira de muitas viagens que fizeram juntos. No final do passeio, Ângelo ganhou coragem e perguntou:

- *A menina tem namorado?*
- *Eu não. Ainda sou muito nova para isso.*
- *Posso voltar a vê-la no domingo?*
- *Pode, se assim quiser...*

O casamento

Começaram a sair no dia 3 de outubro de 1975. Ângelo já tinha 25 anos e uma má fama verdade seja dita. Na fábrica onde a mãe trabalhava, “toda a gente dizia que ele namorava com muitas raparigas, corria de mulher

em mulher, mas depois ficavam todas sozinhas”. “A minha mãe até estava sempre a chamar-me a atenção e dizia que ele tinha mesmo má reputação, mas eu dizia para ela não se preocupar”, recorda. No dia de Natal, o jovem apareceu em casa da família carregado de presentes. Ofereceu um bom vinho e garrafas de whisky, procurando conquistar pelo menos a lealdade do sogro. “O meu pai gostava de bom vinho e antigamente, como a vida era complicada, ele não comprava aqueles bons vinhos de Bordéus. O meu marido apareceu lá com essas garrafas, mas com segundas intenções também”, diz sorrindo. Maria Da Conceição não recebeu um anel, se é isso que vocês estão a pensar. Ângelo ofereceu-lhe apenas um relógio, mas aquela prenda desenxabida, escondeu uma bela metáfora. É que os dois iam começar a passar mais tempo juntos.



çao s'assit à l'avant, tout à côté d'Ângelo, jusqu'aux Champs Elysées. Ce voyage fut le premier de nombreux autres qu'ils firent ensemble. A la fin de l'expédition, Ângelo s'enhardit et demanda :

- Tu as un amoureux ?
- Moi, non. Je suis encore jeune pour ça.
- Est-ce que je peux te revoir dimanche ?
- Tu peux, si tu veux

Le mariage

Ils commencèrent à sortir ensemble le 3 octobre 1975. Ângelo avait déjà 25 ans et une mauvaise réputation, il faut le reconnaître. A la fabrique où travaillait sa mère, « tout le monde disait qu'il sortait avec beaucoup de filles, que toutes finissaient toute seules, qu'il était un coureur de jupons ». « Ma

mère me disait tout le temps de faire attention et répétait qu'il avait vraiment mauvaise réputation, mais je lui répondais de ne pas se préoccuper », se souvient. Le jour de Noël, le jeune homme arriva à la maison chargé de cadeaux. Il offrit un bon vin et des bouteilles de whisky ; il cherchait à conquérir au moins le soutien du beau-père. « Mon père aimait le bon vin et comme, avant, la vie était compliquée, il n'achetait pas ces bons vins de Bordeaux. Mon mari est arrivé là avec ces bouteilles, mais avec d'autres intentions également », sourit-elle. Maria Da Conceição n'a pas reçu de bague si à cela que vous pensez. Ângelo ne lui offrit qu'une montre, mais ce cadeau si peu glamour, cachait une belle métaphore. Cela signifiait que les deux jeunes gens allaient passer plus de temps ensemble.

« Je veux vous demander la main de votre fille », dit fermement Ângelo. Le visage du père changea. Il essaya d'abord

"Eu quero pedir-lhe a mão da sua filha", disse Ângelo de modo assertivo. O pai mudou de figura e primeiro procurou demovê-lo. "Ela é ainda muito nova. Ainda não sabe passar a ferro, nem cozinhar e só tem 17 anos", replicou. Maria Da Conceição diz que nunca mais se esquece desta conversa. O jovem não cedeu à pressão do pai, insistiu no casamento e no dia 15 de agosto de 1976 estava à sua espera no altar. A festa foi num quintal em Portugal, "debaixo de umas ramadas" e reuniu mais de 100 pessoas. No final, "não houve dinheiro para lua-de-mel". O pai deu apenas "três contos" para passarem uma noite no Hotel Ofir. "No início, eu tinha medo que fosse uma ilusão, mas não foi. Trabalhámos e vivemos juntos já há 40 anos e nunca tivemos problemas", sublinha.

Ao lado de um grande homem...

Há sempre uma grande mulher como diz o ditado. Esta história diz-nos precisamente isso. Quando casaram, Ângelo trabalhava para uma empresa chamada Alfyma, mas "o patrão prometia muitas coisas e nunca cumpria". Um dia decidiu criar uma sociedade, foi anunciar ao chefe que se ia lançar por conta própria e assistiu a uma reacção inesperada. "Ele exaltou-se, começou a dizer que ia dar ao meu marido algumas ações e depois teve um ataque cardíaco", conta. Apesar do susto, o empresário resistiu, mas ficou sem o funcionário predilecto. Antes de se despedir, Ângelo prometeu "que nunca lhe roubaria um cliente" e o casal trabalhou seguindo sempre esse princípio. Maria Da Conceição tirou um curso de contabilista e gestão financeira, apoiou o marido na criação



de le dissuader. « Elle est encore très jeune. Elle ne sait pas repasser, ni cuisiner et n'a que 17 ans », répondit-il. Maria Da Conceição dit qu'elle n'a jamais oublié cette conversation. Le jeune homme ne céda pas à la pression du père, il insista et le 15 août 1976 il attendait Maria devant l'autel. La fête eut lieu dans une cour au Portugal, « sous une tonnelle » et réunit 100 personnes. Finalement, « il n'y avait plus d'argent pour la lune de miel ». Mon père nous donna seulement « trois mille » pour passer une nuit à l'hôtel Ofir. « Au début, j'avais peur que ce ne fût qu'une illusion, mais ce ne fut pas le cas. Cela fait 40 ans que nous travaillons et vivons ensemble et nous n'avons jamais eu de problème », souligne-t-elle.

Aux côtés d'un grand homme

Il y a toujours une grande femme comme dit le proverbe. Cette histoire nous le confirme. Lorsqu'ils se marièrent, Ângelo travaillait pour une entreprise appelée Alfyma, mais « le patron promettait beaucoup de choses et ne tenait jamais ses promesses ». Un jour Ângelo décida de fonder une société, il annonça à son chef qu'il allait se mettre à son compte et la réaction fut inattendue. « Il s'enthousiasma, commença à dire qu'il allait donner à mon mari quelques actions et ensuite il eut une attaque cardiaque », raconte. Malgré le choc, l'entrepreneur résista, mais perdit son employé préféré. Avant de s'en séparer,





de uma empresa em Versalhes e especializaram-se essencialmente na criação de tapetes rolantes e materiais para aeroportos, fábricas e indústrias.

Cinco anos depois, o antigo patrão de Ângelo bateu à porta e apresentou uma proposta para vender a empresa ao casal. "Naquela altura o nosso trabalho estava a correr muito bem, mas nós não tínhamos dinheiro para comprar uma empresa que valia quatro milhões de francos. Eu disse ao meu marido que podíamos vender a casa e comprar a Alfyma porque eu sabia que ele também tinha ajudado a fundar aquela empresa praticamente". O casal vendeu a casa que tinha no valor de dois milhões de francos, alugou um apartamento, pediu um empréstimo ao banco e lançou-se numa nova aventura. "Eu acho que só uma mulher que confia muito no marido é que faz isto. Eu tinha uma casa muito boa, mas vendi-a para ter uma empresa", refere.

Ângelo promit « qu'il ne lui volerait jamais un client » et le couple travailla toujours en suivant ce principe. Maria Da Conceição suivit des cours de comptabilité et de gestion financière, aida son mari dans la création d'une entreprise à Versailles et ils se spécialisèrent essentiellement dans la fabrication d'escalators et de matériels pour aéroports, usines et industries.

Cinq ans plus tard, l'ancien patron d'Ângelo vint frapper à leur porte et proposa de leur vendre son entreprise. « A cette époque notre travail marchait bien, mais nous n'avions pas l'argent pour acheter une entreprise qui valait quatre millions de francs. J'ai dit à mon mari que nous pouvions vendre la maison et acheter l'Alfyma parce que je savais qu'il avait aidé à la fondation de cette entreprise ». Le couple vendit la maison pour deux millions de francs, loua un appartement, sollicita un emprunt de la banque et se lança dans une nouvelle aventure. « Je crois que seule une femme qui fait vraiment confiance en son mari peut faire cela. J'avais une très bonne maison, mais je l'ai vendue pour avoir une entreprise », rappelle-t-elle.



“É um orgulho ver o nosso nome nesses aeroportos”

Actualmente a Alfyma é uma referência no mercado, trabalha para “grandes empresas como a Coca-Cola ou Fnac” e tem o seu nome espalhado por vários aeroportos e indústrias. “Já fizemos um Aeroporto em Córsega, uma grande parte do Aeroporto de Roissy - Charles de Gaulle e também trabalhámos em Orly. Quando se pousa a mala naquele tapete para fazer a pesagem, depois em baixo há tapetes por todo o lado e nós fizemos essa montagem toda. Em Orly, quem viajar pela Ryanair ou Transavia, até consegue ver o nome Alfyma nos tapetes rolantes. É um orgulho ver o nosso nome nesses aeroportos”. Maria Da Conceição está encarregue da gestão financeira das empresas. Todos os anos passam milhões de euros pelas suas mãos e é responsável pela contabilidade. Ângelo ocupa-se mais das encomendas e dos clientes.

Os dois filhos do casal também já estão ligados à em-



presa e começaram a trabalhar muito cedo na Alfyma. David, o filho mais novo, é responsável pelo sector aeroportuário e recentemente liderou a criação de uma instalação nova no Aeroporto de Lisboa. “Eu até acho que esse aeroporto deu sorte ao meu filho David. Nós criámos uma máquina de controlo nova que permite ver todos os aparelhos e já não é preciso tirar o iphone ou ipad para passar porque controla tudo automaticamente. É uma coisa pioneira no mundo, fomos nós que inventámos e colocámos”, conta. Já Steve, o filho mais velho, está mais ligado à criação de indústrias e fábricas de tratamento de resíduos. Neste momento, a Alfyma tem mais de 200 funcionários, mas todos os anos reúne colaboradores e família para uma festa. “No ano passado alugámos um grande barco e fomos para o Rio Sena com mais de 200 pessoas porque convidámos os maridos e as mulheres. Quando chegaram, as senhoras tiveram um ramo de flores e um cheque de prémio. Os senhores receberam uma medalha e uma garrafa de Vinho do Porto de 50 anos. É preciso reconhecer o trabalho deles porque sozinhos não somos nada”, sublinha.



« C'est une fierté de voir notre nom dans ces aéroports »

Actuellement Alfyma est une référence sur le marché, elle travaille pour de « grandes entreprises comme Coca-Cola ou la Fnac » et son nom s'étale dans plusieurs aéroports et industries. « Nous avons fait l'aéroport de Corse, une grande partie de l'aéroport de Roissy – Charles de Gaulle et nous avons également travaillé à Orly. Lorsque vous déposez votre valise sur ce tapis pour la peser, imaginez qu'en bas il y a des tapis partout et nous les avons tous montés. A Orly, ceux qui voyagent par Ryanair ou Transavia peuvent même voir le nom d'Alfyma sur les tapis roulants. C'est une fierté de voir notre nom dans ces aéroports ». Maria Da Conceição est en charge de la gestion financière des entreprises. Tous les ans des millions d'euros passent par ses mains et elle est responsable de la comptabilité. Ângelo s'occupe des commandes et des clients.

Les deux fils de Maria et Ângelo font également partie de

l'entreprise et ont commencé à travailler très tôt chez Alfyma. David, le plus jeune, est responsable du secteur aéroportuaire et a récemment dirigé la création d'une nouvelle installation à l'Aéroport de Lisbonne. « Je crois que cet aéroport a porté chance à mon fils David. Nous avions créé une nouvelle machine de contrôle qui permet de voir tous les appareils sans retirer les i-phones ou les i-pads des bagages parce que tout est contrôlé automatiquement. C'est une première dans le monde, nous l'avons inventée et installée », raconte. Quant à Steve, l'aîné, il est plus proche du monde des industries et des usines de traitement des déchets. En ce moment, Alfyma emploie plus de 200 personnes qu'elle réunit chaque année pour une grande fête. « L'année dernière nous avons loué un grand bateau et avons fait une ballade sur la Seine avec plus de 200 personnes parce que nous invitons aussi les conjoints. A leur arrivée les dames ont reçu un bouquet de fleurs et une prime en chèque. Les messieurs ont reçu une médaille et une bouteille de vin de Porto de 50 ans d'âge. Il est nécessaire de reconnaître leur travail car tout seuls nous ne sommes rien », souligne-t-elle.

Mãe e Mulher com “M” grande

Maria Da Conceição tornou-se numa empresária de sucesso em França, mas tem um amor incondicional por Portugal e faz questão de o passar de geração em geração. “Eu já estou em França há mais de 47 anos e sou portuguesa, os meus filhos são portugueses e as minhas netas também”. Há oito anos, a família comprou uma casa em Barcelos, que foi do jogador de futebol Hugo Viana, e todos os meses gosta de ir apreciar a paisagem minhota e ver o que a terra produz. Nesse concelho, na freguesia de Perelhal, a empresária foi também nomeada Madrinha da Associação (APS) e ajuda todos os anos a organização que apoia os idosos da aldeia. Quando consegue, também regressa a Vila das Aves e mostra que continua a ser a “menina simples” que viram nascer. “Ainda há dias foi a casa da minha mãe e falei para o vizinho dela. Ele disse-me logo que eu continuo a ser simples. Eu acho que nós temos de nos ajudar uns aos outros. Somos todos iguais e não devemos esquecer isso”. Aos 58 anos transmite uma energia única. É o pilar da família, uma das bases da empresa Alfyma e é uma Mãe e uma Mulher com “M” grande.

Mère et Femme avec un grand M et un grand F

Maria Da Conceição est devenue une chef d'entreprise qui a bien réussi en France, mais elle porte un amour inconditionnel au Portugal qu'elle met un point d'honneur à transmettre de génération en génération. « Je suis en France depuis 47 ans et je suis portugaise, mes enfants sont portugais et mes petites-filles aussi ». Il y a huit ans, la famille a acheté à Barcelos une maison qui appartenait au joueur de football Hugo Viana, et tous les mois elle s'y rend pour admirer les paysages du Minho et découvrir ce que la terre produit. Dans cet arrondissement, dans la municipalité de Perelhal, la chef d'entreprise a été nommée Marraine de l'Association (APS) et tous les ans, soutient l'organisation qui vient en aide aux personnes âgées du village. Quand elle en a le temps, elle retourne à Vila das Aves et reste la « fille simple » que les habitants ont vu naître. « Il y a quelques jours, je suis allée à la maison de ma mère et j'ai parlé d'elle avec un voisin. Il m'a dit que je restais simple. Je crois que nous devons nous aider les uns les autres. Nous sommes tous égaux et nous ne devons pas l'oublier ». A 58 ans, elle déborde d'une énergie extraordinaire. Elle est le pilier de la famille, une des bases de l'entreprise, c'est une Mère et une Femme avec un grand M et un grand F.



Mário Martins

“Ir para França não foi difícil para mim, muito pelo contrário.
Significava que eu ia encontrar os meus pais e os meus irmãos”

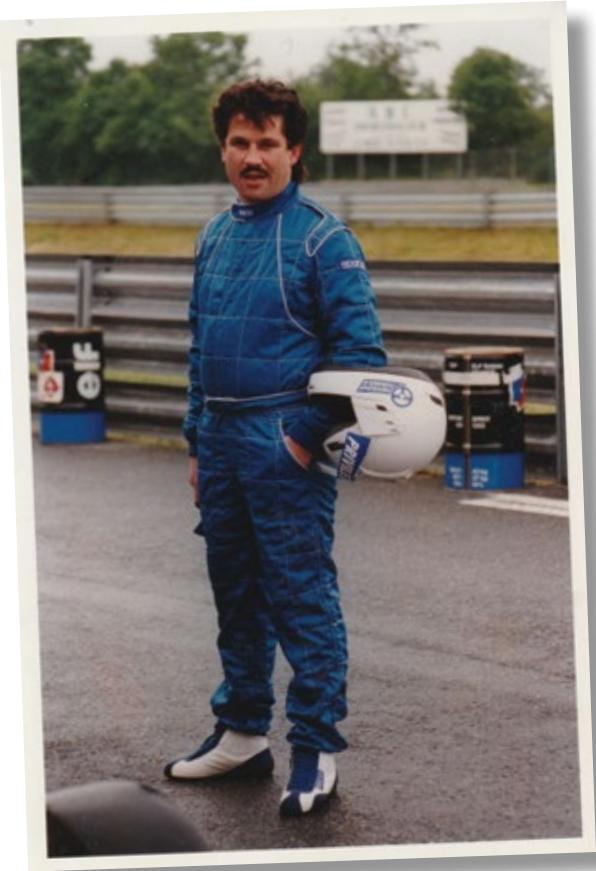
“Aller en France, n'a pas été difficile pour moi, bien au contraire.
Cela signifiait que je allais retrouver mes parents et mes frères”





F

Entrámos a bordo de um barco no Porto e navegámos seguindo a corrente e a riqueza do imaginário duriense. Por todo o Rio Douro ouvem-se lendas de princesas mouriscas, histórias de moças namoradeiras, cavaleiros, ninfas e até lobisomens. Há de facto segredos, mas as águas levam-nos para o mar, não permitindo qualquer inconfidênciia, nem nas próximas entrelinhas. Entre estes montes e vales verdejantes, encontrámos Mário e Adélia Martins observando a paisagem. Tal como o Douro, este casal também nasceu num país, mas foi desaguar noutro. Deixaram os berços, cortaram caminho, cavaram o seu próprio leito e construíram um percurso que merece ser contado. Quando era miúdo, Mário Martins ia até ao Aeroporto de Orly de bicicleta só para ver os aviões descolar. Mais de 40 anos depois é piloto nos tempos livres e dá asas aos sonhos de centenas de crianças graças à iniciativa de solidariedade Baptismo de Voo. Adélia Martins tinha apenas três anos quando foi para França, mas lembra-se bem da viagem que fez escondida debaixo de um banco. Hoje é contabilista e uma das fundadoras da MRTI, uma grande empresa de transportes sediada em Paris. Tal como o rio, este casal também tem uma história d'ouro que vai desaguar nas próximas páginas.



N

Nous sommes rentrés à bord d'un bateau à Porto et nous avons navigué suivant le courant et la richesse de l'imaginaire du Douro. Tout le long du fleuve Douro on entend des légendes de princesses maures, des histoires de filles flirteuses, des chevaliers, des nymphes et même des Loup-garou. Il y a effectivement des secrets, mais les courants du fleuve les mènent vers la mer, ne permettant aucune infidélité même dans les prochains entre-lignes. Parmi ces collines et ces vallées verdoyantes, nous avons trouvé Mário et Adélia Martins regardant le paysage.

Tel que le Douro, ce couple est aussi né dans un pays, et "s'est écoulé" dans un autre. Ils ont quitté le berceau, coupé le chemin, creusé leur propre lit du fleuve et on construit un parcours qui mérite être raconté.

Quand il était petit, Mário Martins allait à vélo jusqu'à l'aéroport d'Orly, juste pour regarder décoller les avions. 40 ans après, il devient pilote pendant son temps libre et donne des ailes aux rêves de centaines d'enfants grâce à l'initiative de solidarité appelée Baptême de Vol.

Adélia Martins avait seulement trois ans quand elle est partie en France, mais se souvient bien du voyage qu'elle a fait, cachée sous un banc. Aujourd'hui elle est comptable et une des fondatrices de la MRTI, une grande entreprise de transport avec son siège à Paris. Comme le fleuve, ce couple a aussi une histoire d'or qui s'écoulera dans les pages suivantes.

As cartas de Paris

Não era a primeira vez que subiam o Douro, nem será provavelmente a última. Quando Adélia festejou 40 anos, reuniram a família num barco e fizeram um cruzeiro. Gostaram tanto da experiência que prometeram sempre voltar. “Ela vai festejar os 50 anos e nós vamos voltar a subir o Douro. Há dez anos, eu aluguei um barco equivalente a este e organizámos também a festa assim”, recorda Mário. Antes de se tornar num empresário de sucesso em Paris, passou “por vários momentos difíceis”, mas Adélia foi sempre “um pilar essencial”, o “braço direito” e muitas vezes o esquerdo também, por isso, a rota era mais do que um simples passeio e significava também um agradecimento. Se fossemos poéticos ou cínicos no que toca ao amor, diríamos que em todos os universos os astros alinharam-se para que eles se conhecessem, mas vamos optar pela versão real e dizer que este foi apenas mais um acaso feliz da emigração. Mário e Adélia emigraram para França ainda pequenos e guardam poucas recordações da infância em Portugal. Sentados num banco do barco a olhar para o Rio Douro, as memórias fluíram mais depressa e permitiram-nos recuar até à década de 70. Viajámos até ao ano em que trocaram as pacatas aldeias do interior do país pelo frenesim da Cidade Luz.

Em Vila Nova de Foz Côa, de onde Mário é natural, alguns vizinhos já tinham emigrado para França e ostentavam melhores casas, carros e condições de vida. Na pequena aldeia de Santa Comba, a vida dos novos emigrantes não passava despercebida, nem escapava ao

Lettres de Paris

Ce n'était pas la première fois qu'ils remontaient le Douro, et ce ne sera probablement pas la dernière. Quand Adélia a fêté ses 40 ans, ils ont réuni la famille sur un bateau et ont fait une croisière. Ils ont tellement aimé l'expérience qu'ils ont promis de toujours retourner. “Elle va fêter ses 50 ans et nous recommencerons la montée du Douro. Il y a dix ans, j'ai loué un bateau pareil à celui-ci et nous avons organisé aussi une fête similaire», se souvient Mário. Avant de devenir un homme d'affaires de succès à Paris, il a vécu «plusieurs moments difficiles», mais Adélia a toujours été un «pilier important», son «bras droit» et très souvent son bras gauche aussi, c'est pourquoi la croisière était plus qu'une simple promenade. Elle symbolisait aussi un remerciement. Si nous étions poétiques ou cyniques en ce qui concerne l'amour, nous dirions que, dans tous les univers les astres se sont alignés pour qu'ils puissent se connaître, mais nous prenons parti de la version réelle et nous dirons que ça a été juste un heureux hasard de plus de l'émigration. Mário et Adélia ont émigré en France encore petits et gardent très peu de souvenirs de leur enfance au Portugal. Assis sur un banc d'un bateau regardant le fleuve Douro, les souvenirs affluaient plus rapidement et nous ont permis de reculer jusqu'aux années 70. Ils ont voyagé jusqu'à l'année où ils ont changé les villages tranquilles de l'intérieur du pays par la frénésie Ville Lumière.

Dans Vila Nova de Foz Côa, ville natale de Mário, certains voisins avaient déjà émigré en France et étaient de meilleures maisons, des meilleures voitures, ainsi que des meilleures conditions de vie. Dans le petit village de Santa Comba, la vie des nouveaux émigrants ne passait pas inaperçue, et





olhar atento da família Martins. Sonhavam também puder um dia, quem sabe, vir a ter a mesma sorte e apresavam os planos para sair de Portugal. O pai de Mário foi o primeiro a deixar a aldeia que o viu nascer, deixando para trás os filhos e a esposa. Naquela altura, Mário era ainda uma criança e ficou entregue aos cuidados da irmã mais velha, a doce Luísa que contou-nos com as lágrimas nos olhos as dificuldades que sentiram. Apesar da mãe não querer deixar Vila Nova de Foz Côa, Luísa estava convicta que esse era o melhor caminho e procurou contornar a situação. Chegou a responder às cartas do pai sem a mãe saber, quase levou um bom raspanete, mas no final tudo correu como planeado. “O meu pai escrevia-nos e pedia para a minha mãe ir também para França, mas ela não queria. Sempre que ele envia-

va essas cartas, eu respondia e dizia que podia arranjar um apartamento para a minha mãe ir. Ela não sabia que eu fazia isso e eu tinha medo que ficasse chateada, mas isso não aconteceu. O meu pai arranjou um apartamento e mais tarde ela foi também para França”, recorda. Quando emigrou, levou logo os dois filhos mais novos, Manuel e Jorge, mas Luísa ficou ainda a tomar conta dos irmãos Mário e José Martins até eles terminarem a quarta classe e esperou que tivessem todas as condições reunidas para se juntarem à família. “Para os meus irmãos foi um período muito difícil, mas eu já conhecia algumas pessoas que estavam em França e tinham melhores casas e condições de vida, por isso, só queria que os meus pais também tivessem a mesma oportunidade. Eu queria que eles fossem alguém na vida e, a



n'échappait pas au regard attentif de la famille Martins. Ils rêvaient aussi, pouvoir un jour, qui sait, avoir la même chance et ont accéléré le projet de quitter le Portugal. Le père de Mário a été le premier à quitter le village qui l'a vu naître, laissant derrière soi ses trois enfants et son épouse.

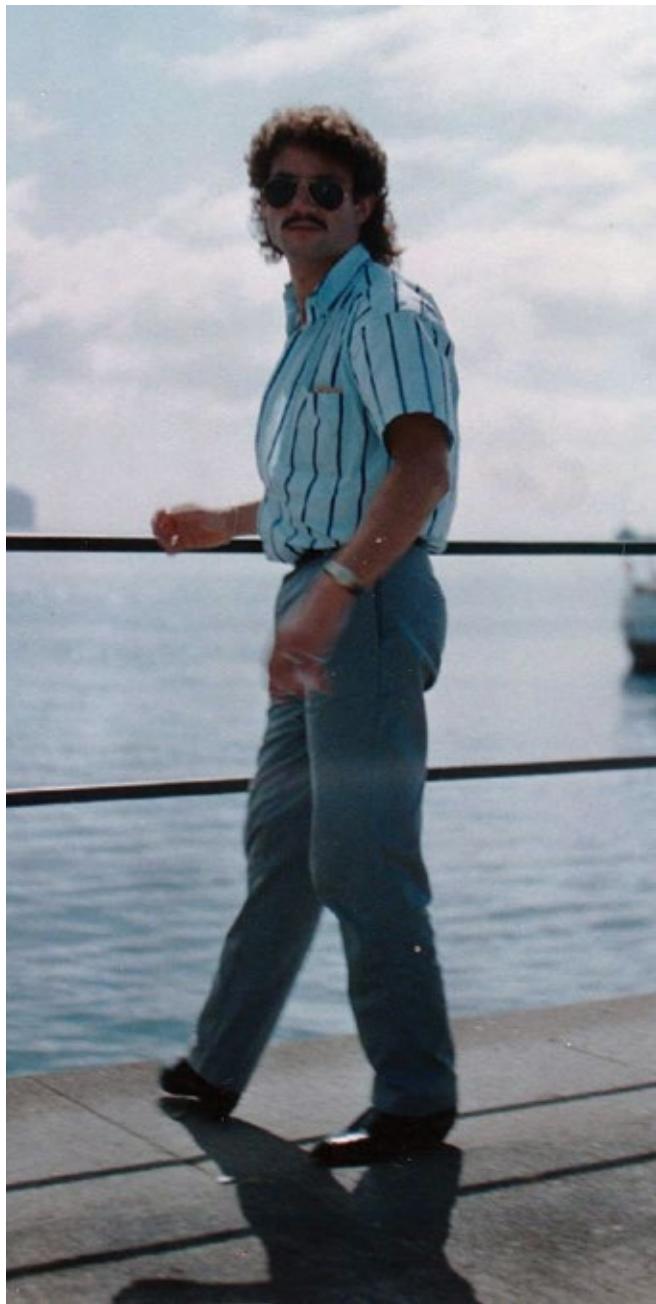
À l'époque, Mário était encore un enfant et a été laissé à la garde de la sœur aînée, la douce Luísa qui nous a raconté les larmes aux yeux les difficultés qu'ils ont vécues. Malgré le refus de la mère à quitter Vila Nova de Foz Côa, Luísa était convaincue que c'était la meilleure décision et a cherché à contourner la situation. Elle a même répondu aux lettres du père sans que la mère le sache, elle avait presque reçu une bonne engueulade, mais à la fin tout s'est passé comme prévu. «Mon père nous écrivait nous demandant de convaincre ma mère à partir en France, mais elle ne voulait pas.

Chaque fois qu'il envoyait ces lettres, je répondais en lui disant qu'il pouvait trouver un appartement pour que ma mère puisse le rejoindre. Elle ne savait pas que je faisais cela et je craignais sa colère, mais cela n'est jamais arrivé. Mon père a trouvé un appartement et, plus tard elle aussi est partie en France », se souvient-elle. Quand elle est partie elle a pris les plus jeunes, Manuel et Jorge. Luisa a pris soin de Mário et José Martins jusqu'à ce qu'ils finissent l'école primaire et a attendu jusqu'à ce que toutes les conditions soient réunies, pour leur départ en France. «Pour mes frères, cette période a été très difficile, mais je connaissais quelques personnes qui vivaient en France et qui avaient des meilleures maisons et aussi des meilleures conditions de vie. Pour cela, je voulais que mes parents puissent eux aussi avoir cette chance. Je voulais qu'ils puissent devenir quelqu'un dans la vie dans la vie, ce que peu à peu, ils

pouco e pouco, eles conseguiram”, acrescenta já num tom emocionado. Hoje Mário não esconde a admiração que sente pela irmã mais velha e diz que ela foi “como uma segunda mãe”. Naquele ano foi provavelmente o melhor aluno em Vila Nova de Foz Côa porque queria mesmo viajar para Paris. “Eu queria alcançar depressa a quarta-classe para ir para França. Emigrar não foi difícil para mim, muito pelo contrário. Significava que eu ia encontrar os meus pais e os meus irmãos”.

Voar mais alto

Mário Martins foi viver para uma casa perto de Paris Orly. Quando acabavam as aulas, pegava na bicicleta e ia com um amigo até perto do aeroporto para ver os aviões descolar. “Hoje vê-se um avião descolar de três em três minutos, mas naquela altura demoravam 20 minutos, às vezes até mais. Eu ficava ali horas a fio só para ver um avião aterrarr e outro descolar”. Durante tardes inteiras imaginava como seria ser piloto e ganhar asas para voar, mas foi com os pés bem assentes na terra e a pisar alcatrão que conquistou o sucesso empresarial. Depois de alcançar um diploma, Mário começou a trabalhar e com apenas 23 anos criou o seu próprio negócio. Um pequeno empréstimo do pai foi suficiente para abrir a empresa de transportes MRTI e lançar-se por conta própria. “Os meus pais eram muito modestos, não tinham muito dinheiro, mas naquela altura emprestaram-me 40 mil francos para eu comprar um camião velho porque acreditaram no meu projecto”, afirma. Começou com um pequeno empréstimo, como



ont réussi», ajoute-t-elle dans un ton ému. Aujourd’hui, Mário ne cache pas l’admiration qu’il éprouve pour la sœur aînée et dit qu’elle a été “comme une deuxième mère.”

Cette année-là, Mário a été probablement le meilleur élève de Vila Nova de Foz Côa parce qu’il voulait vraiment partir à Paris. «Je voulais finir rapidement de l’école primaire pour aller en France. Émigré n’a pas été difficile pour moi, bien au contraire. Cela signifiait retrouver mes parents et mes frères.»

Mário Martins e o filho Lonni



Voler plus haut

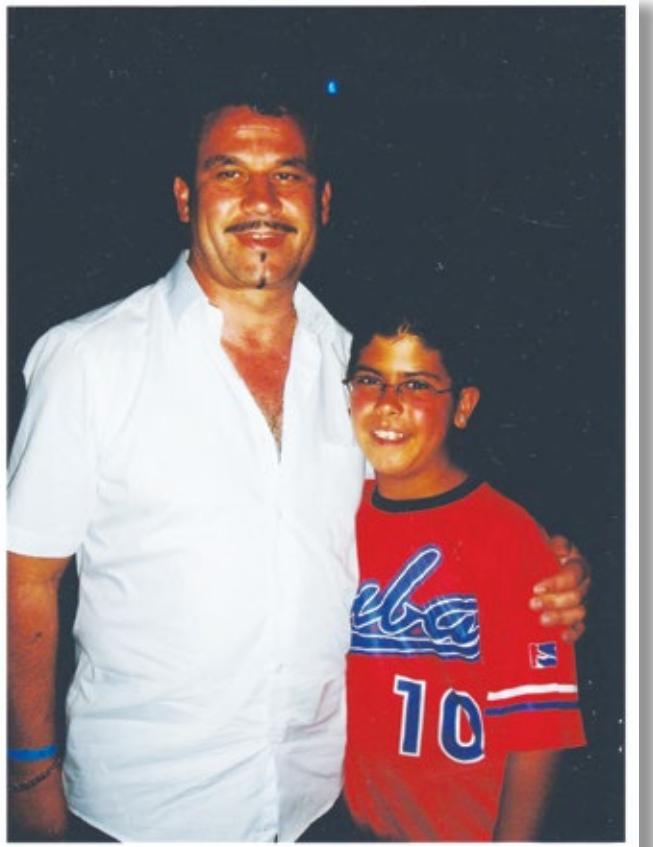
Mário Martins est allé habiter un appartement près de Paris Orly. Lorsque l’école terminait, il prenait le vélo et partait avec un ami près de l’aéroport pour voir les avions décoller. «Aujourd’hui, nous voyons un avion décoller toutes les trois minutes, mais à cette époque là, il fallait attendre 20 minutes et parfois même plus pour voir partir un avion. Je restais là-bas des heures, et des heures juste pour voir un avion atterrir et un autre décoller». Pendant des après-midi entiers il essayait d’imaginer comment pouvait être la sensation d’être pilote et de gagner des ailes pour voler, mais c’est avec les pieds bien posés sur terre et marchant sur le goudron qu’il a conquis la réussite de son entreprise.

Après avoir obtenu son diplôme, Mário a commencé à travailler et à peine avec 23 ans il a créé sa propre affaire. Un petit emprunt de son père a été suffisant pour créer l’entreprise de transports MRTI et pour se lancer à son propre compte. «Mes parents étaient très modestes, n’avaient pas beaucoup d’argent, mais à cet époque là, ils m’ont prêté 40.000 francs pour que je puisse acheter un premier camion d’occasion parce qu’ils ont cru à mon projet», dit-il.

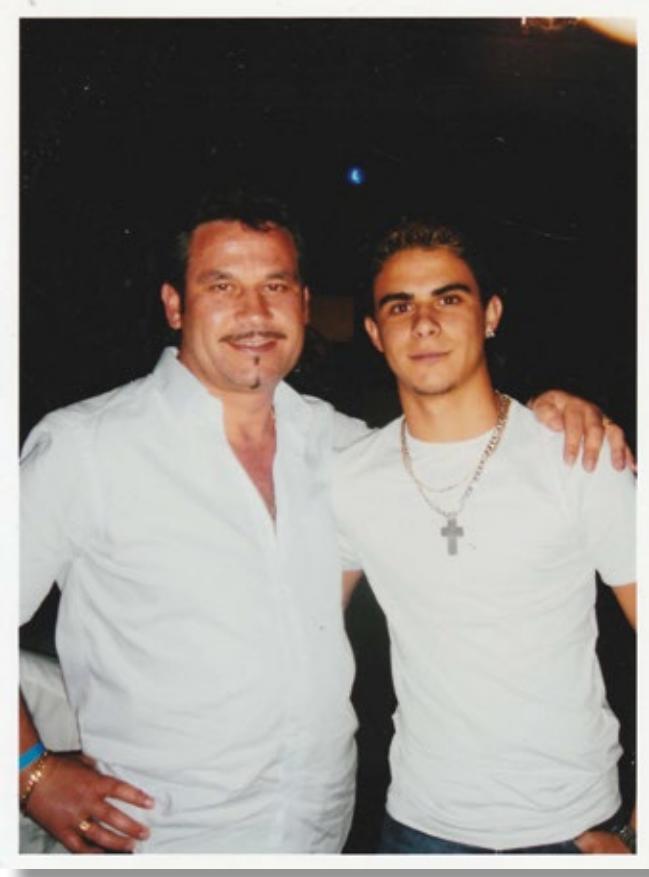
um pequeno empresário com apenas um camião, mas actualmente já tem uma frota com mais de 300 viaturas. Ao volante da MRTI conseguiu voar mais alto e conheceu a mulher que está sempre ao seu lado. Durante o primeiro ano, procurou uma contabilista de confiança, capaz de o ajudar na administração da empresa enquanto ele atendia os primeiros clientes, mas contas feitas, acabou por conseguir muito mais. "Uma empresa sem uma contabilista não pode funcionar e, curiosamente, a minha esposa tinha acabado o curso de contabilista há pouco tempo. Eu andava à procura de uma contabilista e encontrei uma esposa e uma contabilista ainda por cima bonita", conta soltando uma gargalhada. Adélia também sorria envergonhadamente, partilhando um olhar cúmplice com o marido. À semelhança de Mário, emigrou para França ainda pequena e são poucas as memórias que tem de Portugal, mas não se esquece da primeira viagem que fez de comboio até Paris.

"Eu vim escondida desde Portugal até França"

Nas vésperas de viajar para França, foi com a mãe até ao Registo Civil. Do outro lado do balcão encontraram uma funcionária pouco simpática que rasgou os passaportes dos filhos e disse que não podiam emigrar. Adélia era apenas uma criança que trocava os primeiros passos e pedia colo, mas lembra-se do momento como se fosse ontem. "Naquele dia a minha mãe disse que se não deixavam os filhos viajar para França legalmente, nós viríamos a salto e foi isso mesmo que aconteceu".



Os pais já tinham estado em Paris e queriam reunir a família, mas pelo caminho encontraram obstáculos que quase deixaram esse plano cair por terra. Adélia não sabia o significado da expressão "a salto" nem tão pouco compreendia o que se passava, mas assim que entrou no comboio percebeu melhor. "Eu vim escondida desde Portugal até França debaixo de um banco. Disso ainda me lembro muito bem. Era ainda muito nova, mas aquela imagem ficou para sempre gravada na minha memória". Em Paris cresceu, estudou e tirou o curso de contabilista. Um dia foi ao casamento de uma prima e conhe-



Il a commencé avec un petit emprunt, tel qu'un petit entrepreneur juste avec un camion, mais actuellement il possède une flotte de plus de 300 véhicules.

Au volant de MRTI, il a réussi à "voler" plus haut et il a connu la femme qui est encore aujourd'hui à ses côtés. Au cours de la première année, il a cherché un comptable fiable capable de l'aider dans la gestion de la entreprise, pendant qu'il recevait les premiers clients, mais au final, il a fini par obtenir beaucoup plus. "Une société sans un comptable ne peut pas fonctionner et, curieusement, ma femme venait de finir des études en comptabilité, récemment. Je cherchais un

comptable et j'ai trouvé une épouse et une comptable, d'autant plus, très belle", dit-il éclatant de rire. Adélia aussi, souriait timidement, partageant un regard complice avec son mari. Tel que Mário, elle a émigré en France encore très petite et elle a peu de souvenirs du Portugal, mais n'a pas oublié le premier voyage en train jusqu'à Paris.

J'ai voyagé cachée du Portugal jusqu'en la France

La veille du voyage en France, elle est allée avec sa mère au bureau d'état civil (mairie). Derrière le comptoir, elles ont trouvé une employée peu sympathique qui a déchiré les passeports des deux enfants et leur a dit qu'ils ne pouvaient pas émigrer. Adélia était juste un enfant qui marchait à peine et réclamait les bras de sa mère, mais elle se rappelle comme si c'était hier. "Ce jour-là, ma mère a dit que s'ils n'autorisaient pas le départ légal des enfants en France, ils partiraient a salto (illégalement) ce qui est arrivé." Les parents avaient déjà été à Paris et voulaient réunir la famille, mais sur le chemin ils ont rencontré des obstacles qui ont presque jeté à terre le plan. Adélia ne connaissait pas le sens de l'expression «a salto», encore moins ce qui se passait, mais aussitôt dans le train elle l'a mieux réalisée. «Je suis venu du Portugal jusqu'en France cachée sous un banc. Je me souviens bien de cela parce que malgré mon très jeune âge, cette image est restée gravé dans ma mémoire à jamais ».

À Paris, elle a grandi, étudié et fini ses études de comptable. Un jour, au mariage d'une cousine fait connaissance de celui qui deviendrait son fiancé. Adélia et Mário Martins ont



ceu aquele que viria a ser também o seu noivo. Adélia e Mário Martins eram as testemunhas do matrimónio e conversaram pela primeira vez naquela tarde, mas um mal-entendido quase arruinou o arranjo perfeito. “Durante o casamento o meu marido pensou que o meu irmão era o meu namorado. Só quando um amigo lhe explicou quem era aquele rapaz é que ele percebeu que eu estava sozinha e veio ter comigo”, conta sorrindo. Naquela altura, Adélia já trabalhava para uma Sociedade de Contabilidade em Paris, mas deixou o cargo para apoiar o lançamento da MRTI. “Eu tive que escolher entre ficar na sociedade ou ajudar o meu marido na empresa de transportes e escolhi o meu marido. Eu não escolhi a minha carreira, não escolhi o meu emprego acima de tudo, por isso, entreguei a minha demissão e continuei a trabalhar com o meu marido, apoando-o”. Já estão juntos há mais de 30 anos, mas “o trabalho fica no escritório, a vida

familiar fica em casa”. Adélia reconhece que Mário “é o pilar da sociedade, o Presidente”, o verdadeiro ponta de lança da equipa que está sempre “ligado a muitos projectos e pronto a lançar coisas novas”. Ela prefere jogar à defesa e fica atrás para chamar a atenção e apostar no seguro. “Na verdade, nós completamo-nos e eu acho que o sucesso da sociedade MRTI também vem daí”.

Uma casa portuguesa e uma empresa internacional

Neste momento, a empresa de transportes já tem mais de 300 livretes. Para além da sede localizada em Pavillons Sous Bois, nos arredores de Paris, tem instalações em Lyon, em Portugal e correspondência em Estrasburgo e Bordéus. Mário Martins lembra sempre que “uma empresa não se constrói facilmente” e não esquece os



été les témoins du mariage et ont parlé pour la première fois cet après-midi-là, mais un malentendu avait presque ruiné l'arrangement parfait. «Pendant le mariage, mon mari a cru que mon frère était mon petit ami. Seulement après avoir appris par un ami que ce garçon était mon frère, il a compris que j'étais seule et est venu me voir», raconte-t-elle souriant.

À cette époque-là, Adélia travaillait déjà pour une société de comptable à Paris, mais a laissé son poste pour soutenir les débuts de MRTI. «Je dû choisir entre rester dans la société comptable où j'étais ou aider mon mari dans son entreprise de transports et j'ai choisi ce dernier. Je n'ai pas choisi ma carrière, je n'ai pas choisi mon emploi avant tout, j'ai décidé de présenter ma démission et j'ai continué à travailler avec mon mari, pour le soutenir.»

Ils sont ensemble depuis plus de 30 ans, mais «le travail reste au le bureau, la vie familiale à la maison.» Adélia reconnaît que Mário «est le pilier de la société, le Président», le véritable

fer de lance de l'équipe qui est toujours «sur des nombreux projets et prêt à lancer de nouvelles choses». Elle préfère jouer à la défense et rester en arrière-plan pour attirer l'attention et parier dans ce qui est sûr. «En fait, nous nous complétons et je pense que le succès de la société MRTI vient aussi de là.»

Une maison portugaise et une entreprise internationale

À l'heure actuelle, l'entreprise de transports a déjà plus de 300 livrets. En plus du siège social à Pavillons Sous-Bois, dans les environs de Paris, elle dispose d'installations à Lyon, au Portugal et une correspondance à Strasbourg et Bordeaux. Mário Martins se rappelle toujours «qu'une entreprise ne se construit pas facilement» et n'oublie pas le personnel qui parcourt l'Europe au volant. «Nous avons des collaborateurs qui travaillent avec nous depuis le début de notre acti-

funcionários que percorrem a Europa ao volante. "Nós temos colaboradores que já trabalham connosco desde o início da nossa actividade e outros que chegaram mais tarde claro, mas eu tenho que lhes reconhecer o mérito. A MRTI não era nada sem eles", afirma. Na empresa há funcionários poloneses, franceses, vietnamitas, algerianos, italianos, espanhóis e, claro, portugueses. Mais de metade dos condutores são de Portugal, mas Adélia lembra que o objectivo da empresa é ser internacional. "Nós temos clientes alemães, italianos, americanos e asiáticos, por isso, é importante ter pessoas que falem esses idiomas. Isso permite-nos alargar os nossos horizontes". Neste momento, confessam que ainda não sabem se a continuidade da empresa ficará assegurada pelos filhos, mas gostavam de passar o testemunho da MRTI à próxima geração da família Martins.

O casal já tem dois filhos e dois netos ainda pequenos. Apesar de terem construído esta família em França, todos os anos fazem questão de regressar às origens e viajam até Portugal. Em Vila Nova de Foz Côa, Mário restaurou a casa onde nasceu, participa na Festa da Nossa Senhora da Saúde em Santa Comba e reúne a família durante o mês mais querido do ano. A casa onde viveu até aos 10 anos ficou em ruínas quando os pais emigraram para França, mas recentemente os filhos voltaram para restaurar as paredes e recuperar aquele legado. "Nós comprámo-la porque faz parte da história dos meus pais e porque também nascemos lá. Eu queria fazer um espaço para passar o verão, estarmos todos juntos e para organizar umas "patuscadas" durante as férias". Ainda



este ano, em agosto, Mário foi até essa casa, esteve com a família, levou o andor de S. Sebastião na procissão e andou pela aldeia com o neto mais novo ao colo. Já estão há mais de 40 anos em França, mas todos os anos regressam ao berço da terra natal para preservar a tradição, manter a história e honrar a memória. "Nós queremos guardar a nossa história e queremos ficar com aquela casa para sempre", sublinha.

Asas para sonhar

O barco avançava pelo Rio Douro adentro em direcção à Régua e as memórias desalinhadas do casal continuavam a flutuar. De repente voltámos à história do menino que ia todos os dias até ao Aeroporto de Orly. Voltámos àquela paixão assolapada pela aviação que fez com que o empresário tirasse a carta de piloto. No Aérodromo



vité et d'autres qui sont arrivés plus tard, bien sûr, mais je dois reconnaître leur mérite. MRTI ne serait rien sans eux ", dit-il. Dans l'entreprise nous avons des employés polonais, français, vietnamiens, algériens, italiens, espagnols et bien sûr portugais. Plus de la moitié des conducteurs sont du Portugal, mais Adele rappelle que l'objectif de l'entreprise est d'être international. "Nous avons des clients allemands, italiens, américains et asiatiques, il est donc important d'avoir des gens qui parlent ces langues. Cela nous permet d'élargir nos horizons ». Actuellement, ils avouent ne pas savoir si la continuité de l'entreprise sera assurée par leurs enfants, mais ils aimeraient passer le témoin de MRTI à la prochaine génération de la famille Martins.

Mário et Adélia ont deux enfants et deux petits-enfants encore très jeunes. Malgré le fait d'avoir constitué famille en France, tous les ans ils tiennent à revenir aux origines et voyagent jusqu'au Portugal.

À Vila Nova de Foz Côa, Mário a restauré la maison où il est né, il participe à la fête de Notre Dame de la Santé à Santa Comba et rassemble la famille pendant le mois le plus cher de l'année.

La maison où il a vécu jusqu'à l'âge de 10 ans était tombée en ruines lorsque les parents ont émigré en France, mais récemment, les enfants sont retournés pour restaurer les murs et de récupérer l'histoire.

«Nous l'avons achetée parce que elle fait partie de l'histoire de mes parents et aussi, parce que nous y sommes nés là. Je voulais avoir un endroit pour passer l'été, où nous puissions être tous ensemble et organiser des repas pendant les vacances.»

Cette année encore, en Août, Mário a été dans cette maison, avec la famille, à la procession religieuse, a porté le brancard religieux de Saint-Sébastien et a marché à travers le village avec le plus jeune des petits-fils dans ses bras.

Ils sont en France depuis plus de 40 ans, mais tous les ans reviennent au berceau du village natal pour préserver la tradition, maintenir vivante l'histoire et honorer la mémoire.

«Nous voulons garder notre histoire et voulons garder cette maison pour toujours» ajoute-t-il.

Ailes pour rêver

Le bateau avançait sur fleuve Douro, montant en direction à Régua et les souvenirs désalignés du couple "flottaient" toujours. Tout à coup, nous sommes revenus à l'histoire du

mo de Lognes, Mário e o melhor amigo Mapril Baptista conheceram Fernando da Costa, um empresário também português que lhes deu a conhecer a iniciativa de solidariedade “Baptismo de Voo” organizada até então pela Associação Rotary Club. O projecto sensibilizou os amigos e quiseram logo participar com o apoio do Lions Club. Todos os anos, em Portugal e em França, as duas associações organizam baptismos de voo e oferecem a primeira viagem de avião a milhares de crianças com necessidades especiais. “A alegria delas durante o baptismo de voo é uma coisa fabulosa. Quando nós chegamos ao Baptismo, só temos vontade de continuar a ajudar”, conta-nos. Ainda durante o mês de junho e julho, Mário Martins participou em três Baptismos de Voo e graças ao dinheiro que sobrou, as duas associações entregaram um cheque de 10 mil euros a uma senhora que perdeu a casa durante um incêndio em Portugal. “Felizmente a nossa vida está a correr bem, mas nós sabemos que há pessoas que precisam de ajuda, principalmente estas crianças com necessidades especiais e não custa nada apoiar”. Quando a embarcação encostou no Cais, as recordações vagas também já tinha atracado. Mário e Adélia Martins sorriam enquanto contemplavam a paisagem. Aos 53 anos, o empresário português considera-se um homem feliz, mas também não “é exigente”, nem pede mais. Com uma empresa sólida no mercado e um currículo extenso no que toca ao voluntarismo, Mário já só espera “ter saúde” para continuar. “Não tenho grandes ambições. Agora só quero viver bons momentos com a minha família e com os meus amigos. Bons momentos como este que estou a viver agora”.

petit garçon qui allait tous les jours à l'aéroport d'Orly. Nous sommes retournés à cette grande passion pour l'aviation qui amène l'homme d'affaires à passer son brevet de pilote.

À l'école de pilote, il a connu Fernando da Costa, qui lui a présenté l'initiative de solidarité Baptême de vol' organisé jusqu'à là par l'Association Rotary Club et Mário a souhaité aussi participer.

Chaque année, au Portugal et en France, les associations du Rotary et du Lions Club organisent des Baptêmes de Vol et offrent le premier voyage en avion à des milliers d'enfants ayant des besoins spéciaux. «Leur joie pendant le Baptême de Vol est une chose fabuleuse. Quand nous arrivons au baptême, nous avons encore plus envie de les aider», nous raconte-t-il.

Encore pendant les mois de Juin et de Juillet, Mário Martins a participé à trois Baptêmes de vol et, grâce à l'argent qu'ils ont obtenu, ils ont remis un chèque de 10.000 euros à une femme qui avait perdu sa maison lors d'un incendie au Portugal. «Heureusement, notre vie va bien, mais nous savons qu'il y a des personnes qui ont besoin d'aide, en particulier ces enfants ayant des besoins spéciaux et ça ne couté rien de les aider.» Lorsque le bateau arrive au quai, les vagues souvenirs avaient aussi accosté. Mário et Adele Martins souriaient contemplant le paysage. A 53 ans, l'homme d'affaires portugais s'estime lui-même un homme heureux, pas «exigeant» et ne demande pas plus.

Avec une entreprise solide dans le marché et un vaste curriculum en ce qui concerne le bénévolat, Mário n'attend plus qu'«être en bonne santé» pour continuer sa vie.

«Je n'ai pas de grandes ambitions. Maintenant, je veux juste vivre des bons moments avec ma famille et avec mes amis. Des bons moments comme celui que je vis maintenant ».





2016 - 2ª Edição

Visionary Calender
Avenida D. João II, 16 - 2º esq. · 1990-095 Lisboa - Portugal

Redação

1, rue Vasco de Gama - 94460 Valenton - France

Propriedade

José Gomes de Sá - cont nº 128 275863

Diretor

Lídia Sales | lidiásales@gmail.com

Textos

Joana Inês Moreira

Tradução

Alphatrad

Isabel Costa

Jenny Jeanmart

Maria José Guimarães

Fotografias

Wilkerson Alves

João Cazenave

Maquetagem

João Cazenave | joao@cazenave.pt

Impressão

Lisgráfica, Impressão e Artes Gráficas, SA

Tiragem

10 000

lusopress@gmail.com

www.lusopress.tv

